

*Constantino Ferreira*

A PUREZA DA PALAVRA

NA

ESSÊNCIA DA FÉ CRISTÃ

**Copyright:** © Pró-Luz Editora

**Título:** A PUREZA DA PALAVRA  
na Essência da Fé Cristã

**Autor:** Constantino Ferreira

**Depósito Legal:**

**ISBN:** 972-8007-11-6

Todos os direitos reservados pela Editora para qualquer língua.

## ÍNDICE

	5		
Prefácio	5		
Introdução	7		
<b>I. DOCTRINAS FUNDAMENTAIS</b>	<b>9</b>		
Importância da sã doutrina			
<b>II. AS SAGRADAS ESCRITURAS</b>	<b>15</b>		
Inspiração das escrituras			
Iluminação das Escrituras			
Cânion das Escrituras			
Características das Escrituras			
Panorama das Escrituras			
<b>III. A EXISTÊNCIA DE DEUS</b>	<b>49</b>		
Atributos Divinos			
Nomes Divinos			
Revelação de Deus			
A Trindade Divina			
<b>IV. A EXISTÊNCIA DOS ANJOS</b>	<b>75</b>		
Anjos bons			
Anjos maus			
<b>V. A EXISTÊNCIA DO HOMEM</b>	<b>87</b>		
A Queda do Homem			
<b>VI. O EFEITO DO PECADO</b>	<b>95</b>		
A Promessa de Deus			
Expição no Antigo Testamento			
		<b>VII. JESUS CRISTO</b>	<b>103</b>
		Natureza de Cristo	
		Ofícios de Cristo	
		Suprema Obra de Cristo	
		<b>VIII. A SALVAÇÃO</b>	<b>127</b>
		Expição no Novo Testamento	
		Aspectos da Expição	
		Nova Criação	
		<b>IX. A IGREJA DE CRISTO</b>	<b>141</b>
		Descrição da Igreja	
		Serviço da Igreja	
		Organização da Igreja	
		<b>X. O ESPÍRITO SANTO</b>	<b>163</b>
		Natureza do Espírito Santo	
		Símbolos do Espírito Santo	
		Espírito Santo no Antigo Testamento	
		Espírito Santo no Novo Testamento	
		Espírito Santo na igreja	
		<b>XI. O PORVIR</b>	<b>181</b>
		Céu	
		Arrebatamento	
		Grande Tribulação	
		Messias revelado	
		Reino milenar	
		<b>XII. A PAROUSIA</b>	<b>195</b>
		<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>201</b>

## PREFÁCIO

Um livro de Teologia Sistemática escrito por autor português é sempre muito bem-vindo, qualquer que seja a linha teológica defendida pelo autor do mesmo.

A Igreja não precisa apenas de pregadores e de pastores, mas também de teólogos. Estes são até indispensáveis à construção duma Igreja para um povo, nos dias de hoje, tendo em conta a sua cultura específica e as suas idiossincrasias.

Felizmente já há muito que passou à História a velha ideia de que não devemos ensinar teologia, mas sim a Palavra de Deus. E isso, como se a Teologia Bíblica fosse outra coisa que não o discurso sobre Deus, estribado nas Escrituras.

Normalmente, quanto mais ignorante, inseguro ou mal intencionado for um líder religioso, mais ele apela contra o estudo persistente, a indagação esforçada, a preparação séria, a elaboração consciente dos próprios fundamentos dos seus liderados.

Ora a atitude cristã mais sábia e eficaz é exactamente a contrária, isto é, um questionar honesto e permanente sobre as nossas crenças e práticas (já que a nossa experiência de vida muda todos os dias!) – muito embora numa atitude de fé - pois só assim se criam convicções verdadeiras e sólidas, e só desta maneira será possível estarmos sempre prontos, como dizia o apóstolo, para apresentar “*a razão da esperança que há em nós*”.

O Pr. Constantino Ferreira esforçou-se para apresentar, nesta obra, um manual de estudo bem ordenado e sistematiza-

do, o que conseguiu. Os conhecimentos que o autor tem das línguas bíblicas, não apenas do Grego Antigo, mas também do Hebraico, contribuem fortemente para valorizar e conferir seriedade ao trabalho.

Creemos que a presente obra se reveste de grande valor e utilidade para todos os estudiosos e estudantes da Bíblia, incluindo alunos de escolas bíblicas e instituições de ensino teológico, sem esquecer os crentes em geral.

Setúbal, Junho de 1999

*J. M. Brissos Lino*

*Doutor em Teologia*

*Reitor do Seminário Teológico Internacional*

## INTRODUÇÃO

A Teologia é a ciência que estuda os assuntos relacionados com Deus, a sua natureza, os seus atributos e as suas obras. A teologia bíblica trata das doutrinas fundamentais conforme reveladas pela Bíblia Sagrada. A teologia sistemática trata dos temas bíblicos de maneira lógica e ordenada de modo a torná-los compreensivos e facilmente assimiláveis pela mente humana.

A teologia bíblica responde às grandes interrogações sobre Deus e a vida humana: Quem é Deus? Quem sou eu? Onde vim? Porque estou aqui? Para onde vou?

O conhecimento teológico é necessário aos cristãos por três motivos supremos:

1. Para conhecer a revelação do carácter de Deus.
2. Para repudiar energicamente as falsas doutrinas.
3. Para apresentar claramente a mensagem da salvação.

Assim como o nosso corpo é mantido pela espinha dorsal, também o Corpo de Cristo é mantido por doutrinas bem definidas. Doutrinas bem definidas produzem convicções sólidas e cristãos robustos que não se movem por qualquer vento de doutrina. Permanecem firmes nas doutrinas fundamentais.

A prática religiosa deve coexistir com o conhecimento teológico, assim como o conhecimento teológico deve ser acompanhado pela prática religiosa. A religião é a forma de nos aproximarmos de Deus em adoração, enquanto a teologia é o sistema doutrinário que nos prepara para a vida cristã vitoriosa.

A vida humana é uma viagem para a eternidade, e é de grande importância as pessoas saberem os propósitos da sua criação, assim como conhecer o rumo certo e o seu destino final.

A Bíblia obedece a um tema central que é o reino dos céus. Mas relacionados com este tema principal existem vários sub-temas importantes através da Bíblia. Por conseguinte, o estudo da Bíblia segue esta ordem: Escrituras, Deus, Anjos, Homem, Pecado, Salvação, Jesus Cristo, Igreja, Espírito Santo, Porvir.

Desejo que o Espírito Santo ilumine cada leitor interessado nas Grandes Verdades Bíblicas expressas neste livro, as quais podem fazê-lo sábio para a salvação. Portanto, diz o apóstolo Paulo: “procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da verdade” (2 Tm. 2.15).

Para estudar a Bíblia é necessário determinar antecipadamente o ramo da teologia que nos interessa. Por este motivo, devemos conhecer esses departamentos a fim de organizar tudo devidamente em nossa mente.

A Teologia Histórica estuda o desenvolvimento histórico da interpretação a par com a História da Igreja. A Teologia Dogmática estuda as verdades fundamentais adoptadas pela Igreja e compõem os seus credos. A Teologia Exegética é a extracção das verdades bíblicas, a procura do verdadeiro significado das Escrituras. A Teologia Bíblica é o estudo do modo como cada escritor trata determinado assunto bíblico. A Teologia Sistemática é o estudo das Escrituras que obedece a um sistema de tópicos, como por exemplo, a doutrina de Deus, doutrina de Cristo, etc.

Este livro foi escrito com base na combinação da teologia bíblica e da sistemática porque as verdades são extraídas da Bíblia e, ao mesmo tempo, agrupadas por temas ordenados chamados doutrinas fundamentais. Para não avolumar demasiado o livro optei por tornar o seu conteúdo sintético de modo a servir apenas como fundamento para o estudo sistemático e pessoal da Bíblia. Sentir-me-ei recompensado se deste modo puder ser útil ao Corpo de Cristo.

## CAPÍTULO UM

### Doutrinas Fundamentais

À luz da tradição mosaica, doutrina significa aquilo que é recebido expressamente para ensino. O corpo de doutrina é expresso pelo vocábulo hebraico “Tora” (תּוֹרָה) conforme se lê em Génesis 26.5: “Porquanto Abraão obedeceu à minha voz e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos, e as minhas leis.” E em Isaías 1.10 lê-se: “Ouvi a Palavra do Senhor, vós os príncipes de Sodoma; prestai ouvidos à lei do nosso Deus, vós, ó povo de Gomorra.”

À luz dos vocábulos gregos significa tanto o conteúdo como o acto de ensinar. Jesus respondeu aos fariseus e disse-lhes: “A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus ou se falo de mim mesmo” (Jo. 7.16,17).

As doutrinas fundamentais, que devem ser conhecidas por todos os cristãos, constam em toda a Sagrada Escritura, “que é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (2 Tm. 3.16,17) são:

1. Bibliologia é o estudo da formação e carácter das Escrituras; sua revelação e inspiração, seu cânon, sua veracidade e autoridade, suas divisões e mensagem.

2. Teologia é o estudo dos assuntos referentes à natureza, ao carácter e às obras de Deus.
3. Angelologia é o estudo referente à natureza e acção dos anjos, inclusive os rebeldes.
4. Antropologia é o estudo dos assuntos referentes ao homem e seu relacionamento com Deus.
5. Hamartiologia é o estudo referente à origem, extensão e consequências do pecado.
6. Soteriologia é o estudo a respeito dos vários aspectos da salvação.
7. Cristologia é o estudo acerca de Cristo; sua natureza, seu carácter e suas obras.
8. Eclesiologia é o estudo da natureza, organização, e missão da Igreja.
9. Pneumatologia é o estudo da personalidade e obra do Espírito Santo.
10. Escatologia é o estudo das últimas coisas à luz das profecias.

### Fontes de Doutrina

Há três fontes de doutrina que é preciso reconhecer “para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente” (Ef. 4.14).

**1. O espírito humano.** Em Mateus 15.9 estão as palavras de Cristo acerca deste espírito enganador, assim: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.” O apóstolo Paulo usa a mesma expressão para esclarecer os seus leitores sobre a influência do espírito humano (cf. Cl. 2.20-22).

As pessoas ficam à mercê dos falsos ensinamentos, como se verdadeiros fossem, quando não dão o primeiro lugar à Palavra de Deus e não conferem as doutrinas pela mesma.

**2. O espírito satânico.** Paulo também se refere a este espírito ao avisar o seu discípulo Timóteo sobre a apostasia dos últimos tempos, da seguinte maneira: “Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência” (1 Tm. 4.1,2).

“Porque virá o tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si ensinadores conforme as suas próprias concupiscências, e desviarão os ouvidos da verdade voltando às fábulas;” (2 Tm. 4.3,4).

“Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo; (2 Co. 11.3) Por conseguinte, é preciso haver cuidado com as aparências e não aceitar todas as filosofias aparentemente inofensivas. Isto só é possível pelo exame constante e aturado da Palavra de Deus.

**3. O Espírito divino.** O apóstolo Pedro, à semelhança de S. Paulo, afirma que “a profecia nunca foi produzida pela vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (2 Pd. 1.21). Logo que homens santos falaram inspirados pelo Espírito Santo, toda a Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar o caminho certo aos homens de Deus (2 Tm. 3.16,17).

Por conseguinte, devemos examinar diariamente as Sagradas Escrituras e conferir as nossas vidas, aquilo que ouvimos e dizemos, pelo padrão do Espírito Santo. Paulo aconselha persistência na leitura da Palavra de Deus, e ainda: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas, porque fazendo isto te salvarás tanto a ti mesmo como aos que te ou-

vem” (1 Tm. 4.13,16). Na Bíblia encontramos os sábios conselhos de Deus para a nossa vida e ministério, aos quais devemos dar todo o crédito e primazia a fim de sermos sábios para a salvação.

## Importância da sã doutrina

A sã doutrina é formulada por ensinamentos fiéis à Palavra de Deus, sem violar nenhum dos mandamentos. Cristo referiu-se à importância de ensinar a sã doutrina da seguinte maneira: “Qualquer, pois, que violar um destes pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; porém, aquele que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus” (Mt. 5.19).

Paulo adverte que o presbítero deve manter firme e fiel a palavra que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para corrigir como para convencer os contradizentes; porque há muitos desordenados, faladores, vãos e enganadores (Tt. 1.9).

A sã doutrina é importante para os cristãos saberem que têm vida nova pela fé em Jesus Cristo. Como escreveu João: “Estes, porém, foram escritos para que creiais em Cristo e tenhais vida em seu nome” (Jo. 20.31; 1 Jo. 5.13).

Nós sabemos, pela sã doutrina das Escrituras, que o amor é o cumprimento de toda a lei (Gl. 5.14). Nós sabemos que passámos da morte para a vida porque amamos os irmãos (1 Jo. 3.14). Nós sabemos que somos uma nova criação em Cristo (2 Co. 5.17). Também sabemos que somos ouvidos por Deus e que receberemos o que pedirmos segundo a sua vontade ( Jo. 5.14).

A sã doutrina é importante para os cristãos desenvolverem o carácter cristão à semelhança do seu Senhor. Se a raiz da árvore é santa também os ramos o são (Rm. 11.16. Jo. 15.1-7). Se o Pai é santo também os filhos o são (1 Pd. 1.15,16).

O conhecimento da sã doutrina é importante para ajudar os cristãos a repudiar as falsas doutrinas, porque haverá falsos mestres ensinando heresias de perdição (2 Pd. 2.1,2). Himeneu e Fileto perverteram a fé de alguns dizendo que a ressurreição já tinha acontecido (2 Tm. 2.17,18). Pedro advertiu que nos últimos dias muitos escarnecerão da esperança na vinda do Senhor (2 Pd. 3.3). Em nossa época estamos assistindo, com tristeza, a este desaforo.

É importante para os cristãos apresentarem claramente a mensagem da salvação. Cuidar da sã doutrina para convencer do pecado (Tt. 1.9,10). Usar a sã doutrina para salvar alguns da condenação; (1 Tm. 4.16). Ensinar a sã doutrina para haver vidas santificadas. Eis o conselho de Paulo: “Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina. Em tudo te dá por exemplo de boas obras, na doutrina mostra incorrupção (Tt. 2.1,7).

“Se alguém ensina outra doutrina, e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras...; contendas de homens corruptos de entendimento e privados da verdade...”(1 Tm. 6.3-5).

*“Examinais as Escrituras  
porque vós cuidais ter nelas a vida eterna  
e são elas que de mim testificam.”*

*João 5.39.*

*“Ora, estes (de Bereia) foram mais nobres  
do que os que estavam em Tessalónica,  
porque de bom grado receberam a Palavra,  
examinando cada dia nas Escrituras  
se estas coisas eram assim.”*

*Actos 17.11.*

## CAPÍTULO DOIS

### AS SAGRADAS ESCRITURAS

Deus não queria que as suas criaturas andassem na escuridão, às apalpadelas para encontrarem o rumo adequado à sua natureza humana. Por isso, dotou-nos com dons sensitivos a fim de entendermos o Plano da Sua vontade revelada. A função da revelação é manifestar o carácter de Deus, fornecer o plano da salvação e oferecer comunhão ao homem.

#### Há dois tipos de revelação

**1. A revelação geral** é um dos meios usados por Deus para se tornar conhecido, mas é limitada pela percepção sensorial do homem. O intelecto humano é limitado na apreensão da revelação divina, não capta perfeitamente a mensagem.

Deus revela-se mediante a Natureza. Toda a criação manifesta a existência dum Arquitecto, Criador, Sábio e Poderoso, cujas leis universais são infalíveis e eternas. “Os céus manifestam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra das suas mãos” (Sl. 19.1). Ao observar qualquer criação é lógico que se aceite a existência dum criador. O mesmo se passa com o Universo criado por Deus. Perante este facto o salmista define como loucura a afirmação de que não há Deus (Sl. 14.1). Porque Deus é a causa primária da existência de todas as coisas (Gn. 1.1; Jo. 1.1-3; Act. 17.24,26).

Deus revela-se mediante a História. A ascensão e queda de nações e impérios ao longo da História reflectem a sabedoria e o poder de Deus para efectuar o seu plano. Muito do que sabemos a respeito da História Antiga aprendemo-lo através dos relatos bíblicos, que nos informam fielmente como Deus lidou com algumas nações.

Por exemplo, o livro do Êxodo, nos capítulos sete a doze, conta-nos a história das dez pragas contra o Egipto, e ainda da páscoa, para que Faraó, permitisse a saída do povo de Israel, conforme era da sua vontade. Em Jeremias, no capítulo quarenta e seis, lemos como o Senhor usou o rei da Babilónia para castigar o Egipto com o cativo. E o capítulo cinquenta e dois relata que Deus usou Babilónia para castigar Israel pelo pecado de idolatria. No capítulo cinquenta, do mesmo livro, lemos acerca do castigo a Babilónia. Existem muito mais exemplos em toda a Bíblia.

A arqueologia é uma das ciências comprovativas da revelação histórica. Os arqueólogos, nas suas escavações, continuam descobrindo registos da História Antiga que comprovam a revelação de Deus. Os achados arqueológicos chegam aos museus atestando a revelação da História..

Todavia, as limitações da revelação geral são motivadas pelo espírito corrompido da humanidade. O homem natural recusa-se a aceitar a verdade espiritual porque ela só pode ser entendida espiritualmente.

Observemos alguns exemplos: Paulo, na sua carta aos romanos, afirma que, apesar das suficientes provas da criação, não glorificaram a Deus, porque sua mente ficou corrompida pelo pecado, e dizendo-se sábios tornaram-se loucos (Rm. 1.18-22). Na sua carta aos coríntios atesta que o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus porque estas lhe parecem loucura (1 Co. 2.14); A mente natural, por estar separada de Deus, é ignorante, e não pode entender as revelações de



Deus e a sua vontade (Ef. 4.18). Veio então uma nova revelação.

**2. A revelação especial** é o meio adequado e infalível pelo qual Deus fornece ao homem conhecimentos claros do Seu carácter, do Seu plano, e da Sua vontade. As coisas que Deus preparou para aqueles que O amam foram-nos reveladas pelo Seu Espírito (1 Co. 2.9,10). Daniel louva a Deus porque lhe revelou aquilo que o rei queria saber a seu respeito (Dn. 2.19-23).

A palavra escrita é a revelação perfeita da natureza de Deus, do Seu plano de redenção e da Sua vontade. Ela encerra toda a informação certa e segura sobre Deus. Ele revelou e inspirou homens santos a registar o que fez no passado, o que está fazendo no presente e o que fará no futuro. E como toda a Escritura é inspirada por Deus, toda ela é útil para O revelar e à Sua vontade (2 Tm. 3.16,17).

Esta revelação foi escrita na linguagem e no ambiente cultural dos intervenientes, escolhidos para o registo da mesma. Deus respeitou as características próprias de cada escritor, assim como a sua cultura e o seu próprio vocabulário.

Além disso, ainda sofreram a influência das culturas diversas por onde passaram. Moisés recebeu influência da corte no Egipto. Os profetas, na Palestina, tinham a sua própria cultura. Daniel e outros sofreram influência das culturas de Babilónia e Assíria. E os apóstolos, além da Palestina, conheceram as culturas de Ásia, Grécia e Roma. Até mesmo as grandes distâncias entre estas regiões atestam a revelação das Sagradas Escrituras.

Quanto à linguagem, usaram o hebraico e o aramaico para escrever o Antigo Testamento. Para o Novo Testamento serviram-se do grego comum, ou coine. Por isso, o melhor método para compreender as Escrituras é a regra hermenêutica considerando na totalidade as seis importantes interrogações, (*o quê? quem? porquê? quando? onde? como?*) as quais nos orientam

para tomar em consideração outros tantos factores (*parágrafo, contexto, gramática, história, geografia, cultura*).

Assim, Deus revela-se de várias maneiras. Primeiro pôs à nossa disposição o Grande Livro da Natureza a fim de O conhecermos como Grande Arquitecto, sábio e poderoso, conforme nos revela o Salmo 19. Porém, devido à limitação humana, o homem natural não entende esta revelação de Deus.

Depois falou-nos por meio de profetas e de Seu Filho, revelando-se como maravilhoso conselheiro (Hb. 1.1). Jesus assegurou aos discípulos que a palavra que lhes falava era do Pai, que o enviara (Jo. 14.24) porque lhes falava do que vira junto de Seu Pai (Jo. 8.38).

Também se revela por meio da consciência, com a qual dotou a todos, revelando-se assim como Juiz permanente (Rm. 2.14,15). Porém, por causa da impureza e da imperfeita formação, a apreensão da revelação é imperfeita (Tt. 1.15).

Por fim, deu-nos as Escrituras que possuímos revelando-se como Grande Legislador. Tiago diz que há um só Legislador e Juiz (Tg. 4.12). As Sagradas Escrituras são essa Lei pela qual todos devem ser julgados. Deus criou o homem com desejo e capacidade de conhecer a realidade das coisas. Certamente não omitiria uma revelação que satisfizesse esse desejo natural.

O livro que possuímos e estudamos recebeu o nome de “βιβλία” (Bíblia), que é o plural do grego “βιβλιον” (biblion), por conter sessenta e seis livros. Foi escrita por cerca de quarenta autores, de todas as profissões contemporâneas, durante cerca de mil e quinhentos anos. Apesar de ter sido escrita em lugares tão distantes e diferentes, e por pessoas que nunca se viram, revela uma unidade extraordinária no seu tema central. Logo em Génesis 3.15 está a promessa da semente da mulher, e por todo o livro é referida esta mesma semente até que nasceu da virgem Maria.

O possuidor duma Bíblia tem consigo a Biblioteca divina. Ela é, por excelência, o Manual da Universidade do Espírito

Santo, onde todos podem aprender e formar-se em Filosofia da Vida. Também recebeu o nome de Escrituras “γραφαί” (gráfai).

### **Significado do termo “Escrituras”**

O termo “Escrituras”, significa aquilo que foi escrito. Referente ao Antigo Testamento, é mencionado cinquenta vezes no Novo Testamento. Aparece com sentido genérico em Actos 8.32, no relato de Lucas sobre o encontro de Filipe e o funcionário da Etiópia, informando-nos que este estava lendo o livro de Isaías. Actos 17.2 mostra como Paulo costumava ler e explicar as Escrituras nas sinagogas, em seus sermões expositivos, demonstrando ser Cristo o cumprimento das profecias. E o verso onze faz referência à nobreza dos crentes bereanos examinarem as Escrituras diariamente para certificar se as coisas eram assim. Os cristãos devem ser prudentes e examinar constantemente se o que ouvem está conforme as Sagradas Escrituras.

Cristo referiu-se às Escrituras do A.T. ao mencionar “a pedra que os edificadores rejeitaram” que consta no livro de Isaías (cf. Mt. 21.42; e Is. 28.16). Após a sua ressurreição encontrou-se com dois discípulos, no caminho de Emaús, e “explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras; e esclarece-nos que essas Escrituras continham a lei de Moisés, os profetas e os Salmos” (Lc. 24.27,44). O verso quarenta e cinco mostra como é necessário que Ele nos abra o entendimento para entender as Escrituras. O Senhor também referiu que do mandamento do amor depende toda a lei e os profetas (Mt. 22.40).

Os apóstolos referiram-se às Escrituras do A.T. Paulo menciona os livros dos profetas nas santas Escrituras (Rm. 1.2; 3.21). Ele declara que Cristo morreu, foi sepultado e ressuscitou, em cumprimento das Escrituras (1 Co. 15.3,4). Tiago revela que nas Escrituras encontra-se a lei real, o amor ao próximo, para ser cumprida; (Tg. 2.8). Pedro faz referência às epístolas

de Paulo e às outras Escrituras, que os indoutos e inconstantes torcem para sua perdição (2 Pd. 3.16).

### **O lugar que a lei possuía em Israel**

Moisés ordenou que o Livro da Lei devia ser lido para todos em Israel, assim: “Ajunta o povo, homens e mulheres e meninos, e os estrangeiros que estão dentro das tuas portas, para que ouçam e aprendam e temam ao Senhor vosso Deus e tenham cuidado de fazer conforme todas as palavras desta lei (Dt. 31.12).

O Livro da Lei devia permanecer ao lado da Arca do Concerto (Dt. 31.26). O rei devia possuir uma cópia para consulta regular (Dt. 17.18-20). A Lei era ensinada em todas as cidades para ser obedecida (2 Cr. 17.9). A prosperidade dependia do cumprimento da Lei (Js. 1.8). Paulo ensina que para cumprir toda a Lei é preciso amar ao próximo como a nós mesmos (Gl. 5.14).

### **INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS**

O Dicionário K. Larousse define inspiração como “o estado da alma quando influenciada por uma potência superior”. E Webster diz que é “a influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre a mente humana, pela qual os profetas, apóstolos, e escritores sacros foram habilitados para exporem a verdade divina sem nenhuma mistura de erro.”

Deus usou as faculdades humanas a fim de produzir uma mensagem divina compreensível pelos humanos. O Senhor procurou a cooperação de homens santos para revelar a Sua vontade.

### **Evidência bíblica da inspiração divina**

As Sagradas Escrituras demonstram evidências de serem inspiradas por Deus. A avaliar pelas circunstâncias em que foram produzidas, por cerca de quarenta escritores, de várias culturas, em tempo aproximado de mil e quinhentos anos, e que concordam na revelação do tema central, que é o Messias e o Seu reino, temos de aceitar a inspiração divina desta revelação.

Além disso, as expressões muito usadas pelos escritores sacros provam que eles atribuíram a Deus a autoria deste Livro que possuímos. Por exemplo, “O Senhor disse”, ou equivalente, aparece mais de três mil e oitocentas vezes em toda a Bíblia.

Moisés conta-nos a sua experiência em Êxodo 3.12-15; e o capítulo quatro, versos doze a dezasseis, contém a promessa de Deus os ensinar aquilo que eles haviam de dizer a Faraó. No capítulo 34.27 do mesmo livro está escrito: “Disse mais o Senhor a Moisés: Escreve estas palavras, porque conforme ao teor destas palavras tenho feito concerto contigo e com Israel.”

Quando Balaque procurou Balaão para que amaldiçoasse Israel, este respondeu: “esperai, e trarei a resposta como o Senhor me falar.” E o Senhor respondeu-lhe assim: “vai com eles, todavia farás o que eu te disser;” Então, o Senhor pôs a palavra na boca de Balaão e disse: Torna para Balaque e fala assim...” (Nm. 22.8,20 e 23.5). E veio sobre ele o Espírito de Deus, e disse: “Fala aquele que ouviu os ditos de Deus, o que vê a visão do Todo-Poderoso...” (Nm. 24.4).

Isaías teve experiência semelhante e escreveu deste modo: “Ouvi ó céus, e presta ouvidos tu ó terra, porque fala o Senhor (Is. 1.2); e no verso dez: “Ouvi a palavra do Senhor, vós, príncipes de Sodoma; prestai ouvidos à lei do nosso Deus, vós povo de Gomorra.”

Quanto a Jeremias, vejamos o que está escrito: “Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Vai e clama aos ouvidos de Jerusalém, dizendo: Assim diz o Senhor: “Ouvi a palavra do Senhor, ó casa de Jacó, e todas as famílias da casa de Israel” (Jr. 2.1-4).

A mesma era a convicção de Jesus. João ouviu-lhe estas palavras: “Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, Ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar...portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai mo tem dito” (Jo. 12.49,50).

Paulo faz questão de esclarecer que o evangelho que ele pregava não o tinha aprendido de nenhum mestre, mas o próprio Cristo lho revelara (Gl. 1.11,12). Ainda, ele reconhece e confessa que toda a Escritura que possuímos é inspirada por Deus (2 Tm. 3.16).

Pedro confirma igualmente que os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (2 Pd. 1.21).

Da mesma forma, João escreveu o seguinte: “Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta, que dizia: O que vês, escreve-o num livro e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia; “Isto diz aquele que tem na sua dextra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro” (Ap. 1.10,11; 2.1).

Estes são alguns exemplos de como Deus escolhia homens dedicados e fiéis a fim de registarem com rigor a sua Palavra para a posteridade. Hoje, temos a bênção de possuí-la como um farol que alumia em noite escura.

## Teorias da inspiração

A inspiração é entendida como sendo uma influência espiritual, emocional, ou mental, de forma a motivar alguém a praticar alguma acção. Mas, há quatro teorias da inspiração, as quais vamos considerar:

**1. A inspiração natural** é a alegação de que a Bíblia não é mais inspirada do que qualquer outra obra artística. A inspiração é meramente um discernimento superior existente nalgumas pessoas. Esta teoria não dá lugar a qualquer acção sobrenatural

do Espírito Santo. Assim, estes teóricos não têm muita certeza na veracidade da Bíblia.

**2. A inspiração parcial** é o reconhecimento de que há algumas partes das Escrituras que foram inspiradas, outras não. Alguns destes teóricos acreditam que as palavras proferidas por Deus, ou por Jesus, são mais inspiradas do que as outras dos próprios escritores. Outros acham que as verdades doutrinárias são inspiradas, mas referências históricas, geográficas, ou científicas, estão sujeitas a erro. Deste modo, algumas partes da Bíblia são plenamente inspiradas, outras são parcialmente inspiradas, e o restante não é inspirado. Esta teoria destrói a confiança na Bíblia porque ficamos sem saber em que confiar.

**3. A inspiração ditada** é a teoria que alega terem sido os escritores secretários de Deus que registaram cada palavra recebida. Estes teóricos valem-se de passagens como estas: “Disse mais o Senhor a Moisés, ou, assim diz o Senhor” (cf. Êx. 34.27). Ora, se Deus tivesse ditado todas as palavras das Escrituras o seu vocabulário e estilo seriam semelhantes do princípio ao fim, o que não acontece. Os quarenta escritores da Bíblia, durante cerca de 1500 anos, revelam estilo e vocabulário diferentes. Esta teoria está errada porque temos evidências de que Deus usou vocabulário, estilo e observação humana na composição da mensagem.

**4. A inspiração plenária** sugere que toda a Escritura é igualmente inspirada por Deus. Paulo afirma isso ao dirigir-se a Timóteo em 2 Tm. 3.16. No acto da inspiração o Senhor contou com o intelecto, a cultura, o vocabulário, e o estilo da cada escritor. Eles foram guiados pelo Espírito Santo a escrever a mensagem certa, porém, com as suas características pessoais. Nós cremos na inspiração plenária porque dá solução ao problema de vocabulário e estilo diferentes nos vários livros da Bíblia (cf. 1 Tes. 2.13). *A nossa confiança na inspiração plenária afecta a nossa atitude em relação à Bíblia e o nosso modo de viver.*

Na inspiração plena há três significados importantes a considerar:

**Significa que a mensagem é infalível**, pois aquilo que Deus fala não pode falhar. Sempre produzirá o resultado para o qual foi inspirada e escrita (cf. Is. 55.11; Sl. 19.7,8). Onde a Bíblia fala dos propósitos de Deus podemos confiar que essa é a Sua vontade e o Seu plano. Dizer infalível significa afirmar que é incapaz de induzir alguém a errar, se a mensagem for interpretada correctamente.

**Significa que a mensagem é suficiente** para levar os pecadores à salvação e para orientar os filhos de Deus no caminho certo. É a mensagem adequada para informar o homem acerca da vontade de Deus e da sua salvação (2 Tm. 3.16,17). Por isso os reformadores afirmaram: “Só Escritura, só Cristo, só Graça, só Fé.”

**Significa que a mensagem é autorizada** porque veio do próprio Deus. Ele revelou a Sua vontade e inspirou os homens santos a escrever essa vontade para ser obedecida. A Sagrada Escritura é a maior autoridade reconhecida pelos cristãos. E a doutrina da inspiração plena é fundamental para o reconhecimento da sua autoridade.

A Bíblia é a Palavra de Deus infalível e a Sua revelação perfeita. Se for estudada e compreendida à luz da boa hermenêutica, a sociedade não precisa de qualquer outra revelação. Pois, ela ensina, claramente e com autoridade, tudo acerca de Deus e das suas criaturas.

### **Contraste entre revelação e inspiração**

A revelação é diferente da inspiração. A revelação é a comunicação da verdade que não poderia ser descoberta doutra forma. A inspiração está relacionada com o registo dessa verdade de forma fiel. A revelação trata de comunicar a verdade, enquanto a inspiração ocupa-se do registo fiel da mesma.

Por exemplo, Moisés registou a história da Criação conforme Deus lhe revelara. Porém, o Êxodo foi registado conforme a sua observação dos factos. Mas, em ambos os casos foi inspirado pelo Espírito de Deus para registar os factos para a posteridade. Outro factor que merece atenção é aquele das más acções registadas na Bíblia. Tudo isto foi inspirado e registado fielmente para nosso ensino, a fim de conhecermos a verdade.

A História da Criação foi revelada a Moisés que, inspirado pelo Espírito Santo, a escreveu. No entanto, ao registar o relato do Êxodo, Moisés foi inspirado a escrever aquilo que observara. Em ambos os casos Moisés estava sob a influência e inspiração de Deus. Mesmo quando a Escritura narra factos bons e maus, até as acções de Satanás, mesmo assim, tudo foi inspirado para ficar registado a fim de sermos ensinados (Rm. 15.4).

## **A ILUMINAÇÃO DAS ESCRITURAS**

A iluminação é o acto pelo qual alguém recebe a compreensão das verdades reveladas e registadas por inspiração, sem a qual é impossível ao homem natural compreender as coisas de Deus, porque elas discernem-se espiritualmente (1 Co. 2.14,15).

Há diferença entre inspiração e iluminação. A inspiração foi concedida ao escritor para que a registasse. A iluminação é concedida ao leitor a fim de a entender.

Carecemos todos da iluminação do Espírito Santo para podermos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. Porque Nicodemos não entendeu o significado de “nascer de novo” é que Jesus lhe disse que “o que é nascido da carne é carne, e o que nascido do espírito é espírito” (Jo. 3.6).

A capacidade humana é limitada para entender as coisas concernentes a Deus; pois, com dificuldade entende as suas próprias (1 Co. 2.11). O pecado entenebreceu ainda mais a

mente humana, e mergulhou o homem nas trevas espirituais (Rm. 1.21; Ef. 4.18). É impossível entender o significado da mensagem bíblica sem a iluminação do Espírito Santo.

## **A iluminação é útil para salvação do pecador**

O Senhor disse que quando o Espírito Santo viesse, Ele convenceria o mundo do pecado, da justiça, e do juízo (Jo. 16.8-11). Assim, o pecador é convencido de que o facto de não crer em Cristo é a fonte de todos os pecados. O Espírito Santo convence o pecador de que o sacrifício de Cristo é a única fonte da justiça divina (Rm. 5.18,19; Gl. 2.16; Tt. 3.7). O Espírito Santo convence o pecador de que a morte de Cristo, na cruz, é o julgamento divino do pecado. A ressurreição proclamou que o seu sacrifício foi aceite pelo Pai (Rm. 4.25).

## **A iluminação é útil para o serviço do crente**

A regeneração não transforma a pessoa automaticamente. Ela iniciou um processo gradual de desenvolvimento espiritual com ajuda do Espírito Santo. O Senhor afirmou que quando o Espírito Santo viesse ele nos guiaria em toda a verdade (Jo. 16.13). O crente, regenerado, tem condições espirituais para ser iluminado sobre as verdades reveladas nas Escrituras a fim de fazer a vontade de Deus (1 Jo. 2.27). Claro está que o Espírito de Deus ilumina quem se dedica ao estudo das Escrituras.

O líder e mestre dos crentes tem condições espirituais para ser iluminado, quando estuda as Escrituras, a fim de entender e transmitir a verdade aos crentes. O Senhor deu ministérios à sua Igreja para o treinamento dos santos a fim de cumprirem o seu ministério na edificação do corpo de Cristo (Ef. 4.11,12). Por isso, os ouvintes recebem a mensagem, não como palavra de homens, mas como palavra de Deus que é (1 Ts. 2.13).

## O CÂNON DAS ESCRITURAS

O significado do vocábulo “cânon” provém do grego “κωνον” que terá vindo do hebraico “qaneh”(קנה) o qual significa vara de medir. O vocábulo aparece em Ezequiel 40.3, traduzido “cana de medir,” e em Gálatas 6.16, significando a regra da vida cristã pela qual todos devemos andar.

A necessidade do Cânon das Escrituras veio pelo facto de haver outros escritos alegando serem divinamente inspirados. Algumas pessoas acreditavam mesmo que esses escritos eram igualmente produto da inspiração divina. Contudo, os líderes espirituais, duvidando tanto do carácter dos autores como das suas próprias obras, jamais os reconheceram e integraram no Cânon das Escrituras divinamente inspiradas.

### O Cânon do Antigo Testamento (A.T.)

Quando Israel estava no deserto, Deus deu as instruções que formaram o primeiro Cânon da sua vida espiritual e moral (Êx.19 e 20). A necessidade de Israel ter o Cânon das suas Escrituras deveu-se a duas condições históricas:

Primeiro, ficou a dever-se à sua frequente apostasia e consequente volta para Deus. O Senhor havia-lhes ordenado que não se misturassem com os povos vizinhos, por causa da sua idolatria que Deus abominava. Embora tivessem prometido fidelidade ao pacto feito no Sinai quebraram-no ciclicamente porque os da nova geração deixavam o Deus de seus pais, que os tirara da terra do Egipto, adoravam e seguiam os deuses que havia ao redor deles. E, porque deixavam ao Senhor para servir a Baal e a Astarote, provocavam a Sua ira e eram entregues na mão dos seus inimigos como cativos (cf. Jz. 2.12-14).

Quando aparecia um libertador e convocava o povo a voltar a Deus e às Escrituras, iam surgindo novos escritos inspira-

dos para guiar o povo conforme o plano do Senhor. Tomemos como exemplo o que aconteceu nos reinados de Manassés e de Josias, cujo relato se encontra em 2 Reis 21 a 23. Havendo chegado ao ponto de perderem o livro da Lei, este foi achado enquanto restauravam o Templo. Logo a sua leitura provocou arrependimento e uma grande reforma. Quando foram levados cativos para Babilónia ficaram sem Templo para celebrar, e o centro unitário do povo passou a ser a leitura das Escrituras nas sinagogas criadas para o efeito.

Segundo, a dispersão de Israel no início do cristianismo exigiu que formulassem o Cânon definitivo. Isto foi motivado pelos novos escritos cristãos, que os judeus sempre rejeitaram. Havia, por conseguinte, a necessidade de determinar quais os livros que deviam formar as suas Escrituras para se protegerem dos presumíveis erros.

A formação do Cânon das Escrituras Hebraicas teve por base os seguintes factores:

1. Reconhecimento de que o seu ensino é totalmente divino. Por exemplo, quando o livro da Lei, que compõe os primeiros cinco livros da Bíblia, foi achado, foi também reconhecido como a Palavra de Deus e logo examinado para saberem a vontade de Deus, facto que provocou grande arrependimento e confissão; (2 Rs 22.8).

2. Aceitação consequente pelos líderes religiosos e pela comunidade israelita. Este exemplo é observado em Neemias 8.1-3 quando, após o regresso do cativo babilónico, Esdras leu o livro da lei de Moisés para todo o povo.

É aceite que o Cânon do A.T. foi reconhecido completo, com seus 39 livros, numa reunião judaica deliberativa em Jâmnia, na Judeia Oriental, cerca de 90 d.C.

### O Cânon do Novo Testamento (N.T.)

O Cânon do N.T. foi formado a partir dos livros que revelaram autoridade apostólica e foram considerados inspirados pelas igrejas em geral.

Foi a partir do ano 50 d. C. que os primeiros escritos cristãos, divinamente inspirados, começaram a aparecer para instrução nas igrejas cristãs. É muito provável que a epístola de Tiago seja o primeiro escrito cristão a ser produzido com essa finalidade. E o último foi o livro de Apocalipse por volta do ano 95 d. C.

Entre os escritores cristãos também apareceram outros reivindicando a inspiração divina para os seus escritos, os quais, examinados, não foram reconhecidos no Cânon. Assim, fez-se sentir a necessidade de decidir quais os escritos que deveriam ser considerados inspirados divinamente e dignos de crédito para instrução dos cristãos.

Os escritos, à medida que circulavam, eram copiados e formavam colectâneas para uso posterior pelos líderes eclesiais. Paulo aconselha que “quando esta epístola tiver sido lida entre vós, fazei que também o seja na igreja dos laodicenses, e a que veio de Laodiceia lede-a também vós (Cl. 4.16).

O Cânon do N.T., conforme o possuímos, foi reconhecido definitivamente no quarto século. No Oriente foi decisiva uma carta de Atanásio, em 367; e no Ocidente foi ratificado no Concílio de Cartago, em 397, ao norte de África. Não foi elaborado ali, somente foi ratificado pelos presentes o sentimento geral existente nas igrejas.

Existe um importante manuscrito do século IV, guardado no museu do Vaticano, que contém o Novo Testamento total. É uma versão latina, feita por S. Jerónimo, e nomeada por Vulgata Latina, a qual serviu de padrão à Igreja Romana, especialmente a partir do concílio de Trento, no século XVI.

### **Razões que levaram à formação do Cânon**

A necessidade do Cânon pode ser ilustrada pela leitura de Gálatas 1.6,7 que diz assim: “Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho. O qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo. Mas ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho, além do que vos temos anunciado, seja anátema.”

Esta necessidade deve-se, em primeiro lugar, ao aparecimento doutros escritos reivindicando inspiração divina, à semelhança dos apostólicos, alguns dos quais são apresentados em resumo como exemplo:

A epístola de Clemente de Roma (c. 95 d.C.) é uma carta endereçada pelo bispo de Roma aos cristãos de Corinto, contendo exortações de humildade a fim de resolver uma divisão na dita igreja, que havia sido provocada por gente mundana.

A epístola de Barnabé (c. 90-120 d.C.) é uma carta geral, dirigida a todos os cristãos, especialmente para combater o afastamento para o judaísmo.

A Didachê (διδάχη) (c.100 d.C.) é uma declaração, ou compilação, de autor desconhecido, daquilo que considerou ser o ensino dos apóstolos.

O Pastor de Hermas (c.140 d.C.) é uma alegoria cristã daquela época semelhante ao “Peregrino” de Bunyan.

Em segundo lugar, a juntar a outros mestres heréticos, vem a lista incompleta (ou cânon) de Márciom (140 d.C.). É uma colecção das Escrituras, formada no interesse da sua heresia, rejeitando todo o Antigo Testamento e dezasseis livros do Novo Testamento. Consistia somente do evangelho de Lucas, Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, e Filemom.

A terceira razão deve-se à perseguição efectuada por Diocleciano (303 d.C.). Ele ordenou que todos os livros sagrados

fossem queimados. Isso obrigou os líderes da igreja a decidir quais os livros a proteger das chamas.

### A formação do Cânon obedeceu a quatro estágios

1. Homens escolhidos por Deus escreveram inspirados por Ele a mensagem de salvação para o povo.
2. Cristãos fiéis fizeram cópias dos escritos recebidos e trocavam-nos com outros cristãos.
3. Líderes eclesiásticos espirituais citaram-nos em seus escritos na sua instrução da igreja.
4. O Concílio de Cartago (no IV séc.) ratificou oficialmente os livros que a nossa Bíblia possui actualmente, por satisfazerem os testes canónicos.

### A formação do Cânon obedeceu a quatro testes

1. Apostolicidade visível. O documento devia manifestar a autoria dum apóstolo, ou pessoa que lhe estivesse intimamente associada. Exemplo do último caso é Lucas.
2. Inspiração comprovada. O documento devia possuir evidências claras de que era inspirado pelo Espírito Santo.
3. Espiritualidade manifesta. Devia revelar um carácter espiritual e moral elevado, e exaltando a pessoa e a obra de Cristo.
4. Universalidade manifesta. O documento tinha de ser aceite e usado pela igreja na generalidade.

### Literatura Apócrifa

Apócrifo significa oculto, secreto, algo escondido. Os apócrifos do Antigo Testamento fornecem-nos algumas informações históricas; porém, nenhum deles é citado claramente no Novo Testamento. Além disso, alguns contêm relatos milagro-

sos não credíveis. Apesar disto, aparecem associados aos canónicos na Septuaginta (LXX) e na Vulgata, por cujo motivo constam nas Bíblias de edição católica. Servem simplesmente como literatura cultural.

Quadro dos Apócrifos do Antigo Testamento

Tobias	Eclesiástico	Acréscimos Ester	1 Macabeus
Judite	Baruque	1 Esdras	2 Macabeus
Sabedoria	Acréscimos Daniel	2 Esdras	3 Macabeus

Os apócrifos referentes ao N.T. são uma colectânea de escritos obscuros, baseados em lendas, cuja aparição começou no II século, prolongando-se até ao VII. São tentativas de preencher lacunas existentes no relato bíblico, sobretudo no que diz respeito à infância de Jesus, natividade e morte de Maria. Estes jamais foram associados aos canónicos. A lista é extensa demais para serem nomeados aqui.

Os escritos apócrifos foram rejeitados por não satisfazerem o teste de canonicidade mencionado acima. Os seus ensinamentos contradizem as demais Escrituras. Além disso, manifestam alguma inexactidão histórica e geográfica, e não contêm factos sobrenaturais credíveis, como as outras Escrituras.

## CARACTERÍSTICAS DAS ESCRITURAS

Muitos livros, pela sua natureza, revelaram marcas de canonicidade desde o início adquirindo logo a sua posição na divisão do Cânon. Os líderes hebreus deram a cada livro o lugar no Cânon segundo o seu carácter específico. Assim, temos a Lei, os Profetas e as Escrituras, num total de 24 livros.

Esta divisão do Antigo Testamento terá acontecido por motivo da posição oficial reconhecida aos escritores. Por exemplo: Moisés foi o grande legislador que forneceu a Lei, “תּוֹרָה” (*Tora*) que figura na primeira parte. Os profetas



transmitiram a mensagem profética divinamente inspirada ao povo. Os restantes escritores, embora não fossem considerados profetas, transmitiram a mensagem revelada, chamada “Escritos Sagrados”.

Jesus reconheceu esta tríplice divisão, conforme Lucas relatou no seu evangelho; Lei de Moisés, Profetas, e Salmos; (Lc. 24.44).

#### ESQUEMA DA DIVISÃO DO CÂNON HEBRAICO

<b>LEI</b> (5 livros)	<b>PROFETAS</b> (8 livros)	<b>ESCRITURAS</b> (11 livros)
Gênesis	<b>Profetas Anteriores</b>	<b>Poéticos (3 livros)</b>
Êxodo	(4 livros)	Salmos
Levítico	Josué	Provérbios
Números	Juízes	Jó
Deuteronómio	Samuel	
	Reis	<b>Rolos (5 livros)</b>
		Cântico
	<b>Profetas Posteriores</b>	Rute
	<i>Maiores (3 livros)</i>	Lamentações
	Isaías	Eclesiastes
	Jeremias	Ester
	Ezequiel	
	<i>Menores (1 livro)</i>	<b>Históricos(3 livros)</b>
	Oséias, Joel, Amós	Daniel
	Obadias, Jonas, Miquéias	Esdras-Neemias
	Naum, Habacuque, Sofonias	Crónicas
	Ageu, Zacarias, Malaquias	

O Cânon da edição protestante do A.T. obedece à ordem da Septuaginta. Porém, com a divisão conforme a possuímos figura com trinta e nove livros.

### Autenticidade das Escrituras

Reconhecer a genuinidade das Sagradas Escrituras é sobretudo importante porque sem essa atitude é impossível confiar nelas como Palavra de Deus. Por este motivo os estudiosos têm procurado evidências da sua autenticidade.

A fim de darmos crédito à mensagem das Escrituras devemos primeiro reunir as provas da sua genuinidade. O exame feito pelos estudiosos levou à conclusão de que a autenticidade das Escrituras é comprovada por três factores importantes como: Genuinidade da autoria, Genuinidade da mensagem, Genuinidade da qualidade.

### Genuinidade da autoria pelas evidências

Já sabemos que a Bíblia é uma pequena biblioteca com sessenta e seis livros, escritos por cerca de quarenta autores, num período de mil e quinhentos anos. Alguns desses escritos mencionam o autor, outros não. Neste caso foi preciso recorrer a métodos alternativos para descobrir os autores. As evidências da autoria dependem, portanto, de dois factores: O interno e o externo.

A evidência interna é a reivindicação do próprio autor, e a atribuição por meios dignos de confiança. Exemplos deste processo são as declarações pessoais no início de alguns livros da Bíblia. Por exemplo: “O Senhor falou a Josué” (Js. 1.1). “As palavras de Moisés, de Neemias” (Dt. 1.1; Ne. 1.1), etc.

Examinando outras Escrituras notamos a evidência interna da sua autoria na apresentação do próprio autor: “Paulo, servo de Jesus Cristo” (Rm. 1.1); “Tiago servo de Deus” (Tg. 1,1); “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo” (1 Pd. 1.1). E, depois, pelo uso dos pronomes pessoais “eu, me, meu” no interior do próprio documento, indicando tratar-se da mesma pessoa. O facto de Lucas e Actos serem endereçados ao mesmo leitor, Teófilo,

evidencia o mesmo autor para ambos, que é Lucas, o companheiro de Paulo, mencionado em Colossenses 4.14 como o “médico amado”. Conferindo a narração do evangelho de João 13.23, 19.26 e 21.20 com as suas epístolas, concluímos que o relacionamento especial mencionado ali parece manifestar a autoria de João, o apóstolo do amor. Pois, ele termina com a frase “este é o discípulo que testifica estas coisas e as escreveu” (Jo. 21.24).

Além disso, a maneira como os temas são tratados nestes escritos é semelhante, como se pode observar pelo esquema seguinte:

<b>Evangelho e Epístolas de João</b>		
Temas tratados	Referências	
	<i>Evangelho de João</i>	<i>Epístolas de João</i>
Paternidade de Deus	4.23; 5.17-21; 10.29; 14.10,23	1 <sup>a</sup> 1.3; 2.1; 2.23; 3.1; 2 <sup>a</sup> 9;
Divindade de Cristo	1.1,14;10.30,38; 4.7,9	1 <sup>a</sup> 2.1,23; 4.15,20;
Ação do Espírito	14.16;15.26;16.8,13,14	1 <sup>a</sup> 5.6;
Amor prático	3.16;5.42;13.34; 15.9,13	1 <sup>a</sup> 3.1; 2.5,10; 4.7; 2 <sup>a</sup> 5; 3 <sup>a</sup> 1,5,6

A evidência externa é encontrada nas declarações de outras pessoas acerca do respectivo escrito. Por exemplo Josué atribui a Moisés a autoria do Pentateuco, os primeiros cinco livros da Bíblia (Js. 8.31). Jesus e Paulo confirmam esta atribuição a Moisés com exemplos no quadro a seguir.

DESCRIÇÃO DO N.T.	REF. <sup>a</sup> N.T.	REF. <sup>a</sup> A.T.
a lei de M. não seja quebrada	João 7.23	Gênesis 17.10,11
Honra teu pai e tua mãe	Marc. 7.9,10	Êxodo 20.12
a oferta que Moisés determinou	Mateus 8.4	Levítico 14.1-32

causa da dureza dos corações	Mat. 19.7,8	Deut. 24.1
pela lei de Moisés não pudestes	Actos 13.39	Núm. 15.22-31

A evidência externa é ainda comprovada pelo reconhecimento demonstrado pela Tradição. Isto diz respeito ao facto de os líderes religiosos de ambos os testamentos expressarem as suas crenças relacionadas com os respectivos livros da Bíblia. O Talmude, comentário rabínico das Escrituras Hebraicas, contém o reconhecimento tradicional dos líderes judeus acerca da autoria dos livros do A.T. (menos Jó) conforme o quadro abaixo.

#### ATRIBUIÇÃO DO TALMUDE

AUTOR	LIVROS
Josué	Josué
Samuel	Juízes, Rute, 1, 2 Samuel
Jeremias	1, 2 Reis, Jeremias, lamentações
Esdras	1, 2 Crônicas, Esdras
Neemias	Neemias
Mardoqueu	Ester

Os Pais da Igreja, líderes que sucederam aos apóstolos, reconheceram a autenticidade dos livros do N.T. ao mencioná-los nos seus escritos destinados à instrução da igreja. O quadro seguinte mostra o uso feito pelos ditos escritores a fim de confirmarem a veracidade das suas doutrinas.

#### CONFIRMAÇÃO DOS PAIS DA IGREJA

NOME	DATA	LUGAR	LIVROS
Clemente	30-100	Roma	Mateus, Rom., 1 Cor., Hebreus
Policarpo	69-155	Smirna	Mat., Actos, Epist. de Paulo, 1 Pedro, 1 João
Papias	80-155	Hierápolis	Mat, Marc, João, 1 Ped, 1 João

Justino	100-165	Ásia menor	liv. do N.T. menos Fil. e 3 João
Irineu	140-165	Ásia e Gália	liv. do N.T. menos Fil. e 3 João
Tertuliano	150-222	Cartago África Norte	liv. do N.T. menos Filemom, Tiago, 2 e 3 João
Clemente	155-215	Alexandria	todos os livros do N.T.
Orígenes	185-253	Alexandria	os liv. do N.T menos 2 e 3 João
Dionísio	200-265	Alexandria	o N.T, menos 2 Pedro e Judas

### A Genuinidade da Mensagem

A Bíblia que possuímos é fruto de cópias extraídas dos manuscritos originais já não existentes. Porém, a sua mensagem não deixou de ser genuína. A Palavra de Deus merecia o total respeito dos copistas e, desta forma, tinham todo o cuidado em não alterá-la. Pois, a ordem de Moisés foi esta: “Não acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do Senhor vosso Deus” (Dt. 4.2).

A genuinidade refere-se mais à mensagem transmitida pelos escritores sacros do que aos documentos originais, agora inexistentes. O que possuímos são cópias de cópias dos originais desaparecidos. Contudo, a mensagem permaneceu fiel porque os copistas eram extremamente zelosos no seu trabalho e respeitadores da verdade divina.

Uma prova clara da sua exactidão é observada na recente descoberta arqueológica de muitos manuscritos antigos, tal como dois manuscritos em pergaminho do livro de Isaías, nas grutas do Mar Morto, datando provavelmente do século I ou II antes de Cristo; e o fragmento P52 Rylands, com trechos do evangelho de João. Se este evangelho foi escrito em cerca de 95 d.C., então, esta cópia terá sido efectuada menos de cinquenta anos depois.

Outra questão a considerar é a existência de traduções fiéis. A expansão missionária levou o evangelho para ocidente, de língua latina, e para oriente, de língua siríaca. Isto obrigou a que as Escrituras fossem traduzidas para essas línguas por volta

de 250 d.C. a partir de manuscritos gregos mais antigos do que os existentes presentemente.

Em seguida temos um quadro representando o aparecimento das primeiras versões da Bíblia.

### Primeiras Versões da Bíblia

Versão	Data	Língua	Porções do Novo Testamento
Latim Africano	c. 150 d. C.	Latim	Contém quase todo o N. T.
Diatessaron	c. 170 d. C.	Siríaco	Um arranjo dos quatro evangelhos num só livro.
Saídico	c. 200 d. C.	Cóptico	Contém quase todo o N. T.
Siríaco Sinaitico	IV século	Siríaco	Contém a maior parte dos evangelhos
Vulgata latina	384 d. C.	Latim	Contém o Novo Testamento total

Antes de existir a imprensa, a cópia das Escrituras era feita por copistas que usavam, primeiro, o papiro, feito de caules de plantas aquáticas, depois, o pergaminho, formado de peles de animais. Os mais duráveis são os manuscritos em pergaminho, sendo os mais importantes aqueles que se seguem na página seguinte.

### Manuscritos em pergaminho

VERSÃO	DATA	NOVO TESTAMENTO
Codex Vaticano	Meados do IV séc.	De Mateus a Hebreus 9.13
Codex Sinaitico	Fim do IV século	Novo Testamento inteiro
Codex Alexandrino	Começo do V séc.	Quase todo o Novo Testamento
Codex Washingtoniano	Entre IV - V séc.	Os quatro evangelhos

A Harmonia dos Evangelhos deve ser também considerada com respeito à genuinidade da mensagem. É interessante verificar como os quatro evangelhos nos apresentam um relato completo da pessoa que é Jesus Cristo. Enquanto Marcos nos apresenta Jesus como o servo de Deus, Mateus apresenta-o como o Rei glorioso, e Lucas mostra-o como o homem perfeito. O evangelho de João fornece-nos a sua própria observação do Jesus amoroso. Isto significa conhecer a pessoa sob quatro perspectivas, o que torna o conhecimento completo.

Praticamente quase toda a informação de Marcos se encontra em Mateus e em Lucas. Este facto forma uma bela sinopse dos três evangelhos. João pinta-o como o Filho de Deus que veio como cordeiro para ser sacrificado pelos pecadores. Quando os quatro pontos de vista são combinados oferecemos um quadro perfeito de Jesus e do seu ministério.

## **A FIDELIDADE DAS ESCRITURAS**

A credibilidade de qualquer relato depende sempre da observação de dois factores: o carácter do próprio escritor e a veracidade evidente dos factos. As Sagradas Escrituras inspiram confiança, não somente porque satisfazem aqueles dois factores, mas são comprovadamente fidedignas por evidências internas e externas.

### **Evidências internas de credibilidade**

A fidelidade do Antigo Testamento é comprovada por Cristo e pelos apóstolos. Cristo é uma testemunha digna de confiança. Ele mencionou muitos escritos do Antigo Testamento, confirmando a sua veracidade, e afirmou que veio cumprir a Lei e os Profetas. Os apóstolos usaram o Antigo Testamento como a base para a sua mensagem de salvação. Eles preocupa-

ram-se em provar por aquelas Escrituras que Jesus era o cumprimento das profecias contidas no A.T. Pedro fundamentou o seu sermão, no dia de pentecostes (Act. 2 e 3) em passagens do A.T. Estêvão fez uma exposição histórica do A.T. em sua defesa (Act. 7). Paulo confirma que toda a Escritura é inspirada por Deus e digna de confiança (Tm. 3.16). Pedro afirma que a profecia foi inspirada por Deus, por isso é digna de confiança (2 Pd. 1.21). A avaliar pelos sofrimentos experimentados somos levados a confiar no seu testemunho.

A fidelidade do Novo Testamento é comprovada pela confiança nos seus autores e pela harmonia do seu conteúdo. Testemunhas contemporâneas, como Lucas, atestam a fidelidade dos escritos do N.T. “Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos factos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio, e foram ministros da palavra, pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelente Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio, para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado” (Lc. 1.1-4). Como observamos, havia alguém preocupado em informar seriamente sobre os factos referentes a Jesus. Além disso, ele é considerado por Paulo como “o médico amado, seu companheiro.” Lucas é uma testemunha digna de confiança.

Apesar da diversidade de escritores, num período aproximado de cinquenta anos, o Novo Testamento revela uma extraordinária harmonia do seu conteúdo. O seu tema central gira sempre à volta de Cristo como o cumprimento perfeito das profecias do Antigo Testamento. A harmonia do conteúdo pode ser observada nas referências de rodapé da Bíblia e numa Concordância Bíblica.

### **Evidências externas de credibilidade**

A confiança do Antigo Testamento é comprovada pela História, pela Arqueologia e pela experiência humana. Enquanto a História contém relatos comprovativos da veracidade da Bíblia ao mencionar personalidades, lugares e factos ocorridos citados, a Arqueologia bíblica lança luz sobre esse panorama histórico com as suas notáveis descobertas. E a experiência humana confirma a veracidade da narrativa bíblica. Por exemplo, comparando as narrativas bíblica e babilónica sobre a criação verifica-se que ambas reconhecem uma época em que a terra era sem forma e vazia.

A Arqueologia fornece muitas informações sobre os povos e seus costumes ao longo da História. Por exemplo, “a cidade de Ur, na Suméria do sul, foi completamente escavada por Leonard Wooley (1922-34), e foi demonstrado que era uma cidade grande com civilização florescente, que desfrutava duma civilização avançada cerca de 2000 antes de Cristo, e que seria precisamente o período de Abraão.”<sup>1</sup>

As picaretas dos arqueólogos, entre 1907 e 1909, puseram a descoberto a dupla muralha de Jericó, conquistada por Josué, a qual revela vestígios de um incêndio, como as Escrituras relatam: que o muro caiu, e o povo subiu à cidade, e tudo quanto nela havia queimaram a fogo (cf. Js. 6.20,24). Os materiais encontrados no subsolo têm sido de grande utilidade na confirmação da veracidade da Bíblia. “A descoberta das inscrições de Sargão, há uns cem anos, assemelha-se a uma história romântica da fantástica terra dos Califas. Não deixa de ser, por isso, um marco milenário da arqueologia. Com ele soou a hora do nascimento da Assiriologia, cujos achados arqueológicos, que tanto interesse despertaram, conferiram a muitas narrações bíblicas o carácter de verdadeira e autêntica história.”<sup>2</sup> Pode-

<sup>1</sup> *Merece confiança o Antigo Testamento, pg. 187*

<sup>2</sup> *A Bíblia tinha razão, pg. 237*

mos confiar na sua fidelidade porque é a Palavra de Deus, revelada e inspirada por Deus.

A experiência dos crentes ao longo dos séculos confirma a exactidão das Escrituras. Um exemplo dessa experiência encontra-se no evangelho de João capítulo quatro, que relata a confiança da mulher samaritana no cumprimento das Escrituras (Jo. 4.29), e como os seus convidados, para ouvirem as palavras de Cristo, confessaram a sua convicção de que a profecia sobre o Messias estava cumprida (Jo. 4.42). Outro exemplo do que está acontecendo, como experiência de muitos crentes, é o cumprimento da profecia de Joel, a recepção do Espírito Santo, corroborada por Pedro no dia de Pentecostes (Act. 2.16,17; 38,39). Ainda outro, é a multidão de vidas transformadas e curadas por estarem em contacto com a Palavra de Deus, porque a Sua Palavra transmite espírito e vida nova aos que nela crerem.

## PANORAMA DAS ESCRITURAS

O panorama bíblico corresponde à comunicação do plano de Deus para o Homem viver de acordo com a Sua vontade. É a Sua própria revelação a fim de ser conhecido mediante a Sua natureza, o Seu carácter e a Sua acção sobrenatural.

Embora o tema central de toda a Bíblia seja Cristo e o seu Reino, conta com subtemas como, Israel e Igreja como povo de Deus, e princípios orientadores para os herdeiros do Reino. Para compreender o panorama bíblico podemos dividi-lo em quatro grandes secções: Criação, Queda, Promessa, e Reino.

### 1. A CRIAÇÃO (Gn. 1 e 2 )

- a) **Perfeição**, é como se pode definir a obra de Deus. Em tempo indeterminado, desconhecido, Deus criou os céus e a terra, mas esta não era habitada pela variedade de seres que hoje contém. Somente o Espírito do Criador se movia sobre as águas.

- b) **Caos** e trevas era o seu estado, enquanto coberta pelas águas, até que o soberano Criador disse: “Haja luz,” e ouviu luz, começando a haver dia e noite.
- c) **Restauração**, pode-se designar a criação nesta semana, pois nela o Senhor trouxe à existência os reinos vegetal e animal, incluindo o próprio homem criado à Sua imagem e semelhança. Foi dotado com capacidade de decisão e escolha. E tudo quanto Deus tinha feito era muito bom.

## 2. A QUEDA (Gn. 3 a 11)

- a) **Desobediência** e conseqüente perda da comunhão é a designação deste período, porque o homem criado quebrou a aliança com Deus ao submeter-se ao astuto convite de Satanás. Este estado caído transmitiu-se a toda a posteridade; por isso todos têm pecado e estão separados de Deus.
- b) **Pacto** é a acção de Deus para restaurar a comunhão perdida com o homem que tanto amava. Gn. 3.15 revela-nos a maior promessa de amor jamais feita aos mortais. As peles que cobriram Adão e Eva são uma figura do sacrifício do cordeiro de Deus que havia de vir para tirar o pecado do mundo. No tempo determinado, Deus cumpriu essa promessa enviando seu Filho nascido de mulher (Gl. 4.4).
- c) **Babel** é a confusão a que chegaram, os descendentes de Noé, com a construção de uma torre como que a desafiar a Deus. Aquela gigantesca construção não estava nos seus planos, por isso teve de ser embargada. Isso obrigou a que o povo se espalhasse pela terra formando grupos étnicos com características próprias (Gn.11).

## 3. PROMESSA (Gn. 12 até Ap.)

- a) **Patriarcas** é o tempo que vai desde a chamada de Abraão até ao Êxodo do Egito, quando o governo pertencia ao mais velho na família. Deus prometeu que Abraão seria uma bênção para todos os povos (Gn 12.1 a Êx. 18.27).
- b) **Israel** é o povo da promessa, descendente de Abraão, escolhido para ser propriedade peculiar e reino sacerdotal, pelo qual havia de vir a semente da mulher, o Senhor Jesus (Gn. 28.13, 14; 32. 27,28; Êx. 19.5,6).
- c) **Igreja** é a nova comunidade fundada por Cristo, dentre todos os povos, que recebeu a ordem de fazer discípulos em todas as nações com a promessa de que estaria sempre com ela (Mt. 28.19,20).

## 4. REINO (Ap.)

- a) **Milénio** é a definição do reino consumado em todas as nações, na segunda vinda de Cristo, o qual se caracteriza por justiça, paz, prosperidade e alegria no Espírito Santo, pela presença do Senhor (Ap. 20.1-6).
- b) **Juízo** é a acção justa de Deus para castigar os ímpios pelas suas obras iníquas reveladas nos livros das obras, os quais serão condenados ao lago de fogo eternamente (Ap. 20.11-15).
- c) **Eternidade** é a bem-aventurança dos santos no reino eterno, que o Filho entregou ao Pai, onde não haverá mais dor, nem morte, nem lágrimas, mas vida para sempre na presença do Senhor (Ap. 22.1-5).

## EXAMINANDO AS ESCRITURAS

Os cristãos de Bereia deixaram-nos um exemplo maravilhoso. Quando ouviram Paulo explicar a Palavra de Deus tiveram o cuidado de examinar diariamente as Escrituras para se certificarem se ele falava de acordo com a Palavra de Deus. A leitura diária da Bíblia, com espírito de pesquisa, dá-nos informações valiosas sobre a nossa vida presente e futura. Por isso, é bom começar o treinamento pelo exame regular pelas Escrituras seguintes:

### A. O carácter das Escrituras

2 Tm. 3.16	É inspirada por Deus e proveitosa para ensinar o homem de Deus.
Dn. 2.28	É a revelação de Deus para todos.
Jo. 17.17	É a verdade por excelência.
Hb. 4.12	É viva e eficaz para discernir os pensamentos.
Is. 40.8	Seu valor é eterno.

### B. O propósito das Escrituras

Rm. 10.17	É para produzir fé nos ouvintes.
1 Pd. 1.23	É semente que dá vida nova pela fé.
Sl. 119.11	Livra do pecado quando obedecida.
Sl. 19.105	É para alumiar o caminho do nosso viver.
Js. 1.8	É para ensinar prudência e prosperidade.

### C. A autoridade das Escrituras

Sl. 33.6	É o meio da criação do universo.
Ne. 8.5,6	Merece a reverência de todos.
1 Ts. 2.13	É a Palavra de Deus.

Lc. 10.26	Tem força de lei divina.
Mt. 8.8	Tem poder para libertar.

### D. A minha atitude perante as Escrituras

Sl. 1.1,2	Devo deleitar-me e meditar nela dia e noite.
Cl. 3.16	Devo torná-la parte de mim mesmo.
2 Tm. 2.15	Devo conhecê-la e manejá-la bem.
2 Co. 4.2	Não devo falsificar a Palavra de Deus.
Mt. 5.19	Devo ensinar fielmente a Palavra de Deus.

### E. A minha responsabilidade perante as Escrituras

Mt. 7.21	É obedecer à Palavra de Deus.
Tg. 1.22-25	É cumprir as suas ordenanças.
1 Jo. 3.22	É guardar os seus mandamentos.
Sl. 119.16	É não esquecer a Palavra de Deus.
Sl. 19.172	É falar a Palavra de Deus.

## FRASES NOTÁVEIS A RESPEITO DA BÍBLIA

“Creio que a Bíblia é o melhor presente que Deus já fez ao homem. Todo o bem, da parte do Salvador do mundo, nos é transmitido mediante este livro.” (Abraão Lincoln).

“Impossível é governar bem o mundo sem Deus e sem a Bíblia”. (George Washington).

“Há mais indícios seguros de autenticidade na Bíblia do que em qualquer história profana.” (Isaac Newton).

“A Bíblia ergue-se como pirâmide na história da literatura, sem precedente e sem rival.” (Johann Gutenberg).

“Para alcançar o céu devemos nos preparar estudando e meditando a Bíblia.” (Camilo Castelo Branco).

“A Bíblia prepara os crentes para serem úteis na terra, e terem uma morada no céu.” (Alexandre Herculano).

“Na Bíblia acharás a mensagem adequada para o teu coração em qualquer circunstância da vida.” (Gago Coutinho).

“O único mister do púlpito é o ensino simples e expositivo da Palavra de Deus - a Bíblia.” (Almeida Garrett).

“A Bíblia é a âncora de nossas liberdades. Estude-a reverentemente.” (Afonso Lopes Vieira).

“O Estudo da Bíblia constitui o mais elevado curso de pós-graduação na mais preciosa biblioteca da experiência humana.” (Camilo Castelo Branco).

*“O Deus que fez o mundo e tudo que nele há,  
sendo Senhor do céu e da terra,  
não habita em templos feitos pela mão dos homens,  
nem tão pouco é servido por mãos de homens,  
como que necessitando de alguma coisa;  
pois Ele mesmo é quem dá a todos a vida  
e a respiração e todas as coisas;  
e de um só fez toda a geração dos homens  
para habitar sobre toda a face da terra,  
determinando os tempos dantes ordenados  
e os limites da sua habitação.”*  
Actos 17.24-26.



## CAPÍTULO TRÊS

### A EXISTÊNCIA DE DEUS

Como já sabemos, teologia é a ciência que estuda a matéria relacionada com Deus. Primeiramente, vamos identificar os vários conceitos errados sobre Deus e, então, o conceito conforme a revelação bíblica.

Conceito é o juízo que se faz de alguém, ou de alguma coisa, é uma ideia formada mediante a informação recebida previamente. Eis uma definição breve dos principais conceitos sobre Deus:

**1.** Animismo é uma espécie de religião primitiva que atribui uma alma a todos os fenômenos da natureza, a qual é o princípio das funções vegetativas tal como é das funções mentais humanas.

**2.** Agnosticismo é a doutrina filosófica que declara Deus inacessível ao espírito humano. Não nega a existência de Deus, mas diz ser impossível comprová-la.

**3.** Ateísmo é a doutrina que nega a existência de Deus sob qualquer forma, porém, sem comprovação alguma das suas negações.

**4.** Deísmo é a aceitação da existência dum Deus que não é pessoal, que não pode ser conhecido, nem se pode manter comunhão com Ele. Por isso, os seus adeptos rejeitam qualquer espécie de religião.

**5.** Panteísmo é o sistema doutrinário que concebe Deus como a única realidade verdadeira, afirma que Deus e Natureza são a mesma coisa, uma só substância.

**6.** Politeísmo é o sistema religioso que admite a existência de muitos deuses, cada qual com a sua função específica na natureza, que recebem culto a fim de serem propícios ao homem.

**7.** Teísmo é a doutrina que crê na existência de um só Deus pessoal, que é Espírito, Eterno, Onnipresente, Omnisciente, e Onnipotente, que recebe culto de adoração e gratidão pela sua misericórdia.

#### Argumentos a favor da existência de Deus

Embora tenhamos à nossa disposição vários argumentos para provar a existência de Deus, estes servem especialmente para fortalecer a fé de quem já O conhece. Deus não precisa de comprovar a Sua existência, nem a Bíblia se ocupa com isso. Contudo, podemos verificar nela alguns argumentos em favor da existência de Deus.

**1.** O Argumento da Criação é o facto de que a razão leva-nos a considerar que toda a criação deve ter tido um criador. Naturalmente, ninguém se atreve a dizer que uma máquina tão precisa, como é o relógio, não teve criador. Pois, o relógio universal chamado cosmos, com os seus milhões de galáxias, e a sua respeitável precisão, também exige um criador inteligente, sábio e poderoso, para realizar tão gigantesca obra. Este Criador, que ninguém viu pessoalmente, é aceite como sendo Deus, o Todo-Poderoso. “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn. 1.1).

**2.** O Argumento de causa e efeito é a aceitação de que todo o efeito deve ter uma causa adequada. A existência do universo, com a sua beleza e sua harmonia, manifesta elementos reveladores da existência de Deus como Criador. Ele é a

primeira causa de todos os efeitos no universo, existindo antes de todas as coisas. Ele é a Causa primária da existência. “E viu Deus tudo quanto tinha feito e era muito bom” (Gn. 1.31).

**3.** O Argumento do Desígnio tem a ver com um projecto de propósito criativo. É a determinação de fazer planos prévios para levar a efeito qualquer obra com segurança e beleza. Sem dúvida, ninguém dirá que as grandes superfícies comerciais não tiveram projectista, embora não saibamos, ou não conheçamos, quem foi. Um experiente arquitecto está por detrás dessas gigantescas obras, algumas de rara beleza. Do mesmo modo, é forçoso admitir que o Universo teve um sábio Arquitecto que o planeou ao pormenor e dirigiu a sua construção. Ele só precisava de, como Legislador, ditar as leis infalíveis pelas quais este gigantesco cosmos é governado. Esta personalidade só pode ser definida como Deus. “E disse Deus: Haja, apareça, produza” (Gn. 1).

**4.** O Argumento Histórico é o registo do modo como impérios e nações tiveram o seu apogeu, a sua queda e consequente desaparecimento, ou mesmo restauração. Recordemos a Babilónia desaparecida e o Israel restaurado; o império romano desaparecido e a Igreja prevalecendo através dos milénios. Isto só pode dever-se à acção sábia e poderosa de Deus. Além disso, em todos os tempos as gentes têm procurado propiciar um deus qualquer a fim de receberem as bênçãos e a sua protecção, dos quais Deus disse: “Não terás outros deuses diante de mim, nem farás para ti imagem de escultura” (Êx. 20.3,4<sup>a</sup>).

**5.** O Argumento da Consciência está relacionado com a marca que o Grande Legislador implantou dentro de todos nós, quer acusando-nos, ou aprovando-nos. A consciência dos seres humanos, dizendo dentro de nós, farás, ou não farás, é a marca do Criador. Nós dispomos de natureza moral, pelo que a nossa vida é regulada por conceitos do bem e do mal. A consciência é uma autoridade legislativa dentro de nós. E, mesmo deformada e ofuscada pelo pecado, como geralmente acontece, mesmo

assim, testemunha que fomos criados à imagem e semelhança de Deus (Gn. 1.27). Para defender essa Lei, o Grande Legislador condenará o prevaricador.

**6.** O Argumento da Crença Universal é o facto de não existirem povos, por mais primitivos que sejam, que não manifestem alguma forma de religião. Ainda que, por vezes, nos pareça absurda e inadequada, essa era a maneira pela qual o homem procurava chegar-se a Deus e obter dele a protecção. Mesmo a idolatria comprova o sentimento religioso imanente no homem de todos os tempos. O Homem foi constituído para crer na existência do seu Criador. A incredulidade é o maior pecado pelo qual o descrente será condenado. Todavia, receberá misericórdia se confiar em Cristo como salvador.

**7.** O Argumento Bíblico diz respeito àquilo que as Escrituras revelam acerca de Deus e suas obras. Ainda que as Escrituras não tratem de provar a existência de Deus, contudo, elas apelam a crer na Sua existência como o meio adequado para lhe agradar. “Pela fé entendemos que os mundos pela Palavra de Deus foram criados” (Hb. 11.3,6).

A Bíblia revela que no princípio Deus criou o mundo. João esclareceu que “no princípio era o “λογος” (Logos), e o Logos estava com Deus, e o Logos era Deus” (Jo. 1.1). Ele disse ainda que esse Logos é a fonte da vida, referindo-se a Cristo (v. 4).

Em Isaías 40.6 lê-se: “Assim diz o Senhor, Rei de Israel, e seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e fora de mim não há Deus.” No Salmo 95.6 lemos assim: “Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou.” E em Actos 17.24 lê-se: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mão de homens.” Ele habita nos corações humanos porque Deus é amor e este amor é ágape (Jo. 4.8). Paulo afirma que a nossa vida depende integralmente dele (Act. 17.28).

## ATRIBUTOS DIVINOS

Os atributos duma pessoa são as características essenciais permanentes que a distinguem das outras pessoas. Se uma pessoa ficasse privada de seus atributos pessoais deixaria de ser uma pessoa. Ora, os atributos de Deus o definem como uma pessoa especial em relação aos seres humanos criados.

Deus, como Ser espiritual e infinito é inacessível à compreensão humana. Não é possível conhecê-lo tal qual Ele é. Porém, a Bíblia faz revelações dos Seus atributos pessoais em linguagem compreensível à mente humana.

A definição mais clara e completa sobre Deus encontra-se no Catecismo de Westminster, que diz assim: “Deus é Espírito, Infinito, Eterno, e Imutável em Seu Ser, Sabedoria, Poder, Santidade, Justiça, Bondade e Verdade.”

### 1. Atributos pessoais

Atributos pessoais são aquelas características específicas que distinguem as pessoas dos irracionais. E as Escrituras Sagradas apresentam Deus como detentor de características pessoais muito próprias. Assim, Deus é uma pessoa espiritual, sem corpo material, e Todo-Poderoso.

**a)** Deus é Espírito (Jo. 4.24) e, por este motivo, não podemos apreendê-lo com os olhos carnis. Sendo Deus Espírito, não possui corpo material nem tem limitações físicas. A mente humana, sim, é limitada para compreender um Deus ilimitado. Deus é diferente da matéria, só pelo espírito e pela fé pode ser contactado.

**b)** Deus é Infinito (1 Rs 8.27). O Seu centro está em toda a parte e a sua circunferência em parte nenhuma. O Espírito não está limitado ao espaço; Ele preenche todos os lugares. Por

consequente, pode ser contactado por todos os interessados em qualquer lugar do Universo.

**c)** Deus é Eterno (Êx. 15.18). Não teve princípio nem terá fim. Deus sempre existiu e existirá. Ele não foi criado, é o Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. O Espírito não está limitado ao tempo. Não experimenta o cansaço nem o desgaste dos anos como nós.

**d)** Deus é Imutável (Mt. 3.6). A sua personalidade permanece sempre a mesma. O seu carácter não é alterado, nem os seus propósitos. As suas leis são firmes e cumprem-se infalivelmente. A sua Palavra é a verdade, e não lhe permite alteração alguma. Cristo disse que nem um “iota, (ι) ou til” se omitirá da lei.

**e)** Deus é único (Êx. 20.3). Ele próprio não admite rival. Os deuses falsos do paganismo pertencem à criação humana; foram imaginados enquanto procuravam o verdadeiro. Os humanos pertencem à criação do Deus único, o qual nos procurou por meio do seu Filho Jesus Cristo. Ele revelou a Isaías uma pergunta pertinente: “A quem me fareis semelhante, e com quem me igualareis para que sejamos semelhantes?” (Is. 40.25; 46.5).

### 2. Atributos activos

Os atributos activos são aquelas qualidades com as quais Deus se revela nas suas actividades constantes. Na Bíblia transparecem essas qualidades específicas de Deus agindo no Universo.

**a)** Deus é Onnipotente para criar todas as coisas com a sua Palavra e para manter em ordem todos os elementos do Universo. Todos giram cumprindo fielmente o espaço e o tempo das suas órbitas. Ele tem poder tanto para castigar como para abençoar as nações. Cristo confirmou que para Deus tudo

é possível (Gn. 1.1; 12.2; Êx.15.7-10; Act. 17.24-26; Mt. 19.26). Portanto, tudo é possível ao que crê.

**b)** Deus é Omnisciente para saber tudo quanto é necessário à realização das suas obras. Ele conhece o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro. David fala de Deus desta maneira: “Senhor, Tu me sondaste e me conheces. Tu conheces o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento...e conheces todos os meus caminhos.” O salmista canta a sabedoria de Deus desta maneira: “Ó Senhor, quão variadas são as Tuas obras! Todas as coisas fizeste com sabedoria;” “Ai dos que querem esconder profundamente o seu propósito do Senhor e fazem as suas obras às escuras e dizem: Quem nos vê e quem nos conhece?” (Gn. 18. 18, 19; Sl. 104.24; Sl. 139.1-6; Is. 29.15).

**c)** Deus é Omnipresente quanto ao espaço. Ele está em qualquer lugar do Universo, nada escapa à sua presença contínua. Jacó ouviu esta promessa de Deus: “Eis que estou contigo e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra; porque te não deixarei até que te haja feito o que te tenho dito.” E o rei David canta assim: “Para onde me irei do Teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu Tu aí estás; se fizer no “sheol” a minha cama, eis que Tu ali estás também...nem ainda as trevas me escondem de Ti.” E, “assim diz o Senhor: O céu é o meu trono, e a terra o estrado dos meus pés. Que casa me edificaríeis vós, e que lugar seria o do meu descanso? (Gn. 28.15; Sl. 139.7-12; Is. 66.1).

**d)** Deus é Soberano, detém o direito absoluto de governar o Universo e as suas criaturas neste planeta. O Seu trono está firme desde a eternidade. A Sua soberania é vista nas suas acções governativas. Ele faz tudo de acordo com a Sua vontade e não tem necessidade de dar explicações das suas acções a ninguém. Ele é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores (Sl. 93.1,2; Dn. 4.35; Rm. 9.20,21; 1 Tm. 6.15). Todos devemos reconhe-

cê-lo como o Senhor soberano, aquele que está acima de todos e de todas as coisas.

### 3. Atributos morais

Atributos morais são as características pessoais relativas aos bons costumes e modo de proceder nas relações com os semelhantes. Visto ser Deus uma pessoa, reúne em Si características morais próprias que são o padrão vivencial dos seus filhos.

**a)** Deus é Santo e deixou-nos a ordem de ser santos como Ele é santo. A santidade é própria da Sua natureza divina. Ser santo é estar separado para uma vida especial. A Israel, Deus disse: “E ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e vos separei dos povos para serdes meus.” Aos cristãos, Pedro disse: “Como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a maneira de viver” O salmista David escreveu assim: “Porque Tu não és um Deus que tenha prazer na iniquidade, nem contigo habitará o mal.” Deus é santíssimo em seu ser (Lv.11.44,45; 20.26; 1 Pd. 1.15,16; Sl. 5.4; Is. 6.3).

**b)** Deus é Justo no seu tratamento com as suas criaturas. A justiça de Deus é a santidade em acção; é a conduta certa em relação aos outros. É o juízo correcto na condenação, ou na absolvição. Deus tanto livra o inocente como castiga o ímpio. Ele é justo nas suas apreciações, não tem favoritos. O Messias julgará com justiça divina e não como os juizes terrenos, de acordo com testemunhos alheios. “Porquanto Deus tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo por meio do varão que destinou, e disso deu certeza a todos ressuscitando-o dos mortos (Gn. 18.25; Is. 11.3-5; Is. 45.24,25; Is. 61.10; Act. 17.31).

**c)** Deus é Fiel à Sua Palavra. Ele é absolutamente digno de confiança. Podemos confiar em Suas promessas, que não falharão. Toda a Sua Palavra terá o seu cumprimento no tempo

próprio; “Deus não é homem para que minta, nem filho do homem para que se arrependa; Diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?” “Palavra alguma falhou de todas as boas palavras que o Senhor falou a Israel; tudo se cumpriu.” E aquilo que falta, tudo se cumprirá; “Se confessarmos os nossos pecados Deus é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça” (Nm. 23.19; Js. 21.43-45; Mt. 5.18; 1 Jo. 1.9)

**d)** Deus é Misericordioso em relação às suas criaturas. A Sua misericórdia é a bondade em acção. No caso de prevaricadores impenitentes, Deus tem demonstrado longa paciência. Concernente aos Seus filhos, tem manifestado prontidão em perdoar e a prover o alívio necessário. O mais belo cântico sobre a misericórdia divina encontra-se no Salmo 103, o qual deve ser lido a fim de se conhecer a medida da Sua misericórdia. Sobretudo no verso treze está registado: “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem.” Estando em Babilónia, Daniel orou assim. “Ah! Senhor, Deus grande e tremendo, que guardas o concerto e a misericórdia para com os que Te amam e guardam os Teus mandamentos.” E S. Paulo falou a Tito desta maneira: “Mas, quando apareceu a benignidade e amor de Deus, nosso salvador, para os homens, não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo que abundantemente Ele derramou sobre nós por Jesus Cristo nosso salvador” (Êx. 34.6,7; Dn. 9.4; Tt. 3.4,5).

**e)** Deus é Amor “*ἀγάπη*” (agápe) e quer manter uma relação pessoal estável com os seus filhos de modo que todos sintam o gozo da comunhão com o Pai. Foi motivado pelo amor inefável que Deus tirou os israelitas da escravidão egípcia e os conduziu a uma terra de fartura. Deus confirma que “quando Israel era menino eu o amei e do Egipto chamei a meu filho.” Deus amou “*ἠγάπησεν*” o mundo de tal maneira que deu o seu

Filho unigénito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” Deus é amor e quem ama é nascido de Deus e conhece a Deus, mas quem não ama não tem Deus nem o conhece. Deus concede-nos o seu amor (agápe) pelo Espírito Santo que em nós habita (Dt.7.8; Jer. 31.3; Os. 11.1-4; Jo. 3.16; 1 Jo. 4.7-10; Rm. 5.5).

**f)** Deus é Bom para as suas criaturas. A sua bondade é o atributo pessoal pelo qual Ele lhes concede vida e muitas bênçãos. David expressa assim o seu conhecimento de Deus: “Bom e recto é o Senhor; pelo que ensinará o caminho aos pecadores. Guiará os mansos rectamente e aos mansos ensinará o seu caminho.” Deus provê o sol, a chuva, e os alimentos para todos, sem distinção (Sl. 25.8,9; 145.8,9; Mt. 5.45).

Mas, perguntará alguém: “Se Deus é bom por que há também males sobre a terra?” Os males sofridos podem ser motivados pela transgressão das leis naturais instituídas por Deus. Podem ser permitidos a fim de aprendermos as lições da vida, ou para provarmos a nossa fidelidade ao Senhor, tal como na experiência de Jó (Jó 1,2).

Há um trecho em Isaías que parece dar a ideia de que Deus é o criador do mal. Todavia, o contexto histórico e textual desfazem essa interpretação. Lê-se em Isaías 45.7: “Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas”. Este trecho refere-se à experiência de Israel no cativeiro babilónico. Por causa da sua idolatria, Deus permitiu que adversários tirassem o povo da sua terra e o levassem para o cativeiro, afim de se lembrarem da escravidão, no Egipto, donde tinham sido tirados. No momento adequado o Senhor nomearia Ciro para permitir o seu regresso à terra que lhes dera. Assim, concluímos que Deus tanto cria a paz como permite a adversidade. Israel aprendeu a lição e, a partir daquela experiência, não praticou mais a idolatria. Deus é mesmo bom porque pode fazer que o mal coopere para o bem, confor-

me a experiência de José, que foi vendido para o Egito a fim de salvar a sua família da fome (Gén. 45.4-8).

## NOMES DIVINOS

Os nomes hebraicos, além de contribuírem para o reconhecimento das pessoas, geralmente descreviam o carácter ou a função do utente. Observemos alguns exemplos: Adão, que significa vermelho, foi formado do barro. O vocábulo é também usado, cerca de quinhentas vezes, para referir-se à humanidade em geral. Eva recebeu este nome “חַוְּיָהּ” por ser a mãe da vida “חַיָּה”. Abrão, “אַבְרָם” que significa pai exaltado, foi alterado para Abraão, “אַבְרָהָם” que significa pai duma multidão (Gn.17.5).

O mesmo acontece com o nome de Deus, o qual vamos considerar em duas vertentes. Ele revela-se a si mesmo dando-se a conhecer pelo seu nome. Juntamos os vocábulos hebraicos, os quais se lêem da direita para a esquerda, a fim de fazer comparações.

### 1. O nome genérico

**Elohim**, (אֱלֹהִים) aparece logo no início da Bíblia (Gn. 1.1) e é o plural de El, (אֵל) que significa o Supremo Poder. É usado para identificar o Criador. A forma plural está bem conotada com a Trindade e com o verbo no plural em Génesis 1.26, “façamos o homem.”

**Elohim haiim**, (אֱלֹהִים חַיִּים) em Dt. 5.26, é o Deus vivo e temido de Israel. Todos os povos o temiam.

**El**, (אֵל) é usado em combinações como as que se seguem: **El Elyon**, (אֵל עֲלִיּוֹן) está em Gn. 14.18-20 para identificar o Deus Altíssimo de Abrão, a quem Melquisedeque servia.

**El rôî**, (אֵל רֹאִי) figura em Gn. 16.13 como expressão usada por Agar no tratamento do Deus que a viu na sua dificuldade: “Tu és o Deus que me viu”. Podemos confiar que Ele sempre está presente e nos vê em nossas dificuldades.

**El Shaddai**, (אֵל שַׁדַּי) vemo-lo em Êx. 6.3 para revelar o Deus dos patriarcas como o Todo-Poderoso. Pois, para Ele não há impossíveis. Deus pode vencer todas as situações difíceis.

**El Olam**, (אֵל עוֹלָם) em Gn. 21.33, está demonstrando o Deus que Abrão adorava, desta maneira: “E plantou Abrão um bosque em Berseba e invocou lá o nome de Yahweh El Olam;” que significa: Abrão adorava a Iavé Deus Eterno.

**EmanuEl**, (עִמָּנוּאֵל) lê-se em Is. 7.14, com repetição em Mateus 1.23, cujo significado é Deus conosco. A presença de Jesus, como Filho de Deus, quer dizer “conosco está Deus.” E Ele prometeu estar conosco até à consumação dos séculos (Mt. 28.20).

### 2. O nome pessoal

O nome pessoal é usado para serem reconhecidas e chamadas individualmente as pessoas. Entre os pagãos os nomes dos seus deuses eram usados como amuleto. Isto é, quem conhecia o nome de qualquer deus e o invocava ficava com direito a receber o seu pedido. Este era o poder do nome. Temos um exemplo no caso de Elias desafiando os profetas de Baal. “Invocai o nome do vosso deus, e eu invocarei o nome de Iavé, e há de ser que o deus que responder com fogo esse será Deus.” Então caiu fogo de Iavé e consumiu o holocausto (1 Rs 18.24-38).

Deus revelou o Seu nome a Moisés, quando este estava no monte Horebe. Deus convidara-o para libertar o Seu povo do Egípto; porém, Moisés quis saber que nome usaria perante os chefes de Israel, e o Senhor respondeu-lhe: “Êhyâ asher Êhyâ” (Eu Sou O Que Sou) Eu Sou a essência da vida. Assim dirás aos filhos de Israel: **Eu Sou** “Êhyâ” (אֱהְיָה) me enviou a vós... este é o meu nome eternamente” (Êx. 3.14,15). É único, não há outro.

Conforme o mandamento em Êx. 20.7, o nome do Deus de Israel não deve ser usado em vão. Por este motivo os israelitas passaram a usar “**Adonai**” (אֲדֹנָי) “meu Senhor” nos seus relacionamentos com Deus. E foi aquelas vogais que os massoretas usaram para vocalizar o nome de Deus, (a,o,a). Assim, deveria ler-se Iawa. Contudo, o rabino inglês Isidore Epstein aconselha a não vocalizar este nome. Em Isaías 10.33 aparece um tratamento assim: “Adon Yahwah tsavaoth” (יְהוָה צְבָאוֹת) (אֲדֹנָי) isto é, Senhor Yahwah dos Exércitos.

**Yahweh, ou Yahwah,** (Iawé, ou Iawa) parece ter origem no grau incompleto do verbo ser e significa o Eterno, a essência da vida. Aquele que era, é, e continuará a ser, sempre o mesmo. A forma hebraica Yahweh, ou Yahwah, é preferível se tivermos em consideração o vocábulo “Aleluyah” (הַלְלוּיָהּ) que significa “louvai a Yah.” Vamos comparar uma forma antiga do verbo ser que é הוּוּ, (âwâ); acrescentando-lhe iôd (י) resulta em יהוה (Yahwah). Este nome é usado junto a substantivos e formas verbais para designar a função e a acção de Deus junto do seu povo. Não são, por isso, mais nomes, mas é sempre o mesmo nome acompanhado por aquilo que Deus é para o povo que nele confia.

**Yahweh Jiré,** (יְהוָה יִרְאַה) é Aquele que tem provisão tanto nas horas fáceis como nas difíceis, à semelhança da experiência de Abraão; faltando o cordeiro para o holocausto,

Abraão respondeu ao filho: “Elohim jiré” Deus proverá para si o cordeiro (Gn. 22.8). E após a experiência, Abraão chamou o nome daquele lugar “Iawe jiré”, que está traduzido o “Senhor proverá” (Gn. 22.14). Como observamos, um verbo no futuro, expressando a acção de Deus, segue o nome pessoal do Senhor. Os outros exemplos são semelhantes.

**Yahwah rofeca,** (יְהוָה רִפְאֵה) é também o nome seguido por uma forma do verbo curar e o pronome “te” quando o Senhor prometeu ser “o Senhor que te cura” (Êx. 15.26). Esta acção de Deus é permanente em nós por intermédio da fé.

**Yahwah nissi,** (יְהוָה נִסִּי) é o mesmo nome seguido pelo substantivo “bandeira”, e pelo sufixo pronominal “minha” em virtude da vitória do exército de Josué sobre Amaleque. Não foi o estandarte do exército que lhes deu a vitória, mas sim o Senhor dos exércitos. Em memória Moisés levantou ali um altar, onde adorou, e o chamou por aquele nome (Êx. 17.8-15).

**Yahwah shalom,** (יְהוָה שְׁלוֹם) é o nome do altar que Gideão edificou para memorizar a sua comissão para libertador de Israel. Aqui temos o nome de Deus seguido pelo substantivo adjectivado “paz” Jeová é paz (Jz. 6.24).

**Yahwah rohi,** (יְהוָה רֹחִי) é a expressão que aparece no Salmo 23.1 para David cantar que “o Senhor é o meu pastor.” Nós também podemos cantar “o Senhor é o meu pastor, nada me faltará.” O bom pastor tem provisão para o seu rebanho.

**Yahwah Elyon,** (יְהוָה עֲלִיּוֹן) é como o salmista chama a Deus no seu cântico do Salmo 97.9: “Pois Tu, Senhor és Altíssimo em toda a terra; muito mais elevado que todos os deuses.”

**Yahwah tsidkenu,** (יְהוָה צְדִקְנוּ) é o nome que foi dado ao renovo justo de David, “Jeová é a nossa justiça.” Esse renovo que brotou de David é o nosso Senhor Jesus Cristo que nos justificou de todo o pecado ( Jr. 23.5,6; 1 Co. 6.11).

**Yahwah shammah**, (יהוה שמה) que significa “Jeová está ali” é o nome da nova Jerusalém de Israel, que lhe foi dado em virtude de Deus estar ali, no meio deles (Ez. 48.35).

**Yahwah tsevaoth**, (יהוה צבאות) é traduzido Senhor dos exércitos; Em 1 Cr. 17.24 lê-se que “o Senhor dos Exércitos é o Deus de Israel.” E em Isaías 47.4 lemos que “o nome do nosso redentor é o Senhor dos exércitos, o santo de Israel.” Estes exércitos podem ser tanto os seus anjos como o exército de Israel.

**Adonai Yahwah**, (אדוני יהוה) é a expressão de tratamento respeitável aplicada ao soberano Deus que significa “meu Senhor Jeová” e assim tratou Gideão o anjo que acabara de ver (Jz. 6.22). Muitos mais exemplos haveria, mas ficamos pelos considerados principais.

**Yahwah Elohim**, (יהוה אלהים), é a expressão que aparece sempre na Bíblia para dizer que só o “Senhor é Deus.” Eis um exemplo em 1 Reis 18.36-39, quando Elias lhe pede que se manifeste como o único Deus. Após cair fogo do céu para consumir o holocausto todo o povo exclamou: “Yahwah Elohim, Yahwah Elohim;” E em Zacarias 13.9: “O Senhor é meu Deus” (Yahwah Elohi).

## REVELAÇÃO DE DEUS

O Deus verdadeiro não podia permitir que o considerassem mais um no panteão dos deuses. Assim, a fim de evitar essa confusão, Ele revelou-se ao seu povo de várias maneiras; em Teofania, Antropomorfismo, Nuvem, Anjo, e em Espírito.

### Teofanias

Teofania é uma aparição de Deus, geralmente em forma humana, de modo a ser apreendido facilmente pela capacidade

humana. Forma humana não significa sempre aparecer fisicamente, mas com alguma característica própria do homem. Tomemos alguns exemplos das Sagradas Escrituras.

Deus aparecia a Adão e Eva, ou seja, Deus falava com eles (Gn. 3.8-17). Deus apareceu e falou com Noé sobre o dilúvio; (Gn. 6.1-7). Apareceu e falou com Abrão (Gn. 12.7). Apareceu a Isaque e a Jacó e ratificou a Sua promessa (Gn. 28.12-20; 35.9; 48.3). Apareceu e falou com Moisés dando-lhe instruções sobre a libertação do Seu povo (Êx. 3.6). Apareceu e falou com Elias informando-o que não estava só; ainda tinha a companhia de mais sete mil que não adoravam a Baal (1 Rs 19.14,18).

### Antropomorfismos

Embora seja semelhante à Teofania, tem características distintas. O Antigo Testamento está cheio de antropomorfismos e antropopatismos porque os escritores usam a terminologia humana para descreverem as ações do Deus infinito.

Antropomorfismo é a manifestação de Deus com expressões da forma humana, como possuindo pés, braços, boca, olhos, ouvidos, etc. para entendermos a Sua ação. Tomemos por exemplo as seguintes experiências:

Adão e Eva ouviram a voz do Senhor Deus (Yahweh Elohim) que passeava no jardim (Gn. 3.8). Moisés ouviu a voz de Deus que lhe disse. “E, havendo eu tirado a minha mão, me verás pelas costas; mas a minha face não se verá” (Êx. 33.23). No Salmo 8.6 e em Isaías 66.2 é atribuída toda a obra da criação à mão de Deus. Em 1 Reis 8.29,30 pede-se que Deus tenha os olhos abertos para ver as necessidades do povo e ouvidos atentos para ouvir as orações no templo (cf. Ne. 1.6). No Salmo 34.15,16 está escrito: “Os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos ao seu clamor. A face do Senhor está contra os que fazem mal.”



Antropopatismo é a manifestação de Deus com sentimentos semelhantes aos humanos, como por exemplo, alegria, tristeza, arrependimento, ira, etc. a fim de avaliarmos a Sua reação perante as nossas acções. Eis alguns exemplos:

Gênesis 6.6 revela o sentimento de pesar no coração de Deus por haver criado o homem cuja corrupção exigia a destruição pelo dilúvio. Êxodo 20.5 manifesta os ciúmes sentidos por Deus pela dedicação do povo àqueles que não são deuses. Moisés, em Deuteronomio 4.21, declarou que o Senhor se indignou contra ele por causa das palavras do povo rebelde. E Jeremias revela o sentimento de Deus desta maneira: “Há muito que o Senhor me apareceu dizendo: Pois com amor eterno te amei, também com admirável benignidade te atraí” (Jr. 31.3).

### **O Anjo do senhor**

O Antigo Testamento não declara claramente a existência das três pessoas da trindade. Porém, nas manifestações do Anjo do Senhor podemos ver características do Messias não incarnado. Descrevamos o que aconteceu com a intervenção do anjo do Senhor:

Gênesis 16.7-13 relata a experiência de Agar quando, por ser maltratada por Sara, fugiu para o deserto, onde foi encontrada pelo Anjo do Senhor, que a aconselhou a regressar à sua senhora com a promessa de que também ela seria mãe dum grande povo. É este povo árabe que presentemente está guerreando contra Israel, os filhos de Sara.

Gênesis 22.11,15-18 refere que o Anjo do Senhor apareceu a Abraão para impedir que sacrificasse o seu filho Isaque conforme lhe havia sido pedido por Deus.

Gênesis 32.22-30 contém o registo da experiência de Jacó com um varão, sobre o qual prevaleceu e recebeu a sua bênção. Jacó, então, chamou aquele lugar de “Peniel”, (פניאל) que

significa face de Deus, porque tinha visto Deus face a face. Oséias 12.3,4 atribui essa luta de Jacó com o Anjo do Senhor.

Êxodo 3.2 declara que apareceu o Anjo do Senhor a Moisés para convidá-lo a libertar o seu povo. E no mesmo livro, em 23.20,23, está a promessa que Deus fez a Moisés: “Eis que eu envio um Anjo diante de ti para que te guarde neste caminho e te leve ao lugar que te tenho preparado.”

Juízes 6.12,21-23 contém a experiência de Gideão com o anjo do Senhor, como por ele foi convidado e encorajado para libertar Israel dos midianitas.

Este Anjo do Senhor foi sempre o Salvador de Israel (cf. Is. 63.9) assim como também foi o nosso Salvador (Act. 13.23). “Ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo nosso Senhor, glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre” (Jd. 25).

### **A nuvem do Senhor**

O período de Moisés é notável devido às manifestações de Deus, sobretudo mediante a nuvem. Deus estava ali, entre eles, no deserto, na forma do fogo e da nuvem. Ao observar as referências abaixo recordaremos o ministério da nuvem a Israel, assim como os benefícios desfrutados pelo povo.

Êxodo 13.21,22 e 14.19 declara que Deus ia adiante deles numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os alumiar. Enquanto o exército egípcio os perseguia a nuvem e o fogo passaram para detrás deles a fim de protegê-los. Deus tem sempre uma maneira muito própria para guiar e proteger o seu povo.

Quando chegaram ao monte do Sinai a nuvem cobriu o monte e viram a glória do Senhor como um fogo consumidor (Êx. 24.15-17). Ali, Moisés recebeu ordem para construir o Tabernáculo; após ser montado, a nuvem veio sobre ele e ficou

cheio da glória do Senhor. Cada vez que a nuvem se levantava eles iniciavam as suas jornadas (Êx. 40.34-38).

Aquando do cativeiro dos setenta anos na Babilônia, o anjo do Senhor intercedeu em favor do povo de Judá. Este facto traz-nos à memória outro semelhante cujo intercessor é Jesus, o nosso sacerdote eterno diante do Pai. Também João recomenda que não pequemos, mas se alguém pecar temos um advogado perante Deus, Pai, que é Jesus Cristo, o justo ( Zc. 1.12; Hb. 7.24,25; 1 Jo. 2.2).

### **O Espírito do Senhor**

Logo no início das Sagradas Escrituras é mencionada a acção do Espírito de Deus movendo-se sobre as águas (Gn.1.1). Após a criação, Deus sempre tratou com o seu povo mediante o Espírito. Moisés e os seus setenta anciãos receberam a unção do Espírito a fim de liderarem o povo de Deus (Nm. 11.17,25). No final da sua carreira, Moisés cantou deste modo: “Como a águia desperta o seu ninho, se move sobre os seus filhos, estende as suas asas, toma-os e os leva sobre as asas, assim o Senhor o guiou (o povo de Jacó) e não havia com ele deus estranho” (Dt. 32.11,12). É o Seu Espírito que testemunha ao nosso espírito sobre o nosso estado espiritual (Rm. 8.16).

### **A TRINDADE DIVINA**

Embora a Bíblia não contenha a palavra “trindade” e afirme que há um só Deus, contém declarações doutrinárias sobre a Trindade Divina. Há necessidade de reconhecer duas espécies de unidade: a unidade absoluta e a unidade composta. A Trindade é uma unidade composta em perfeita igualdade de natureza, poder e autoridade. Devem-se tomar em consideração algumas ilustrações internas e externas sobre a Trindade.

### **Ilustrações internas da Trindade**

As ilustrações internas são as expressões encontradas na Bíblia fazendo referência à Trindade. As três pessoas, ainda que distintas, estão unidas como uma só e cooperam no mesmo propósito. Quando o Pai cria, as outras duas pessoas estão presentes agindo na criação. Quando o Filho redimiu, os outros dois estiveram envolvidos na redenção. O Espírito Santo é quem santifica, mas o Pai e o Filho colaboram igualmente na santificação.

Certa vez Filipe disse a Jesus: “Senhor mostra-nos o Pai, o que nos basta. Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu, mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai e o Pai em mim; crede-me ao menos por causa das mesmas obras;” Estas palavras revelam perfeita unidade (Gn. 1.1,26; Jo. 14.8-11).

Há quem veja a Trindade revelada no Antigo Testamento, na tríplice doxologia de Isaías 6.3: “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos.” Pois sabemos pelas Escrituras que o Pai é santo, o Filho é santo, e o Espírito é santo. Deus é Santíssimo.

A Trindade parece estar revelada no Novo Testamento. As três pessoas unidas são mencionadas no relato do baptismo de Jesus. “E sendo Jesus baptizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre Ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado em quem me comprazo” (Mt 3.16,17). São também mencionadas na fórmula trinitária do baptismo, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mt. 28.19). Esta expressão trinitária não exige três mergulhos na água, mas, tão somente, a referência ao Deus que é trinitário, em nome do qual se está celebrando o baptismo.

Enquanto o Pai enviou o Filho pelo poder do Espírito (Luc. 1.35); o Filho enviou o Espírito da parte do Pai. Como ficou escrito: “Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador para que fique convosco para sempre (Jo. 14.16,17,23,26). A Trindade glorifica-se mutuamente. O Filho glorifica o Pai; o Pai glorifica o Filho; e o Espírito glorifica o Filho (Jo. 13.31,32; 16.13, 14).

Pelo Filho todos temos acesso ao Pai no mesmo Espírito (Ef. 2.18). Porque o Filho ofereceu ao Pai sangue pelo Espírito eterno temos a garantia de ser aceites sem alguma reserva pelo Pai, conforme lemos em Hebreus 10.19,20: “Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela Sua carne.” O valor deste sangue dá-nos a possibilidade de chegar a Deus com fé, pureza e esperança (vv. 22,23).

Agora, observe-se atentamente o testemunho que as três pessoas divinas dão umas das outras.

**1.** O Pai testificou do Filho, na ocasião do seu baptismo, ao dizer: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt. 3.17; Mc. 1.11; Lc. 3.22).

**2.** O Filho testificou do Pai, quando disse: “Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma se o não vir fazer ao Pai; porque tudo quanto Ele faz o Filho o faz igualmente.” E testificou do Espírito, ao chamá-lo de Consolador para sempre; (Jo. 5.19 e 14.16,26).

**3.** O Espírito testifica do Filho, conforme Ele afirmara aos seus discípulos: “Mas quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade que procede do Pai, Ele testificará de mim;” (Jo. 15.26).

Então, vejamos como o amor de Deus é trinitário na unidade das pessoas:

Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo. 3.16). A prova do amor de Deus está

em que Ele enviou o Seu único Filho a fim de morrer como o cordeiro do sacrifício em lugar dos pecadores para não serem condenados (Rm. 5.8).

O Filho amou e disse que “ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos;” (Jo. 15.13). O amor do Filho está provado na Sua voluntariedade em vir à terra para dar a Sua vida em nosso lugar. Ele afirmou que a vida ninguém lha tiraria, porque Ele tinha poder para a dar e para voltar a tomá-la (Jo. 10.17,18). Foi isto que aconteceu para cumprimento das Sagradas Escrituras.

O Espírito ama e dá amor a todos, “porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm. 5.5). Ora, quem ama está provando que recebeu o Espírito Santo de Deus e conhece a Deus, porque Deus é amor. Quem não ama não conhece a Deus e não tem o Seu Espírito (1 Jo. 4.16-20).

Ainda podemos observar a Trindade unida na dádiva de dons, ministérios e operações, sendo, todavia, um só Deus. “Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas um só é o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer (1 Co. 12.4,5,6,11).

### **Ilustrações externas da Trindade**

As ilustrações externas são aquelas figuras tiradas da criação, as quais dão uma imagem fiel do Criador. Recordemos somente algumas que se nos afiguram importantes e esclarecedoras.

A composição do átomo, elemento base da criação, conta com electrões, prótons e neutrões. A composição da luz, elemento fundamental da vida física, reúne raios luminíferos, que

afectam a visão, caloríficos, essenciais à germinação das sementes, e químicos, responsáveis pelo crescimento de todos os seres vivos. A composição da semente com embrião, o germe da vida; endosperma, o primeiro alimento dessa vida; e tegumento, o invólucro da semente. O triângulo equilátero é uma figura geométrica com três lados. A expressão aritmética,  $1 \times 1 \times 1 = 1$  é uma boa ilustração da Trindade unida.

Atanásio, (séc. IV) afirmou: “Adoramos um Deus em trindade e uma trindade em unidade, não confundindo as pessoas nem dividindo a substância.” E nós também cremos assim.

### A Teologia da Paternidade

O paganismo considerava Zeus, o supremo deus grego, pai dos deuses e dos homens. Segundo o Antigo Testamento, Deus não é pai de todas as criaturas, mas sim o seu Criador. Somente Israel recebeu esse tratamento filial. Assim está escrita a sua confissão diante de Deus: “Mas Tu és nosso Pai...Tu ó Senhor és nosso Pai; nosso redentor desde a antiguidade é o Teu nome” (cf. Is. 63.16; Os. 1.10).

Acerca de David está escrito: “Achei a David, meu servo; com o meu santo óleo o ungi. Ele me invocará dizendo: Tu és meu Pai, meu Deus, e a Rocha da minha salvação” (Sl. 89.20,26). E, no tempo de Jesus confessaram que tinham a Deus por pai (Jo. 8.41).

Segundo o Novo Testamento, Deus só reconhece como filhos aqueles que recebem o Seu Filho e vivem guiados pelo Espírito Santo (Gl. 3.26; Rom. 8.14). Por esse motivo Jesus exigiu a Nicodemos o novo nascimento; “Necessário vos é nascer de novo” (Jo. 3.7). A expressão grega “γεννηθῆναι ἄνωθεν” significa nascer de cima, de Deus, em contraste com a carne que nasceu de baixo, do pó.

O novo nascimento acontece mediante a aceitação do Seu Filho, porque a todos quantos O receberem é dado o poder de

serem feitos filhos de Deus (Jo. 1,12). Pela fé em Cristo Jesus, o Filho de Deus, recebemos o direito de sermos também filhos de Deus e, desta maneira, pertencer à grande família universal que tem um só Pai, e é o Criador de todas as coisas.

### A teologia do Logos

A ideia do Logos (λογος) provém da filosofia grega. O filósofo Heráclito descreveu logos como o princípio que dá estabilidade e ordem ao mundo em constante mudança.

O Antigo Testamento é iniciado com a revelação da atividade criadora de Deus falando a palavra. Séculos mais tarde, David escreveu que “*pela palavra (Logos) do Senhor foram feitos os céus*” (Sl. 33.6). Então, o Logos foi o agente activo de Deus na criação.

O apóstolo João pegou na ideia do A.T. e identificou o “Logos” com a pessoa de Cristo, dizendo: “No princípio era o “Logos” e o Logos estava com Deus e o Logos era Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez; E o Logos incarnou e habitou entre nós, e vimos a sua glória como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade (cf. Jo. 1.1,3,14).

O Logos é pré-existente, não teve princípio. Ele só teve princípio físico para conviver com as suas criaturas e convidá-las ao arrependimento. Devemos comparar os primeiros versículos de Génesis com os de João.

O Logos é criador. O verso três diz que tudo foi feito por Ele. Em Colossenses 1.16,17 lemos que tudo é mantido por Ele.

O Logos incarnou. Ele tornou-se carne (Jo. 1.14). Agora comparar com 1 João 1.1 onde observamos três verbos: “ouvir, ver, e tocar.” Cristo não era uma aparência fantasmagórica, mas verdadeira carne humana.

A Sua humanidade é comprovada por cinco factores:

1. Jesus experimentou as nossas limitações físicas. Ele sentiu fome, sede, cansaço e tentações, assim como nós (Mt.

4.2; Jo. 4.6,7). **2.** Jesus demonstrou as mesmas emoções humanas. Ele amou, sentiu compaixão, chorou, irou-se contra o pecado (Jo. 11.35; 19.25,27). **3.** Jesus sentiu o desprezo dos seus contemporâneos (Jo. 19.5,6). **4.** Jesus sofreu uma morte real, idêntica à de cada um de nós (Jo. 19.34). **5.** Jesus ressuscitou dos mortos, aparecendo depois em seu próprio corpo (Lc. 24.39; Rm. 4.24,25).

### Declarações de Cristo

O uso enfático que Jesus fez da expressão “EU SOU” revela que ele estava consciente da sua divindade. Para compreender esta expressão devemos consultar Êxodo 3.13,14, o qual já foi referido anteriormente sobre o nome pessoal de Deus. O Senhor disse a Moisés “Eu Sou o que Sou”. Esta expressão revela a Sua soberania. Observemos como Jesus aplica a Si mesmo oito vezes, só no evangelho de João, a mesma expressão “EU SOU” identificando-se com o Pai.

**1.** Antes que Abraão existisse EU SOU (Jo. 8.58). Ficamos a saber que ele é eterno e estava com o Pai antes de incarnar.

**2.** EU SOU o pão da vida (Jo. 6.35,48). Quem se alimenta dele, pela Palavra, tem a vida eterna.

**3.** EU SOU a luz do mundo (Jo. 8.12). Quem estiver disposto a segui-lo andará na luz e terá a luz da vida.

**4.** EU SOU a porta das ovelhas (Jo. 10.7,9). Quem entrar por intermédio dele no Reino não ficará de fora.

**5.** EU SOU o bom pastor (Jo. 10.11). Quem for guiado por ele estará no rumo certo e terá alimento suficiente.

**6.** EU SOU a ressurreição e a vida (Jo. 11.25). Quem nele crê e nele vive vencerá a própria morte, assim como ele venceu.

**7.** EU SOU o caminho, e a verdade e a vida (Jo. 14.6). Quem permanecer nele sabe que está na verdade e tem a vida eterna.

**8.** EU SOU a videira verdadeira (Jo. 15.1). Quem está unido ao seu corpo dá muito fruto.

Há mais três em Apocalipse:

EU SOU o Alfa e o Ómega (Ap. 1.8; 22.13).

EU SOU a raiz e a geração de David (Ap. 22.16).

EU SOU a resplandecente Estrela da Manhã.

*“O Senhor tem estabelecido o seu trono nos céus,  
e o seu reino domina sobre tudo.  
Bendizei ao Senhor anjos seus, magníficos em poder,  
que cumpris as suas ordens, obedecendo a voz da sua Palavra.  
Bendizei ao Senhor todos os seus exércitos,  
vós, ministros seus, que executais o Seu beneplácito.  
Bendizei ao Senhor todas as suas obras,  
em todos os lugares do seu domínio.  
Bendiz, ó minha alma, ao Senhor.”  
Salmo 103.19-22*

## CAPÍTULO QUATRO

### A EXISTÊNCIA DOS ANJOS

João conta-nos a sua visão do trono do Senhor: “E olhei e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono...que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder e riquezas e sabedoria e força e honra e glória e acções de graças (Ap. 5.11,12). Noutra experiência, João prostrou-se aos pés do anjo para o adorar, mas ouviu uma voz que dizia: “Olha, não faças isso, porque sou conservo teu e de teus irmãos...adora a Deus (Ap. 22.8,9).

#### Natureza dos anjos

Os anjos são seres espirituais criados por Deus muito antes da criação do homem para estarem ao Seu serviço. Eles não estão limitados às condições físicas e podem movimentar-se à vontade sem necessitarem de usar os nossos meios naturais. Podem assumir a forma corpórea a fim de serem apercebidos pelos sentidos humanos (Gn. 18.2; 19.1-3).

Sendo espíritos são imortais; eles não morrem. Jesus esclareceu os Saduceus que os santos ressuscitados serão como os anjos. Embora sejam sempre descritos como varões, não têm distinção sexual (Lc. 20.34-36).

Os anjos são numerosos. Daniel informa-nos existirem milhões de milhões de anjos ao serviço de Deus (Dn. 7.10). Os

pastores, no campo, viram uma multidão dos exércitos celestiais louvando a Deus pelo nascimento do seu amado Filho (Lc. 2.9,13). Jesus afirmou que poderia requisitar ao Pai mais de doze legiões de anjos (Mt. 26.53). Deus é descrito como sendo o Senhor dos Exércitos, que inclui os anjos (1 Sm. 17.45; Ag. 2.4).

Os anjos estão classificados em bons e maus. Após a rebelião de Lúcifer muitos seguiram-no e ficaram sendo conhecidos como os anjos de Satanás. Além do Anjo do Senhor, que já referimos atrás, o anjos estão ordenados hierarquicamente, segundo classes e actividades (Ef. 1.20,21; Cl. 1.16).

**O anjo do Senhor** tem o poder de guiar, de perdoar ou de reter os pecados. Assim foi dito a Moisés: “Eis que envio um anjo diante de ti, para que te guarde neste caminho e te leve ao lugar que te tenho preparado. Guarda-te diante dele e ouve a sua voz, e não o provoques à ira porque não perdoará a vossa rebelião; porque o meu nome está nele” (Êx. 23.20-23). Ele manifesta a prometida presença de Deus. Assim disse Deus a Moisés: “Conduz este povo para onde eu te tenho dito. Eis que o meu anjo ira adiante de ti;” E disse mais: “Trá a minha presença contigo para te fazer descansar” (Êx. 32.34; 33.14). Isaías refere que “o anjo da face do Senhor os salvou” (Is. 63.9). Sem dúvida, podemos identificar o anjo do Senhor com a presença do Senhor Jesus na pré-incarnação representando o Pai.

**Os arcanjos** têm a responsabilidade da liderar os outros anjos de Deus. Miguel é mencionado na Bíblia como o príncipe de Israel (Dn. 12.1. Em Judas 9 lemos assim. “Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele, mas disse: O Senhor te repreenda.” Em Apocalipse 12.7 consta: “E houve batalha no céu. Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos; mas não prevaleceram nem mais o seu lugar se achou nos céus.”

Gabriel também está na presença de Deus. É o seu enviado para levar mensagens de responsabilidade (Dn. 8.16; 9.21). Ele foi enviado por Deus ao sacerdote Zacarias com a informação do nascimento de João. “E respondendo o anjo disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres notícias” (Lc. 1.19). E no sexto mês foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão, cujo nome era José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria” (Lc. 1.26,27).

Os anjos das nações são os protectores como representantes de Deus. Pois, parece que as nações têm o seu anjo protector, destacado pelo Senhor para aquele serviço (Dn.10.13, 20, 21).

A expressão “principados”, nas leituras seguintes, parece referir-se a estes príncipes celestes das nações, tanto bons como maus (Ef. 3.10). “Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais” (Ef. 6.12:). Paulo aconselha: “Portanto, tomai toda a armadura de Deus para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes (Ef. 6.13). O apóstolo informa-nos que Cristo triunfou sobre esses principados malignos (Cl. 2.15).

**Os querubins** parecem ser também de classe elevada e usados para fins de protecção e retribuição. Quando Deus expulsou o homem do jardim pôs querubins ao oriente do jardim do Éden para guardar o caminho da árvore da vida (Gn. 3.24). Moisés recebeu a ordem de fazer dois querubins de ouro e de colocá-los no propiciatório, a tampa da arca do concerto, onde o Senhor falaria com ele (Êx. 25.17-22). No Salmo oitenta, verso um, temos o seguinte relato: “Ó Pastor de Israel dá ouvidos; Tu que guias a José como a um rebanho, que te assentas entre o querubins, “כְּרֻבִים” resplandece.” No Salmo noventa

e nove, verso um, o salmista diz que Deus está entronizado entre os querubins. Os seus rostos mistos de leão, boi, homem, e águia, representam força, serviço, inteligência, e rapidez, respectivamente (Ez. 1.10; Ap. 4.7).

**Os serafins** são seres cujo nome, em hebraico, “שֶׁרָפִים” significa ardentes. Pouco se sabe deles além do que lemos em Isaías 6.2, 3,6. Todas as coisas e todos os seres foram criados com uma missão que deve ser cumprida. As estrelas e os planetas do universo obedecem às leis físicas instituídas pelo Criador.

**Os anjos de Deus** obedecem todos às ordens recebidas do seu Senhor (Sl. 103.19-21). A sua actividade principal é a adorar a Deus. Em sua confissão de arrependimento, pelo povo, Neemias refere que o exército dos céus adora a Deus (Ne. 9.6). Paulo diz que Deus exaltou a Jesus para que ao seu nome se dobre todo o joelho que está nos céus... (Fp. 2.10). E todos os anjos de Deus o adorem (Hb. 1.6). Porém, não querem ser adorados. No seu Apocalipse, João conta-nos que se prostrou diante do anjo para o adorar, mas ele disse: “Olha, não faças isso, porque sou conservo teu e de teus irmãos... adora a Deus” (Ap. 22.8,9).

**Os anjos são agentes de Deus.** “São espíritos ministradores enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação” (Hb. 1.14). Eles servem a Deus constantemente porque estão sempre às Suas ordens. Jacó, no seu sonho, viu os anjos que desciam e subiam à presença do Senhor, que estava no topo, e lhe ratificou a promessa feita aos seus pais (Gn. 28.12,13). São os portadores de mensagens directas de Deus.

Os anjos de Deus são anunciadores de boas novas. O vocábulo grego é “αγγελος” que significa mensageiro. A Zacarias o anjo anunciou o nascimento do seu filho João (Lc. 1.11,18,20). A Maria, o anjo anunciou que iria ser mãe do Messias, Filho de Deus (Lc. 1.26-33). A José, igualmente, o anjo avisou que não deixasse Maria porque ela concebera por acção

do Espírito Santo (Mt. 1.19,20). A Cornélio, soldado romano, o anjo instruiu-o para que buscasse Pedro e ouvisse dele a palavra da salvação (Act. 10.3). Eles anunciarão, ao som de trombeta, quando os reinos do mundo vierem a ser de nosso Senhor e do seu Cristo para sempre” (Ap. 11.15).

Eles são os seguranças de Deus. São enviados em favor daqueles que carecem de protecção. Quando Herodes procurava matar o menino Jesus o anjo instruiu José a levá-lo para o Egipito (Mt. 2.13). Quando Jesus esteve no deserto os anjos o serviram (Mt. 4.11). Quando agonizava no Getsêmani um anjo veio do céu a confortá-lo (Lc. 22.43). Eles confortaram os discípulos, quando Jesus subiu ao céu dizendo: “Esse Jesus que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir” (Act. 1.10). Eles libertam os filhos de Deus de situações críticas; porque “lançaram mão dos apóstolos e os puseram na prisão pública. Mas, de noite um anjo do Senhor abriu as portas da prisão e tirou-os para fora” (Act. 5.18,19). Estando Filipe num despertamento em Samaria, Deus enviou-lhe um anjo para convidá-lo a descer ao caminho de Gaza a fim de salvar o etíope (Act. 8.26). Outra vez Pedro foi encerrado na prisão e ligado com duas cadeias. Mas, o anjo do Senhor apareceu no interior e convidou-o a segui-lo até à rua. Havendo percorrido uma rua o anjo desapareceu (Act. 12.18-20).

Os anjos são os seleccionadores do povo que há-de receber o Reino dos céus (Mt. 13.39,41,49). Eles tocarão a trombeta avisadora da chegada do Messias e “ajuntarão os escolhidos desde os quatro ventos de uma à outra extremidade dos céus” (Mt. 24.31; Mc. 13.27).

Os anjos são os vingadores destinados por Deus. Assim falou Jesus: “Ou pensas tu que eu não poderia agora orar a meu Pai, e que Ele não me daria mais de doze legiões de anjos?” (Mt. 26.53). João viu debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e do testemunho que deram do Cordeiro, “e clamavam com grande voz dizendo: Até

quando, ó verdadeiro e santo dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Ap. 6.11). E João viu sete anjos com sete trombetas anunciadoras dos castigos sobre a terra; e outros sete anjos com sete taças contendo as sete pragas para lançar sobre a terra, por causa do pecado da humanidade (Ap. 8.2; 15.1).

Às vezes a mesma palavra “αγγελος” (anjo) refere-se a mensageiros humanos, cujos exemplos seguem: O mensageiro de Jezabel levou a Elías a notícia da sua intenção de matá-lo, assim como ele fizera aos seus profetas de Baal (1 Rs 19.2). “Então Ageu, o mensageiro do Senhor, falou ao povo conforme a mensagem do Senhor, dizendo: Eu sou convosco, diz o Senhor (Ag. 1.13). “E, tendo-se retirado os mensageiros de João” (Lc. 7.24). Jesus revelou a João que as sete estrelas na sua mão são os sete anjos das igrejas na Ásia (Ap. 1.20).

## ANJOS MAUS

Todos os anjos foram criados perfeitos, sem pecado, e dotados do livre arbítrio. Mas, devido à rebelião de Satanás muitos o seguiram e foram expulsos da presença de Deus (2 Pd. 2.4) Jd. 6). Estes estão destinados para o fogo eterno (Mt. 25.41).

**Satanás** é o príncipe da hierarquia satânica. Ele tem um exército de anjos rebeldes ao seu serviço que nos fazem guerra contínua. Há quem acredite que Satanás não existe e, por isso, nem sequer reconhecem as suas obras. Então, quem será o autor directo das obras satânicas se ele não existe? A Bíblia revela-nos a sua origem.

De acordo com a tradução latina, originalmente era Lúcifer, aquele que é portador da luz. A Septuaginta, tradução grega do Antigo Testamento, contém “εωσφορος” (eôsphoros) a estrela da manhã, ou, a luz da aurora. É simbolizado pelo rei da Babilónia, ambicioso e dominador (Is. 14.4,12-15). É simbolizado



pelo rei de Tiro, orgulhoso do seu poder (Ez. 28.12-19). O seu orgulho e a sua ambição causaram a sua queda (1 Tm. 3.6). Arrastou consigo outros anjos para a mesma condenação. Como dirá Jesus aos que estiverem à sua esquerda: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt. 25.41).

**Satanás**, em hebraico “Satan” (שָׁטָן), é referido no Antigo Testamento trinta e três vezes com o significado literal de adversário. É alguém que ambiciona a posição de outrem e faz tudo para alcançá-la. Esta tem sido a sua intenção: “Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei... subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” (Is. 14.14). Ele é conhecido pelos seus nomes, ou títulos, que revelam a sua personalidade.

Foi Satanás quem fez Eva cair na desobediência usando uma linguagem aparentemente inofensiva, assim: “Certamente não morrereis, porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal” (Gn. 3.4,5). Foi ele quem guiou Caím a matar o seu irmão Abel porque as suas obras eram justas” (1 Jo. 3.12). Foi ele quem guiou a mistura dos filhos de Deus com as filhas dos homens e causou a destruição da humanidade pelo dilúvio (Gn. 6.1,2). Ele foi o causador de Ananias mentir ao Espírito Santo, porque ele é o pai da mentira (Jo. 8.44; Act. 5.3). Ele disfarça-se para enganar até os escolhidos de Deus (2 Co. 11.13). Ele procura introduzir disfarçadamente as suas falsas doutrinas na igreja a fim de promover os seus enganos (1 Tm. 4.1). Será ele, também, quem levantará o anticristo e o ajudará na sua missão, enganando o povo com prodígios mentirosos, mas que finalmente será destruído ( 2 Ts. 2.9). Provavelmente, usando uma figura de Ezequiel 29.3, onde o profeta chama a Faraó, rei do Egito, “grande dragão,” João usa no Apocalipse

treze vezes o mesmo vocábulo para definir as acções de Satanás, a última das quais refere a sua prisão (Ap. 20.2).

**Diabo**, em grego “δίαβολος” (diábolos) significa literalmente caluniador. É alguém que lança acusações falsas com o alvo de destruir a reputação de outrem e assim o apanhar no seu reino de trevas. O Novo Testamento contém esta palavra trinta e sete vezes. Paulo usou este vocábulo no plural “δίαβολοι” para falar dos irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela (2 Tm. 3.3-5).

Tudo isto é forjado por ele em seu próprio proveito. É que ele anda em redor dos crentes tentando-os para vencê-los e os destruir (1 Pd. 5.8). Além dele ainda tem os seus comparsas, anjos maus e pessoas ao seu serviço prejudicando o seu semelhante (Tt. 2.3). Ele tem os seus próprios filhos interessados no seu reino de trevas. Como escreveu João: “Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo. Qualquer que não pratica a justiça e não ama a seu irmão não é de Deus (1 Jo. 3.10; Jo. 8.44). O tal, se não é de Deus, só pode ser do diabo.

Por isso, Paulo manifesta grande interesse em que os tais sejam desprendidos dos laços do diabo (2 Tm. 2.25, 26). Um dos propósitos da vinda de Cristo foi destruir as obras do diabo e tirar-lhe o reino para entregá-lo a um povo fiel (Gn. 3.15; 1 Jo. 3.8). Não ficando contente com isso, tem perseguido a Igreja de Cristo e lançado muitos na prisão por forma a destruí-la (Ap. 2.10). Porém, a estratégia de Satanás não tem prevalecido contra a fiel Igreja resgatada pelo sangue do Cordeiro de Deus. O Senhor assegurou-nos que ele está condenado ao fogo eterno com os seus anjos (Mt. 25.41; Ap. 20.10).

**Tentador**, em grego “πειραζών” (peirazôn), é outro nome pelo qual é conhecido Satanás, ou expressões verbais correlatas que exprimem a sua acção. Eva enfrentou o tentador e cedeu ao

seu convite seguindo a proposta diabólica de fazer o contrário daquilo que Deus dissera (Gn. 3.1,6). Do mesmo modo, Jesus enfrentou o tentador quando esteve no deserto quarenta dias, mas sem resultado, porque o Senhor lhe resistiu conforme o que está escrito (Mt. 4.1,3,4; Mc. 1.13).

Ele procura apresentar semelhantes convites tentadores aos crentes a fim de levá-los a cair na mesma armadilha: Paulo teme que, “assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam, de alguma sorte, corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo” (2 Co. 11.3). Porque o diabo, nosso adversário, anda em derredor bramando com leão, buscando a quem possa devorar (1 Pd. 5.8). Ele sempre procurará que o nosso trabalho no Reino do Senhor seja em vão (1 Ts. 5.3). Por isso, Pedro e Tiago aconselham-nos a resistir-lhe com firmeza na fé e sujeição a Deus (1 Pd. 5.9; Tg. 4.7).

**Príncipe e deus deste século** são títulos para o adversário de Deus e dos homens. Ele é o príncipe do reino das trevas e o deus da sociedade organizada deste século (Jo. 12.31; 16.11). As maiorias, separadas de Deus, estão mais interessadas em seguir os seus ditames do que observar sinceramente a Palavra de Deus. Ele cega o entendimento dos incrédulos a fim de não conhecerem a verdade (2 Co. 4.4). Ele controla as actividades humanas usando as concupiscências da carne, do mesmo modo que procedeu com Eva: a concupiscência da carne, e dos olhos, e a soberba da vida (1 Jo. 2.16). Por isso, João diz que o mundo está no maligno (1 Jo. 5.19).

Demónios, no grego “δαίμονια” (daimonia) são seres espirituais que obedecem às ordens de Satanás. O substantivo aparece sessenta e três vezes nas Escrituras, e o verbo treze vezes. A Bíblia dá testemunho da sua existência, assim como da sua actividade. Eles são descritos como espíritos maus que procuram corpos livres para neles realizarem as suas acções demoníacas. O indivíduo sob a influência dos demónios é es-

cravo deles. Fala o que eles querem, ou simplesmente pode ficar mudo. Vai aonde eles querem, e é usado como instrumento de maldade, manifestando, por vezes, uma força sobrenatural. Geralmente a sua actuação está associada ao foro psíquico, à mente e ao sistema nervoso. A sua presença pode manifestar-se na loucura, na epilepsia, noutras enfermidades sem causas orgânicas, e nos distúrbios sociais. A solução para estas situações está em Cristo.

Observem-se alguns exemplos sobre a acção dos tais: Uma pessoa aparentemente normal pode agir por acção demoníaca. Certa vez Jesus entrou na sinagoga e estava ali um homem com um desses espíritos que confessou reconhecê-lo; porém, o Senhor também os conhece e, repreendendo-o, ordenou que saísse daquele homem, e aconteceu assim (Lc. 4.33-34). Acerca de Maria Madalena conta Lucas que tinha sete demónios e o Senhor a libertou (Lc. 8.2). Um homem gadareno estava possuído por uma legião deles, que significa 6.000 soldados, e Cristo o libertou (Lc. 8.30). Um jovem possesso foi levado a Jesus, e quando se ia aproximando o demónio derrubou-o ao chão; o Senhor repreendo-o libertou o mancebo (Lc. 9.39-42). Outra vez o Senhor encontrou-se com um homem que possuía um espírito mudo. Jesus expulsou-o e o mudo logo falou (Lc. 11.14).

**A solução** para estes casos encontra-se na autoridade que Cristo outorgou à sua Igreja: “Jesus, convocando os seus discípulos, deu-lhes virtude e poder sobre todos os demónios e para curarem enfermidades (Lc. 9.1). Não foi somente aos doze que distribuiu este poder, mas também os setenta que ele enviou pela terra tiveram a mesma experiência e regozijaram-se pelo facto (Lc.10.17).

Isto é sinal de que o reino de Deus tem chegado. O Senhor informou que “se eu expulso os demónios pelo dedo de Deus, certamente a vós é chegado o reino de Deus” (Lc. 11.20). Pedro, em casa de Cornélio, testemunha de Cristo assim:

“Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude, o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele (Act. 10.38).

A Igreja tem, ao longo dos séculos, praticado a expulsão de espíritos malignos com a mesma autoridade recebida do Senhor. “E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão demónios...” (Mc.16.17). Após o pentecostes, das cidades vizinhas concorria muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de espíritos imundos, os quais todos eram curados (Act. 5.16). As multidões acorriam a Filipe porque ouviam e viam os sinais que ele fazia; pois, os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados (Act. 8.7).

Paulo não se deixou enganar por um espírito de adivinhação que o perturbava diariamente, e em nome de Jesus ordenou que saísse, e na mesma hora saiu (Act. 16.16-18). E Deus pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias, de sorte que até os espíritos malignos saíam daqueles a quem atormentavam (Act. 19.11,12). Ainda, Paulo quer livrar a igreja de participar da mesa do Senhor e da mesa dos demónios (1 Co. 10.20,21).

*“E disse Deus:  
 Façamos o homem à nossa imagem,  
 conforme a nossa semelhança;  
 e domine sobre os peixes do mar,  
 e sobre as aves dos céus, e sobre o gado,  
 e sobre toda a terra,  
 e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.  
 E criou Deus o homem à sua imagem;  
 à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.  
 E Deus os abençoou e lhes disse:  
 Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a,  
 e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus,  
 e sobre todo o animal que se move sobre a terra.  
 E disse Deus:  
 Eis que vos tenho dado toda a erva verde que dá semente,  
 que está sobre a face de toda a terra;  
 e toda a árvore em que há fruto, de árvore que dá semente,  
 vos será para mantimento.”  
 Génesis 1.26-29*

## CAPÍTULO CINCO

### A EXISTÊNCIA DO HOMEM

É importante que conheçamos a verdade a nosso respeito. E quem melhor poderá conhecer o homem do que o seu Criador? Ele deixou-nos a revelação certa acerca do que somos nas Sagradas Escrituras. A Bíblia ensina-nos claramente que Deus criou as suas criaturas segundo a sua espécie. O Homem não podia fugir à regra.

A criação do homem foi a coroa das obras perfeitas de Deus. Primeiro, a terra foi criada e recebeu vida vegetal e animal. Então, criou o homem e a seguir deu-lhe vida. O corpo humano é a obra prima do Criador porque é uma criação especial; é à Sua semelhança. Deus não achou criatura alguma das que criara com quem pudesse manter uma comunhão pessoal. Por isso, criou o homem do pó à sua imagem e semelhança (Gn. 1.26,27). Desta maneira já podia desfrutar aquela comunhão que almejava, porque eram semelhantes.

Havendo criado o homem assoprou sobre ele o espírito e ele começou a viver diante daquele que o criara. Deste modo, o homem ficou sendo, como o seu Criador, uma trindade. Isto é, ele é composto por espírito, alma e corpo. O corpo veio do pó da terra; O hebraico diz que Deus formou “adam” (אָדָם) do pó da (אָדָמָה) “adama” por isso foi chamado Adão. O espírito veio de Deus e juntos formam uma alma vivente (Gn. 2.7). Em

hebraico o espírito “ruwách” (רוּחַ) que se movia sobre as águas foi assoprado no corpo e tornou-se uma alma vivente “nefesh áyâ” (נֶפֶשׁ חַיָּה). O corpo só tem alma enquanto tiver o espírito.

Como espírito que é, o homem tem capacidade de relacionamento e comunhão com Deus. Como alma, ele tem possibilidade de conhecer-se e de ter sentimentos. Com o corpo, através dos cinco sentidos, tem percepção e contacto com o mundo que o rodeia (Is. 26.9). Deus fez um tabernáculo, uma casa terrestre, e colocou ali o espírito (2 Co. 5.1). A trindade humana é exemplificada por Paulo na instrução que dá à Igreja a fim dos seus membros serem santos nos três aspectos, no espírito, alma e corpo (1 Ts. 5.23). Um conjunto de três que precisa de santificação completa a fim de manter comunhão com o Criador.

Agora, o homem e o Pai dos espíritos (Nm.16.22) cooperaram para trazer uma alma nova ao mundo com educação (Hb. 12.9). Ao nascer já trazemos a alma, essa parte onde opera a consciência e a personalidade, que os irracionais não possuem. A alma penetra todas as partes do nosso corpo. É por isso que as Escrituras atribuem sentimentos de sofrimento a vários órgãos do corpo. Jó acusa os seus amigos de fazerem sofrer os seus rins e o fel (Jó 16.13). David confessa que sente azedo o coração e picadas nos seus rins (Sl. 73.21). Cristo diz que quem crer nele rios de água viva correrão do seu ventre, significando a alegria do Espírito Santo (Jo. 7.38). Paulo pede a Filemom que receba Onésimo como às suas próprias entranhas, significando ele mesmo; (Fl.12).

A semelhança do homem com Deus tem a ver com o carácter. O Criador foi o modelo da sua criação; inspirou-se em Si mesmo e não noutro ser qualquer. O Senhor disse a Moisés: “Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e diz-lhes: Santos sereis porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv. 19.2). E Jesus falou aos seus contemporâneos, assim: “Sede vós pois perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos céus”

(Mt. 5.48). Pelo contexto sabemos que perfeição está sendo referida. Pois, o Senhor estava instruindo sobre o amor ao próximo (vv. 44,45). Ora, como Deus é amor, é lógico que os seus filhos tenham esse mesmo amor, ou não provam ser filhos do Deus amoroso (1 Jo. 4.7-11). “Ninguém jamais viu a Deus; se nos amamos uns aos outros Deus está em nós, e em nós é perfeito o seu amor” (1 Jo. 4.12). Além disso, o homem foi dotado de livre arbítrio, ou capacidade de decisão, quando recebeu a ordem de comer de tudo, menos de certa árvore. Esse foi o teste à sua capacidade de escolha (Gn. 2.16,17). Sabemos que o casal decidiu desobedecer à orientação divina e, por este motivo, caiu da graça de Deus e perdeu a comunhão com Ele (Gn. 3).

Os instintos são as forças motrizes da personalidade que nos dão aptidão para a existência terrena. O Criador dotou-nos com instinto e capacidade reprodutora a fim de enchermos a terra e desfrutarmos da sua criação (Gn. 1.28,29). O Senhor também dotou o homem com capacidade governativa e domínio sobre todas as coisas (Gn. 1.28b). Ainda, temos o instinto e a necessidade de viver em sociedade, porque não é bom que o homem esteja só (Gn. 2.18). Por isso, é bom que cada homem tenha a sua companheira tal como Deus destinou (Gn. 2.21-24). O casal passou a conviver sem vergonha alguma porque viviam segundo os propósitos divinos (Gn. 2.25). Quando transgrediram aqueles propósitos perderam a comunhão com o Criador e esconderam-se com vergonha (Gn. 3.8-10).

A imortalidade é outra característica divina que foi transmitida ao homem. Nós fomos criados com vocação para a vida eterna, com direito à árvore da vida da qual se devia alimentar para usufruir desse direito (Gn. 2.9). Deus deu instruções claras acerca dos seus direitos e deveres para que mantivesse a vida eterna. Ele devia cuidar do jardim e alimentar-se dele; porém, não devia comer da árvore da ciência do bem e do mal porque, nesse caso, morreria (Gn. 2.15-17). O homem recebeu um único mandamento negativo, o qual desobedeceu

quebrando deste modo a comunhão com Deus e perdendo, assim, a vida eterna. Ficou o homem, a partir daquele momento, sujeito ao trabalho duro do campo e à morte. Disse Deus: “porquanto és pó ao pó tornarás” (Gn. 3.17-19). O apóstolo Paulo confirmou que o salário do pecado é a morte (Rm. 3.23; 6.23). O pecado é um mau pagador. A pessoa sofre em vida e também na eternidade.

A morte não significa necessariamente cessar de viver. É simplesmente uma separação entre o espírito e o corpo, e também entre pessoas. A ilustração de Jesus acerca do rico e Lázaro é esclarecedora a este respeito. Após a morte, o rico, em tormentos, contemplou o pobre Lázaro, no outro lado, em consolação (Lc. 16.22-25). Vida real só existe em comunhão com Deus pela fé no seu Filho, tanto no presente como no futuro. Como disse Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim ainda que esteja morto viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá” (Jo. 11.25). Enoque e Elias não passaram pela sepultura, foram tomados directamente por Deus à Sua presença (Gn. 5.24; 2 Rs 2.11).

## A QUEDA

O capítulo três de Génesis fornece-nos o relato sintético da história da queda e da promessa da redenção. O resultado da queda no pecado foi a perda da imagem divina pela falta de comunhão com Deus. Por isso, logo o Senhor revelou a solução adequada para o problema do pecado.

A tentação é a arma usada por Satanás a fim de ter sucesso nos seus intentos. Ele aproveita a fraqueza espiritual de cada um para cederem aos seus convites. O nosso adversário não age sozinho, ele trabalha por meio de agentes. Pois, ele não é omnipresente como Deus. Para cada situação conta com seres especializados a quem delega as suas funções. A este respeito já foram mencionados os anjos demoníacos, que estão às suas

ordens constantemente. No caso de Eva usou uma inofensiva serpente para transmitir a sua mensagem (Gn. 3.1-5). Certa vez, até se usou de Pedro para afastar Cristo da cruz; porém, sem resultado (cf. Mt. 16.22,23). Vemos assim como até os crentes podem ser enganados e cair na armadilha. Noutra ocasião, escolheu um insincero a fim de fazer negócio com Ele; Judas vendeu-o por trinta dinheiros (Lc. 22.3).

No primeiro estágio semeia a dúvida com uma interrogação pertinaz: “É assim que Deus diz?” (Gn. 3.1b). Cristo enfrentou a interrogação: “Se tu és o filho de Deus,” Quem não sabe, ou duvida da Palavra do Senhor, fica vulnerável a qualquer tentativa sua para derrotá-lo. Convém conhecer bem a vontade de Deus, e, ao mesmo tempo, os ardis de Satanás, para responder como Jesus: “Está escrito” (Mt. 4.4).

No segundo estágio o tentador altera o significado da Palavra de Deus dando-lhe uma interpretação conveniente aos seus propósitos fraudulentos; cuidado! (Gn. 3.4). Devemos sempre tomar em consideração alguma acção que não sirva para glorificar a Deus (cf. 1 Co. 10.31). Nesse caso, convém a seguinte interrogação: Aquilo que me é proposto glorifica a Deus?

No terceiro estágio o astuto faz promessas ambiciosas. Eva foi instigada para a grandeza descomunal: “serás como Deus” (Gn. 3.5). E, a Jesus prometeu aquilo a que Ele próprio tinha direito legal por ser Filho de Deus; “tudo isto te darei” (Mt. 4. 9).

Satanás sempre usa uma isca, um engodo compatível com a natureza humana. Ele explora o que está dentro de nós a fim de render a seu favor (Tg. 1.13-15). O sistema é sempre o mesmo em todos os tempos. João adverte que a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos, e a soberba da vida, não são de Deus (cf. 1 Jo. 2.16).

A vitória será alcançada se nos fizermos acompanhar constantemente desta interrogação: Que faria Jesus?

A luta interna é uma guerra constante travada no íntimo de cada um de nós. É mesmo uma guerra espiritual, a verdadeira guerra espiritual entre o nosso espírito e os espíritos malignos. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra as hostes espirituais da maldade (Ef. 6.12).

O propósito de Deus é que o corpo esteja subordinado ao espírito. Isto é compreensível pelo facto de o corpo não ter vida sem o espírito. A entrada do pecado colocou em conflito o espiritual e o natural, de modo que travamos esta guerra dentro de nós mesmos (Rm. 7.21-24). E, esta nossa guerra exige armas especiais para vencer o adversário (Ef. 6.13-18). As nossas armas não são carnis, mas são poderosas quando usadas convenientemente; (2 Co. 10.4). A nossa guerra exige uma estratégia especial da nossa parte. Tiago ensina: “Sujeitai-vos a Deus e resisti ao diabo” (Tg. 4.7). Como soldados de Cristo venceremos usando a armadura concedida por Deus para esta guerra espiritual.

**A armadura** de Deus consta de sete armas espirituais que devem estar constantemente em ordem de uso; assim:

1. O capacete da salvação ilustra a certeza que devemos ter naquilo que Deus fez e diz na sua Palavra. Deus amou-nos e deu seu Filho para que sejamos salvos pela fé (Jo. 3.16,18).
2. A couraça da justiça representa a justiça de Cristo que nos reveste a fim de sermos justos em nossa vida (Rm. 5.18,19).
3. O cinto da verdade é o revestimento de Cristo e o nosso viver sincero diante de Deus e dos homens como representantes de Cristo (Ef. 4.25).

4. As botas da paz é a preparação e disposição para proclamar o evangelho da paz. Havendo sido reconciliados recebemos o ministério da reconciliação (2 Co. 5.18).
5. O escudo da fé é a confiança absoluta na substituição efectuada por Cristo na cruz em cumprimento da lei. Esta é a fé que vence o mundo (1 Jo. 5.4).
6. A espada do espírito é o uso constante da Palavra de Deus praticando o que está escrito (Hb. 4.12).
7. A oração vigilante é a prontidão constante na intercessão e na recepção das ordens de Deus para cumpri-las (1 Pd. 5.8).

Esta é a nossa guerra constante porque o adversário não dá tréguas, nem por um momento. Certamente, com estas armas cedidas por Deus, e usadas convenientemente, todo o soldado cristão vencerá nas batalhas desta vida. Amén.

*“Eis que a mão do Senhor não está encolhida  
para que não possa salvar;  
nem o Seu ouvido agravado para não poder ouvir;  
Mas as vossas iniquidades fazem divisão  
entre vós e o vosso Deus;  
e os vossos pecados encobrem o Seu rosto de vós  
para que vos não ouça.”  
Isaías 59.1,2*

## CAPÍTULO SEIS

### O EFEITO DO PECADO

A definição do pecado pode ser feita de várias maneiras. Pelo sentido dos vocábulos usados na Bíblia, tanto em hebraico “חטא” (hotâ) como em grego “αμαρτια” (amartia) significa não atingir o alvo que Deus pôs à nossa frente. Pecar é errar o alvo, é cair no mal, é iniquidade e injustiça. Na realidade, pecado é qualquer acção contrária à vontade de Deus, é não satisfazer o propósito para o qual fomos criados.

Assim como seria errado usar um cão para lavrar, do mesmo modo é errado que o ser humano leve uma vida oposta à sua vocação. David escreveu as palavras do seu arrependimento, as quais servem de modelo para todos nós: “Contra Ti, contra Ti somente pequei e fiz o que a Teus olhos parece mal” (Sl. 51.4). Paulo diz que a inclinação da carne é inimizade contra Deus (Rm. 8.7). João diz que o pecado é transgressão da lei que foi instituída pelo Criador para as suas criaturas (1 Jo. 3.4). Transgressão é a violação daquilo que Deus exige de nós à luz da Sua santidade: “Vós vos santificareis e sereis santos, porque eu sou santo” (Lv. 11.44). Transgredir é repudiar a autoridade divina. O coração depravado expressa-se na transgressão do mandamento de Deus. O princípio do pecado está na cedência aos convites aparentemente inofensivos de Satanás sem os examinar à luz da Palavra de Deus.

A experiência de Eva revela o caminho do pecado. Ali podemos ver os degraus da queda. Ela viu, cobiçou, tomou, comeu, transmitiu, Adão comeu com ela, e morreram (Gn. 3.6). Porque a mulher não resistiu à tentação, o homem devia tê-lo feito pela resistência sistemática (cf. Tg. 4.7; Mt. 4.10,11).

Uma vez entrado no mundo, o pecado passou às gerações futuras com todas as consequências nefastas, arrastando todos para a separação de Deus, a viver imoralmente, tendo como fim último a morte e a separação eterna do Criador (Rm. 5.12 e 1.18-32). João diz que quem comete pecado é do diabo (1 Jo. 3.8); e Jesus disse que os praticantes do pecado são filho do diabo (Jo. 8.44). Paulo adverte que aqueles que cometem pecado são escravos do diabo; isto é, são obrigados a fazer aquilo que não querem (Rm. 6.16).

As consequências do pecado são múltiplas. Quando um acontece, logo outro pecado aparece para esconder o anterior e assim por diante. Ninguém se pode libertar desta cadeia de pecado pelos seus próprios meios. Observemos a experiência dos nossos antepassados.

Primeiro, receberam consciência da sua nudez, o que os fez recear a presença de Deus (Gn. 3.7). Como resultado, procuraram esconder-se do Senhor a fim de não contemplar o seu estado pecaminoso (Gn. 3.8). Mas o Senhor encontra-os em qualquer lugar; não há esconderijo natural que lhes valha (Gn. 3.10). O melhor é não esconder nada ao Senhor, porque Ele contempla e sabe todas as nossas acções. David sabia desta verdade e fez a seguinte confissão: “Para onde me irei do Teu Espírito, ou para onde fugirei da Tua face?... nem ainda as trevas me escondem de Ti” (Sl. 139.7,12). Deus procura-nos onde quer que estejamos.

Deus declarou que a partir daí haveria inimizade entre a semente da mulher e a semente da serpente (Gn. 3.15). Sem dúvida, os descendentes da mulher têm sentido essa inimizade



que existe com Satanás e os seus exércitos. Ele persegue-nos por toda a parte procurando devorar-nos (1 Pd. 5.8).

A mulher suporta dores na sua concepção, a terra passa a produzir ervas daninhas, o homem retira da terra o seu pão com esforço, o que veio do pó volta ao pó; e o homem ficou privado da árvore da vida (Gn. 3.16, 18, 19 24).

Afinal, a quem atribuir as culpas da queda do homem? O homem prontamente acusou a mulher que Deus lhe dera (Gn. 3.12). Sendo assim, Deus seria o culpado pelo que criou e concedera ao homem. Nada mais injusto. A mulher acusou a serpente que Deus criara de ser a culpada daquela situação (Gn. 3.13). No mesmo instante a mulher admitiu haver sido enganada pela serpente (Gn. 3.13). Aí reconheceu a sua fraqueza humana. A sua carne tirara partido da sua fraqueza espiritual para saciar-se indevidamente (Gn. 3.6). A natureza carnal venceu a espiritual, quando podia muito bem a espiritual vencer a carnal e conservar a comunhão com Deus.

A partir daí o estado da alma ficou alterado e o relacionamento com o Criador foi quebrado. O estado mental ficou corrompido pelo pecado e os valores morais são desaparecidos da terra. Caím, mordido pelo ciúme, matou o seu irmão Abel simplesmente porque ele era justo e agradara a Deus (Gn. 4.4-8). O estado moral da sociedade contemporânea do dilúvio desagradou de tal forma a Deus que resolveu exterminá-la e recomeçar uma nova geração a partir do seu amigo Noé (Gn. 6.5-14).

A mente carnal tem inclinações carnis e constitui-se, por isso, inimiga de Deus (Rm. 8.7,8). Logo, uma mente não espiritual está disponível para ser controlada pelo príncipe das trevas e seguir o curso natural deste mundo (Ef. 2.2). A lei, dada por Moisés, sujeitou a todos debaixo da maldição, porque está escrito: “Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas na lei para fazê-las (Gl. 3.10). Por este motivo, muitos ouvirão a maldição da rejeição desta maneira: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno

“Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos” (Mt. 25.41).

## A PROMESSA DE DEUS

Deus não podia ficar inactivo e perder a comunhão com o homem para sempre. Por isso, o Senhor prometeu que a semente da mulher viria para esmagar a cabeça da serpente. Isto significa que esse Varão viria com autoridade sobre Satanás para dominá-lo e destruir as suas obras. Ele esmagaria a cabeça da serpente, mas seria também ferido, conforme ficou escrito em Génesis 3.15.

O Senhor revelou o seu amor ao homem realizando o primeiro sacrifício de sangue e com as peles dos animais cobriu a nudez de ambos (Gn. 3.21). Esta acção tem um paralelo em Isaías 61.10 que diz: “Regozijar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me vesti de vestidos de salvação, me cobriu com o manto de justiça.” Isto apontava para o Cordeiro de Deus que havia de vir para tirar o pecado do mundo (Jo. 1.29).

Ainda que o homem tenha morrido espiritualmente, ficando privado da comunhão com Deus, ele não morreu logo fisicamente. Todavia, ficou sujeito a voltar ao pó donde viera. O Senhor é justo e tem de cumprir a sua palavra. A Sua justiça exige a execução das penalidades decretadas. Aquilo que foi dito terá de acontecer de alguma maneira. Deste modo, a Trindade começou agindo em benefício dos pecadores. Três são as principais características divinas: Amor, Justiça, e Verdade. Assim, e para não faltar à Sua palavra, Deus decretou que animais inocentes fossem sacrificados diariamente em lugar dos transgressores. Nisto, o Senhor cumpriu o seu dito com justiça e amor.

Os sacrifícios animais foram instituídos com a finalidade de substituir o pecador na morte. Logo no início foram sacrifi-

cados animais para vestir o casal com as suas peles. Aí, sangue inocente foi derramado por causa do pecado (Gn. 3.21). Abel sentiu necessidade de oferecer sacrifícios que agradassem a Deus (Gn. 4.3,4). Noé, de igual maneira, ao sair da arca da salvação, ofereceu sacrifícios sobre o altar (Gn. 8.20). Abraão ofereceu sacrifícios constantemente sobre o altar (Gn. 12.7,8; 13.4). A fim de agradar a Deus, Abraão até se dispôs a sacrificar o seu único filho, Isaque; porém, ao observar a sua prontidão, o Senhor substituiu o rapaz por um cordeiro que ali fez aparecer (Gn. 22.12,13).

Deus instruiu Moisés para que cada família escravizada no Egito sacrificasse um cordeiro, cujo sangue aplicariam nas suas portas como sinal de fé obediente, a fim de saírem em liberdade (Êx. 12.3-7). Moisés instruiu o povo a oferecer sacrifícios pelo pecado (Lv. 1.1-4). Porém, estes sacrifícios animais não tiravam os pecados e careciam de repetição constante. Assim, os sacerdotes apareciam diariamente oferecendo os mesmos sacrifícios que não podiam tirar os pecados (Hb. 10.11). Aqueles sacrifícios eram o tipo, a sombra daquele que viria com poder para tirar o pecado do mundo e que João Baptista apresentou como sendo o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.”

No decorrer dos anos o povo passou a sacrificar a Deus somente por tradição, sem o verdadeiro arrependimento; então, o Senhor começou a aborrecer aqueles sacrifícios de sangue, aos quais chamou ofertas vãs por causa do seu pecado (Is. 1.10-13). O que Ele esperava, e exigia, era um verdadeiro arrependimento manifestado por mudança de vida e prática social, com a promessa de perdão e purificação de todo o pecado (Is. 1.16-18). Assim é também em nossos dias. Qualquer sacrifício humano é sem valor se não contar com verdadeiro arrependimento e conversão aos valores espirituais instituídos pelo Senhor.

### A expiação no Antigo Testamento

O sentido exacto de expiação é o de fazer algo que reconcilie duas partes em litígio. Podemos observar uma ilustração na construção da Arca de Noé. Deus ordenou que a betumasse por dentro e por fora com betume (cf. Gn. 6.14). Os dois vocábulos hebraicos existentes para betumar têm a raiz “כפר” (kâfar) que mais adiante é usada para “expiar:” Assim como a arca foi coberta com betume para salvação das vidas, também o pecado devia ser coberto com sangue para salvação das vidas.

Uma vez que o homem entrou em litígio com Deus pela desobediência, havia necessidade de oferecer a Deus algo que restaurasse a comunhão perdida. Quem ofereceu essa solução ao homem foi o próprio Deus, conforme está provado pelos exemplos acima expostos. Esta acção revela a Sua extrema bondade (cf. Sl. 103). Por outro lado, a oferta sacrificial do homem revela a sua vontade de propiciar o seu Criador para reencontrar a paz e a comunhão. Visto o sangue ser símbolo tanto de vida como de morte, era necessário usar o sangue da vítima para libertar o vivo da morte.

Considerando a universalidade do pecado e a incapacidade do homem resolver o problema por si mesmo, havia necessidade que Deus fizesse alguma coisa para reaproximar o homem de Si. Deus não seria justo se não cumprisse a Sua palavra. E Deus não seria amor se não libertasse o homem da condenação. Ele é amor e justiça ao mesmo tempo. Porque não existe amor sem justiça, nem justiça sem amor. O fiel da balança do Senhor, o justo juiz, deve manter-se no ponto central. Ele não tem pendências.

“Na verdade, não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e nunca peque” (Ecl. 7.20). Paulo usou este trecho quando disse aos romanos: “Não há um justo, nem um sequer, todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem

faça o bem, não há nem um só (Rm. 3.10,12). E ninguém pode ocultar de Deus o seu pecado. Ele é tão puro de olhos que não pode ver o mal (Hab. 1.13). Foi por este motivo que o homem ficou separado de Deus. Porque “as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós para que vos não ouça” (Is. 59.2). Este era o motivo por que o Senhor não respondia ao seu clamor.

O salmista reconhecia que ninguém pode remir a seu irmão, ainda que tenha muitas riquezas, porque a sua redenção é caríssima” (Sl. 49.6,7). É uma ilusão esperar e confiar que os familiares poderão pagar algum resgate pelo seu falecido. Por conseguinte, havia necessidade de sacrificar animais até que alguém com mais poder oferecesse um sacrifício por todos.

A vítima da expiação devia ser sempre sem defeito para servir de substituto ao pecador. Por isso, tal vítima seria muito cara, pois o pecado também não deve ser considerado coisa banal. A morte da vítima era a parte mais importante no ritual da cerimónia expiatória porque essa era a pena merecida pelo pecador. Além disso, há muitas alusões ao sangue da vítima como o meio exacto da expiação. Expiação é o acto pelo qual o ofertante redime, ou repara, a sua culpa. É o pagamento da sua culpa diante de Deus a fim de manter o bom relacionamento.

O sangue foi requerido por Deus para expiação do pecado (Lv. 17.11), porque sem derramamento de sangue não há remissão (Hb. 9.22). O sangue de animais puros foi requerido diariamente sobre o altar (Êx. 29.38-42). Nesse altar o fogo arderia continuamente, sempre vigiado e mantido pelos sacerdotes em serviço por turnos (Lv. 6.8-13). Além disso o sangue foi requerido anualmente no altar para fazer expiação por todo o povo (Lv. 16.32-34).

O sangue dos animais que era derramado e espargido à volta do altar cobria o pecado, mas não tirava o pecado de forma alguma; isto repetia-se anualmente (Hb. 10.11). Por este motivo, havia necessidade de um sacrifício melhor (Hb.

9.14,24). Ora, este sangue apontava para sangue mais valioso, o sangue do Cordeiro de Deus que havia de vir para tirar o pecado do mundo. No Antigo Testamento todo o ritual de sacrifícios apontava para o Cristo que havia de vir a fim de expiar os nossos pecados, derramando, para isso, o seu imaculado sangue.

*“E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles  
e a glória do Senhor os cercou de resplendor  
e tiveram grande temor.*

*E o anjo lhes disse: Não temais,  
porque eis aqui vos trago novas de grande alegria,  
que será para todo o povo;  
pois, na cidade de David vos nasceu hoje o Salvador,  
que é Cristo, o Senhor.*

## CAPÍTULO SETE

### JESUS CRISTO

Cristo é a figura central da Bíblia Sagrada e da História da Humanidade. Além disso, a História de Israel, no Antigo Testamento, está recheada de promessas, preparação e expectativa pela vinda do Messias. O Novo Testamento é o relato da sua vinda, sua natureza, seus ofícios e suas obras. Milhões de crentes em todo o mundo têm sido grandemente abençoados por crerem e aceitarem a Cristo como seu Salvador. Ele criou uma nova civilização, que recebeu o nome de cristianismo, por constar duma nova maneira de viver inspirada pelo seu fundador.

Jesus, à sua pergunta: "quem dizem os homens ser o filho do Homem?" ouviu várias opiniões, e, então, interrogou os discípulos: "E vós quem dizeis que eu sou?"\_Prontamente, Pedro adiantou a revelação recebida de Deus: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." Sem dúvida, Jesus era tudo o que os homens diziam ser, e muito mais. A resposta completa deve ser tirada das Sagradas Escrituras a fim de conhecermos o Senhor perfeitamente. Por conseguinte, conheçamo-lo por seus nomes, ofícios, e obras. Quando conhecermos a Deus como Ele é também conheceremos a nós mesmos e descobriremos quanto nos falta para sermos à Sua semelhança.

### A NATUREZA DE CRISTO

O Credo de Niceia (do século IV), que representa a convicção da Igreja primitiva, e nós também o subscrevemos, diz acerca de Jesus: "Cremos em um Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito; sendo da mesma substância que o Pai; pelo Qual foram feitas todas as coisas que estão no céu e na terra, e o Qual por nós os homens e por nossa salvação desceu, encarnou e foi feito homem, sofreu, e ressuscitou ao terceiro dia, e ascendeu ao céu, donde virá outra vez para julgar os vivos e os mortos."

### O Verbo de Deus

João, no início do seu evangelho apresenta-o como o "Logos" (λογος) ou, a Palavra eterna e criadora. "No princípio era o "logos" e o "logos" estava com Deus, e o "logos" era Deus (Jo. 1.1). "E o Verbo, ou "logos" se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória..." ( v.14). Este termo, corrente nos dias de João, tinha um significado bem diferente daquele que o evangelista lhe atribuiu. Enquanto a filosofia pagã concebia o "logos" como uma ferramenta do Criador, João atribuiu-lhe uma personalidade pré-existente e divina. Por conseguinte, o Logos é uma pessoa divina que se manifestou aos homens na forma humana a fim de poder ser apreendido pela mente humana. Ele é o cumprimento da promessa em Isaías 7.14, nascido da virgem e com a função de Emanuel, cujo significado é "Deus conosco", ou seja, Deus está entre nós.

O testemunho apostólico é digno de crédito porque todos são contemporâneos de Jesus. Conviveram com ele, observaram os seus milagres, escutaram seus ensinamentos, e fizeram as mesmas obras como lhes havia predito e ordenado.

O apóstolo Paulo confessa que Cristo é anterior a todas as coisas; e que tudo foi criado por ele e para ele; e que todas as coisas subsistem por ele (Cl. 1. 16,17). Ele é a verdadeira revelação do Deus invisível, a expressa imagem do Criador (Cl. 1.15). “Ele é o mistério que esteve oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações, e que agora foi manifesto aos seus santos” (Cl. 1.26). “Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl. 2.9). Ele é a perfeição daqueles que O recebem (Cl. 2.6,10).

Certa vez os judeus interrogaram o Senhor sobre quem era ele. E na controvérsia, Jesus respondeu: “Antes que Abraão existisse Eu Sou” (Jo. 8.58); isto é, Ele existe antes de Abraão. Com aquela expressão “EU SOU” estava fazendo a sua identificação com o Pai, a quem Moisés fizera a mesma pergunta e recebera resposta semelhante, “EU SOU me enviou a vós” (Êx. 3.14). Ele identificou-se com o verdadeiro Maná que alimenta para a vida eterna. “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne que eu darei pela vida do mundo” (Jo. 6.51). Alguns não entenderam as suas palavras e, escandalizados, abandonaram-no. Ele interrogou os restantes: “Quereis vós também retirar-vos?” Pedro, que o compreendia muito bem, respondeu-lhe: “Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo. 6.67,68).

### **O Filho de Deus**

Jesus não é um filho de Deus, Ele é o unigénito Filho de Deus. E, por filho depreende-se alguém que nasceu de suposta pessoa. Ora, Jesus, como homem, foi gerado pelo Pai e veio do céu, proveniente do Pai. Ele é o Filho de Deus em sentido único, cujo título não cabe a nenhum outro indivíduo. Assim escreveu Paulo aos crentes da Galácia: “Mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido

sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adopção de filhos” (Gl. 4.4,5). A sua filiação atesta a sua divindade. Ele é Deus tal como o Pai é Deus. Tito deixou-nos o testemunho do que acreditavam os primitivos cristãos: “Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tt. 2.13).

O anjo enviado a Maria esclareceu-a que “descerá sobre ti o Espírito Santo e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo que de ti há de nascer será chamado Filho de Deus (Lc. 1.35). O anjo que foi a José deixou esta mensagem: “o que nela está gerado é do Espírito Santo, e dará à luz um filho e chamarás o seu nome Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mt. 20.21).

O próprio Pai deu testemunho do filho com estas palavras no dia do seu baptismo: “Tu és o meu Filho amado, em quem me comprazo (Mc. 1.11. Mt. 3.17). Aquando da sua transfiguração gloriosa, Pedro, João e Tiago, ouviram sair da nuvem uma voz que dizia: “Este é o meu amado Filho, a Ele ouvi (Lc. 9.35; Mc. 9.7; Mt. 17.5).

O testemunho que o Filho dá de Si mesmo é importantíssimo, pois revela estar consciente da sua posição. Aos doze anos já tinha consciência da sua filiação divina. Quando foi procurado e achado no templo em Jerusalém, entre os doutores, ele respondeu: “Por que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” (Lc. 2.49). É lógico depreender que falava do Pai celestial, cujos negócios são as pessoas e o reino. Aquando das suas últimas instruções, o Senhor confirmou. “Saí do Pai e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo e vou para o Pai (Jo. 16.28). “Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (Jo. 20.21). Quando Filipe revelou interesse em ver o Pai, Jesus respondeu: “Quem me vê a mim vê o Pai;...crede-me ao menos por causa das mesmas obras” (Jo. 14.9,11). Jesus apela para o testemunho das suas

obras, que são semelhantes às do Pai (Jo. 5.19-21). Estava ali o Deus feito homem para ser visto pelos homens.

Os discípulos deixaram-nos o testemunho da sua aceitação de que Cristo era o Filho de Deus. No relato do seu encontro com Natanael, está a confissão deste: “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel” (Jo. 1.49). “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo” é a confissão de Pedro (Mt. 16.16). Agora observe-se a confissão de Marta: “Creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo” (Jo. 11.27). Os discípulos foram instruídos para baptizarem os crentes em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo (Mt. 28.19). Mesmo após a sua morte consideraram-no como o Filho de Deus (Act. 4.27,30). Ele foi apresentado aos hebreus como o Filho de Deus (Hb.1.5-8; 5.5). Após a conversão de Saulo este logo nas sinagogas pregava que Jesus era o Filho de Deus (Act. 9.20). Mais tarde referiu que “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou...como nos não dará com ele todas as coisas?” (Rm. 8.32).

Têm que ser ainda referidos os testemunhos dos espíritos malignos que se encontravam com Cristo: “Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus?” (Mt. 8.29). “Que tenho eu contigo Jesus, Filho do Deus Altíssimo?” (Mc.5.7). Quando entrou numa sinagoga alguém que estava ali clamou: “Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és, o Santo de Deus” (Lc. 4.34). E, o capitão da guarda romana, junto à cruz, exclamou: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mt. 27.54; Mc. 15.39).

### **O Filho do Homem**

Esta expressão, Filho do Homem, significa que Jesus participava da natureza e das qualidades humanas. Ele, existindo desde a eternidade como Deus, assumiu a forma humana a fim de se identificar connosco, experimentar tudo como nós, e so-

frer humanamente em nosso lugar a condenação que nos estava destinada (Fp. 2.5-8).

Aquele título está relacionado com a sua vida terrena e cumprimento do seu ministério. Ao assumir a forma humana não deixou de ser Deus, apenas habitou num corpo semelhante ao nosso a fim de se manifestar racionalmente e sofrer amorosamente pelos nossos pecados. O Filho de Deus fez-se filho do homem para que os filhos dos homens fossem feitos filhos de Deus. João escreveu que a todos quantos O receberem é dado o direito de se chamarem filhos de Deus (Jo. 1.12). Paulo atesta que todos somos filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo (Gl. 3.26).

Jesus foi gerado milagrosamente na virgem Maria por acção do Espírito Santo (Lc.1.30-32). Ele foi declarado filho de David com direito ao trono de Israel e, como tal, foi reconhecido por muitos dos seus compatriotas e estrangeiros. “Senhor, filho de David, tem misericórdia de mim” (Mt. 15.22; 20.30,31). “Hosana ao filho de David; bendito o que vem em nome do Senhor” (Mt. 21.9,15).

Cristo veio do céu com o propósito especial de cumprir as profecias a seu respeito. Conforme o seu costume, entrou numa sinagoga e foi convidado a ler as Escrituras. Abriu o livro do profeta Isaías no lugar onde diz: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos e a dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor. Depois, sentou-se e disse: “Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos” (cf. Lc. 4.16-21).

Cristo veio para habitar entre nós, e foi vista a sua glória como a glória do Pai (Jo. 1.14). Ele veio para revelar o Deus desconhecido, o verdadeiro Deus. Ninguém jamais tinha visto a Deus; o Filho tornava-o agora conhecido (Jo. 1.18). Ele dizia: “Crede-me que estou no Pai, e que o Pai está em mim; crede-

me, ao menos, por causa das mesmas obras” (Jo. 14.9). Cristo veio para glorificar a Seu Pai celestial (Jo. 17.4). Em toda a sua vida e ministério empenhou-se a fazer tudo para glória do Pai.

Os propósitos do seu ministério terreno já foram mencionados acima. Porém, resta referir alguns exemplos relatados nas Escrituras considerados importantes. Eis as Suas próprias palavras: “Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento (Mc. 2.17; Lc. 5.32). A sua pregação continha o convite ao arrependimento para entrar no reino de Deus. Dizia: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc. 1.15).

Em Mateus lê-se assim: “Arrependei-vos porque é chegado o reino dos céus” (Mt. 4.17). Noutro lugar está escrito: “Se eu expulso os demónios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado a vós o reino de Deus (Mt. 12.28). E ainda: “O reino de Deus não vem com aparência exterior, nem dirão, hei-lo aqui, ou hei-lo ali, porque o reino de Deus está entre vós” (Lc. 17. 20,21). A presença do Rei implicava na presença do reino.

Cristo veio para ser o Salvador dos pecadores. “Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las” (Lc. 9.56). “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt. 20.28). Quando estava na cruz do sofrimento, ele exclamou vitorioso: “Está consumado” (Jo. 19.30). Deste modo Ele tinha derrotado Satanás e as suas obras; “porque para isto o Filho se manifestou, para desfazer as obras do diabo” (1 Jo. 3.8).

### **O Filho de David**

David foi um homem e um rei segundo o coração de Deus. Ele considerava suprema a vontade de Deus na sua vida, assim como se considerava representante Seu. Sobre este contexto os profetas expuseram a promessa do prolongamento

eterno do trono de David através dum rebento do tronco já amortecido (Is. 11.1). “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso conselheiro, Deus forte, Pai de eternidade, Príncipe da paz” (Is. 9.6). E isto porque apesar do tal descendente ser filho de Davi, seria também filho de Jeová, de Quem recebeu o nome, Jesus, do hebraico “Yeshuá” (ישוע) de (ישע) (salvar), um nome que é sobre todo o nome; o nome do Salvador (Fp. 2.9).

Os profetas revelaram que o Messias seria descendente de David para que a sua casa, o seu reino e o seu trono, ficassem firmados para sempre (cf. 2 Sm. 7.12-16). Jeremias escreveu assim: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a David um renovo justo; e sendo rei reinará, e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na terra” (Jr. 23.5). Este será o nome com que o nomearão: “Javé Justiça Nossa” em hebraico “Yahweh Tsidkenu.” Ele governará com sabedoria o seu povo, assim como o bom pastor faz com o seu rebanho (Ez. 34.23).

O Senhor apresentou-se como o bom pastor, que conhece as suas ovelhas, e delas é conhecido (Jo. 10.14). Ele manifestou interesse em ajuntar as suas ovelhas num só aprisco onde Ele seja o único Pastor (Jo. 10.16). As profecias do Antigo Testamento apontam todas para o pastor que havia de vir a fim de ajuntar e guiar o seu rebanho nos caminhos da justiça. Muitos séculos depois da casa de David haver perdido o trono o povo continuava esperando pela promessa divina. Então, um anjo enviado por Deus foi portador duma mensagem revolucionária e consoladora: O cumprimento das profecias.

O anjo anunciou a Maria que daria à luz o varão prometido, o qual seria chamado Filho de Deus e de David (Lc. 1.30-35). O divino mensageiro proclamou aos pastores, no campo, novas de grande alegria para todo o povo (Lc. 2.10,11).

O velho Simeão regozijou-se ao ver cumprida a sua esperança quando viu entrar Maria, no Templo, com o menino pro-

metido, a quem abençoou tomando-o em seus braços (Lc. 2.25-32). A velha Ana, que não se afastava do Templo, também o esperava e quando o viu começou a falar dele a todos os que o esperavam em Israel (Lc. 2. 38).

Há certas expressões nas Escrituras confirmando o cumprimento das profecias. Algumas foram proferidas pelo povo. Interrogavam-se: “Não é este o filho de David ?” (Mt. 12.23). Os necessitados diziam: “Filho de David, tem misericórdia de nós” (Mt. 20.30,31). Clamavam: “Hosana ao filho de David” (Mt. 21.9, 15). Ditas por Paulo: “Da descendência deste (de David) levantou Deus a Jesus para salvador de Israel” (Act. 13.22, 23). O qual antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de Seu Filho, que nasceu da descendência de David segundo a carne (Rm. 1.3). “Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de David, ressuscitou dos mortos” (2 Tm. 2.8). João ouviu uma voz do céu: “Eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de David, que venceu, para abrir o livro e quebrar os seus sete selos” (Ap. 5.5). Ele ouviu o próprio Jesus dizer: “Eu sou a raiz e a geração de David” (Ap. 22.16).

### O Messias

O vocábulo “messias” (do hebraico משיח) foi sugerido pelo costume de ungir com óleo especial os consagrados ao serviço divino, os sacerdotes, os profetas, e os reis. Estes, quando ungidos, reinavam como representantes de Deus. A unção representava a transmissão de autoridade, força e honra para governar. Após o fracasso do reinado de Saúl, Deus ordenou a Samuel que unguisse o jovem David para futuro rei de Israel (cp. 1 Sm. 10.1, 6; 16.1, 12, 13). Porém, o Senhor previra o fracasso da dinastia davídica em Israel e profetizou um Messias especial, que não cederia às astutas ciladas de Satanás, o qual libertaria o povo do pecado e das potências estrangeiras

com a finalidade de instituir o Seu reino. Por conseguinte, o Messias, ou Cristo, (que provém grego, χριστος, com o mesmo significado) era a esperança de Israel (Sl. 28.8).

A semente da mulher foi prometida por Deus, logo no início, a fim de vencer o nosso adversário, Satanás (Gn. 3.15). Isaías profetizou que O Messias, o ungido de Deus, nasceria de modo especial e seria Deus conosco (Is. 7.14). Também disse que o Messias será o Príncipe da paz sobre o trono de David (Is. 9.6,7). E que a semente de David seria ungida para reinar com justiça na terra (Is. 11.1-5). Ele foi ungido para pregar as boas novas de libertação, restaurar os abatidos e a consolar os tristes (Is. 61.1).

David profetizou dos príncipes que se juntariam contra o Senhor e contra o Seu ungido (Sl. 2.2). Isto aconteceu quando os líderes de Israel rejeitaram Cristo e o levaram à morte na cruz. Daniel também profetizou a rejeição do Messias e a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. pelas forças romanas sob o comando do General Tito (Dn. 9.25,26).

Jesus foi gerado para vencer e reinar eternamente no trono de David (Lc. 1.30-33). O Messias, ou, o Cristo, nasceu em Belém para ser Salvador e Senhor (Lc. 2.11). Jesus foi ungido pelo Pai com o Espírito Santo para o cumprimento da sua missão, conforme a profecia de Isaías (Lc. 3.21, 22). Jesus foi tentado pelo Diabo, com um simples “SE” duvidoso, a iniciar um ministério popular que lhe facilitasse o caminho do poder, evitando a cruz e o sofrimento: “Se tu és o filho de Deus” (Lc. 4.1-13). Jesus confirmou a sua unção e o cumprimento da profecia, quando na sinagoga leu Lucas 4.17-21: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois me ungiu para evangelizar os pobres; etc.” Jesus provou ser, com os seus sinais, o Messias prometido: “Se eu expulso os demónios pelo Espírito de Deus é chegado a vós o reino de Deus” (Mt. 12.28). Além disto, Jesus aceitou o difícil caminho da cruz para atingir o trono (Mt. 16.21; Jo. 3.14, 15).



A confissão dos cristãos durante a história da Igreja é absolutamente digna de crédito, da qual deixamos alguns exemplos. Pedro confessou que Jesus é o Cristo (o Messias) o Filho de Deus vivo, que havia de vir (Mt. 16.16). Após a Sua morte os cristãos confessaram que Jesus era o Messias, referindo as palavras do salmista em Salmo 2.2: “Levantaram-se os reis da terra, e os príncipes se ajuntaram contra o Senhor e contra o seu Ungido, porque verdadeiramente contra o teu santo filho Jesus, que tu ungieste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel” (cf. Act. 4.26, 27). Pedro asseverou que Deus ungiu a Jesus com o Espírito Santo e com virtude para fazer o bem a todos os oprimidos do Diabo (Act. 10.38). Paulo procurava convencer judeus e gregos que Jesus era o Messias (Cristo) (Act. 18.4,5,28).

O Novo Testamento contém 529 vezes o vocábulo “Cristo” referente a Jesus, o Filho de Deus, que veio ao mundo com a mensagem do reino dos céus e, sendo rejeitado, foi morto, ressuscitou e subiu ao céu, donde virá para julgar os vivos e os mortos.

### **O Salvador e a Sua obra**

Deus é a Fonte da salvação, porém, age por intermédio de agentes. Ele livrou Israel da escravidão por meio de Moisés. Ele livrou-os dos midianitas por instrumentalidade de Gideão. “Mas, vindo a plenitude dos tempos Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos” (Gl. 4.4,5).

Acerca dele escreveu Isaías no seu livro profético: “Eu, Eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador (Is. 43.11). Descubramos os títulos existentes nos versos onze a quinze daquele trecho: “Yahweh,” traduzido Senhor, Salvador, Reden-

tor, Santo, Criador, e Rei. Tudo isto tem sido atribuído a Jesus, o Cristo.

O próprio Deus confessa ser aquilo que é: “Eu, Eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim, e dos teus pecados não me lembro” (Is. 43.25). “Olhai para mim e sereis salvos, vós, todos os termos da terra, porque eu sou Deus e não há outro” (Is. 45.22).

Também Zacarias profetizou sobre a vinda do rei tal como aconteceu: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta ó filha de Jerusalém; Eis que o teu rei virá a ti, justo e salvador, pobre e montado sobre um jumento...” (Zc. 9.9). E Mateus cita esta passagem para identificar Jesus com a profecia (Mt. 21.4,5). Todavia, este rei foi rejeitado, açoitado e morto para que por Ele vivamos.

Deus revelou o sacrifício salvador a fim de todos podermos desfrutar dos seus benefícios inefáveis. O capítulo cinquenta e três de Isaías relata maravilhosamente o sofrimento do Cordeiro de Deus que veio ao mundo para tirar o pecado da humanidade. Ele experimentou todas as limitações físicas, foi desprezado, foi ferido, sofreu dores atrozes, e foi morto como substituto dos pecadores. Tudo isto Ele suportou a fim de levar o castigo das nossas iniquidades. Ele sofreu as nossas dores pelas quais deu à luz uma nova comunidade que é a Igreja (cf. Ef. 2.15).

A salvação foi consumada na cruz quando Ele deu o último suspiro exclamando: “Está consumado” (τετελεσται) (Jo. 19.30); expressão que significa: Foi integralmente cumprido o pagamento pelos pecados. E o preço altíssimo do resgate foi o precioso sangue do Filho de Deus (1 Pd. 1.18,19). Ele levou em seu corpo os nossos pecados, a nossa condenação, para podermos viver em justiça (1 Pd. 2.24). Agora, quem crê nele não é condenado, mas quem não crê já está condenado (Jo. 3.18). Portanto, agora já não há condenação alguma para os que vivem unidos a Cristo Jesus (Rm. 8.1). O conselho de Paulo para

todos é: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo tu e a tua casa” (Act. 16.31). Crer no Senhor significa confiar plenamente na eficácia da morte e ressurreição de Jesus, o qual acreditamos ter sido levado à cruz para morrer em nosso lugar.

### O Senhor e a Sua soberania

Tanto judeus como romanos sabiam que o tratamento de “Senhor” (em grego, Κύριος - Kyrios) significava um atributo da divindade. Os imperadores da época reclamavam para si este tratamento por se considerarem descendentes dos deuses, de quem haviam recebido a posição de governantes. Os cristãos reconheceram este senhorio somente ao Senhor Jesus, e, por este motivo, preferiram a perseguição ao prestarem-lhe as devidas honras. É de notar ainda que “Kyrios” figura na tradução grega do termo hebraico “Jeová” no Antigo Testamento.

Jesus é, naturalmente, o Filho de Deus e, portanto, divino como Seu Pai; “porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e vós estais perfeitos nele,” confirma Paulo (Cl. 2.9). Porque Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, condenados pela lei (Gl. 4.4). Perante a acusação de transgredir o sábado respondeu que “o Filho do homem até do sábado é Senhor” (Mt. 12.8; Lc. 6.5). Pode fazer nele o que muito bem entender porque é soberano. Ele também é Senhor das forças da natureza, pois ordenou ao vento que acalmasse e uma tempestade cessou para espanto dos discípulos (Lc. 8.24).

A sua soberania é reconhecida pelos discípulos. Jesus confirmou o reconhecimento dos discípulos desta maneira: “Vós me chamais mestre e Senhor, e dizeis bem, porque Eu Sou;” (Jo. 13. 13). “E porque me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?” (Lc. 6.46). Pedro testemunha que Deus o fez Senhor e Cristo (Act. 2.36). Porque Ele morreu e

ressuscitou para ser Senhor, tanto dos mortos como dos vivos (Rm. 14.9).

A sua soberania deve ser obedecida por toda a sua criação. Porque não somos de nós mesmos, mas fomos comprados por elevado preço, temos um Senhor que nos possui e tem direitos sobre nós (1 Co. 6.19,20). De sorte que, ou vivamos ou morramos somos do Senhor, e vivemos para servir este Senhor (Rm. 14.8). Por isso, todos devemos santificar a Cristo como Senhor em nossos corações, o que significa reconhecer a Sua soberania sobre nós (1 Pd 3.15). Então, fervorosamente, devemos servir ao Senhor, de todo o coração, fazendo sempre o que for do Seu agrado (Rm.12.11), sabendo que dele receberemos o galardão da herança. Porque a Cristo, o Senhor, servimos (Cl. 3.24).

A sua soberania deve ser confessada pelos seus discípulos. Jesus foi exaltado e recebeu um nome soberano para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para glória de Deus Pai (cf. Fp. 2.9-11). João ouviu todas as criaturas no céu glorificando ao Senhor (Ap. 5.13). Finalmente, viu a vitória final do Cordeiro, porque Ele é o Senhor dos senhores, e o Rei dos reis (Ap. 17.14).

### OS OFÍCIOS DE CRISTO

Na época do Antigo Testamento havia três classes de mediadores entre Deus e os homens: o profeta, o sacerdote, e o rei. O profeta apreendia e transmitia a mensagem de Deus ao povo. O sacerdote oficiava no Templo oferecendo sacrifícios em favor do povo. E o rei era o defensor e protector do povo. Os três eram ungidos, cada qual para a sua própria função. Jesus é o Profeta-Sacerdote-Rei que reúne em si mesmo os três ofícios. Paulo confirma isto quando nos diz que “há um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem” (1 Tm. 2.5).

## 1. O Profeta fala da parte de Deus

O profeta do A. T. era o agente de Deus para transmitir a Sua vontade ao povo. Ele deveria ter uma comunhão perfeita com o Senhor a fim de poder apreender a Sua mensagem, decodificá-la com eficácia, e entregá-la com clareza. O testemunho dos profetas é que o Messias seria um profeta maior, portador de luz para o povo que estava em trevas. E Cristo proclamou-se como a luz que veio ao mundo para afastar as trevas da ignorância, assim como providenciou os meios para uma vida nova e vitoriosa. Ele ensinou o caminho perfeito para escapar à fúria de Satanás e ao poder do pecado.

A predição do profeta maior foi feita pelo próprio Deus a Moisés enquanto caminhavam no deserto. “O Senhor teu Deus te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis” (Dt. 18.15,18). Esta profecia foi esclarecida por Pedro e por Estêvão perante os judeus, como tendo sido cumprida em Jesus; (Act. 3.22 e 7.37). Todos os profetas do passado dão testemunho dele, e os apóstolos confirmam as suas palavras com o cumprimento integral de Cristo (Act. 10.43).

O Profeta é reconhecido pelos Seus contemporâneos. Considerando a multiplicação dos pães o povo exclamou: “Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo” (Jo. 6.14; 7.40). Após a libertação dum endemoninhado a multidão interrogou-se dizendo: “Que nova doutrina é esta? Pois com autoridade ordena aos espíritos imundos e eles obedecem! (Mc. 1.27). Quando Jesus ressuscitou o jovem de Naím, os presentes exclamaram: “Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo” (Lc. 7.16). Quando entrou em Jerusalém, a multidão exclamou: “Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia” (Mt. 21.11). No caminho de Emaús os dois viajantes referiram-se a Jesus Nazareno, que foi varão profeta, poderoso em obras e palavras (Lc. 24.19).

Os profetas eram importantes em tempos de crise. Eles dirigiam-se aos governantes e ao povo dizendo: “Este é o caminho, andai nele”. Jesus apareceu quando a nação judaica estava inquieta quanto à libertação nacional e esperavam o seu messias político, o portador da solução prometida. Ele apresentou-se com uma mensagem que mostrava o caminho da libertação do pecado, e eles tiveram que decidir o tipo de liberdade que deviam escolher. Infelizmente escolheram mal e a destruição aconteceu.

O soberano profeta dizia: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância” (Jo. 10.10). “Se não crerdes que Eu Sou morrereis em vossos pecados” (Jo. 8.24). “Se pois o filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo. 8.36). “Eu falo do que vi junto de meu Pai” (Jo. 8.38). “E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (Mt. 24.14). “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar” (Mt. 24.35). Ele garantiu que tudo o que proferiu terá o seu cumprimento no devido tempo.

Cristo mantém o Seu ministério profético através da Igreja porque Ele deu dons aos homens para o serviço e edificação da mesma” (1 Co. 14.1). Paulo ensinou que “o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação” (v.3).

## 2. O Sacerdote é mediador entre Deus e o homem

Os sacerdotes eram consagrados para representar os homens perante Deus, e para oferecerem sacrifícios que asseguravam o favor divino. Uma vez por ano o sumo sacerdote fazia expiação pelos pecados de Israel com sacrifícios animais, cujo sangue era levado ao lugar santíssimo e aspergido ali, no propiciatório, sobre a arca do concerto (cf. Lv. 9.7-9).

Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, entrou num melhor tabernáculo, e com um perfeito sacrifício

efectuou uma eterna redenção em favor dos pecadores (cf. Hb. 9.11-14). “Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus; que não necessitasse, como os sumo sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele uma vez, oferecendo-se a si mesmo” (Hb. 7.26,27). Voluntariamente, o Senhor aceitou fazer a vontade do Pai para oferecer um sacrifício perfeito em favor dos pecadores (Hb. 10.5-10).

O sacerdote tinha que ter alguma coisa para oferecer sobre o altar, normalmente um cordeiro. Cristo, como sumo sacerdote ofereceu-se a Si mesmo em sacrifício sobre o altar do mundo por todos. Ele participou da nossa natureza para nos representar diante do Pai (Hb. 2.14-18). Sendo necessário que ele tivesse algo melhor para oferecer, ofereceu o seu corpo (Hb. 8.3). O Senhor ofereceu o seu sangue precioso para efectuar uma eterna redenção (Hb. 9.12,14). E porque era perfeito ofereceu um único sacrifício pelos pecados com valor eterno (Hb. 10.12). Por conseguinte, não há mais necessidade de oferecer quaisquer sacrifícios pelo pecado (Hb. 10.17,18).

Visto que o Sumo Sacerdote Jesus entrou no próprio lugar santíssimo, no céu (Hb. 8.1,2), foi feito único mediador entre Deus e os homens (Hb. 4.14-16; 1 Tm. 2.5), e vive eternamente para interceder por nós (Hb. 7.25). João confirma que se alguém pecar temos um advogado perante o Pai, Jesus Cristo, o justo, para nos propiciar e tornar agradáveis a Ele (Jo. 2.1,2). Portanto, o crente vai confiar ao trono de Deus a fim de achar graça no tempo oportuno (Hb. 4.16). Todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome (Act.10.43). Ele é o verdadeiro mediador entre nós e Seu Pai. É o único Advogado pronto a defender a nossa causa. Não há outro nome debaixo do céu que nos garanta a salvação.

### 3. O Rei perfeito é o governante pacífico

Os reis eram eleitos para garantir a segurança do seu povo. Foi por este motivo que Israel pediu a Samuel um rei à semelhança das outras nações (1 Sm. 8.5). Deus prometeu-lhes um descendente de David que reinaria eternamente no seu trono (Jr. 23.5). Melquisedeque, sacerdote e rei de Salém, é o tipo perfeito deste Rei da paz (Gn. 14.18-20; cf. Hb. 7.1-4, 15-17 e Sl. 110.4). Ele é o sacerdote-rei eterno. O Seu domínio não terá fim.

A profecia já está parcialmente cumprida com a vinda de Jesus. Como está escrito: “O teu rei virá a ti, justo e salvador, pobre e montado sobre um jumento” (Zc. 9.9); A sua concepção milagrosa é revelada a Maria: “Descerá sobre ti o Espírito Santo e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra” (Lc. 1.30-33). O seu nascimento foi revelado aos pastores que o esperavam: “Na cidade de David vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc. 2.10). A sua pregação sempre versava sobre o reino dos céus, dizendo: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo” (Mc.1.14,15). O seu interesse primário era o reino dos céus, aconselhando-nos a buscá-lo em primeiro lugar; (Mt. 6.33). E percorria todas as cidades e aldeias pregando o evangelho do reino (Mt. 9.35). Cumprindo a profecia, entrou em Jerusalém montado num jumento (Mt. 21.4,5,9). O rei foi rejeitado e morto; mas recebeu o devido título por cima da sua cabeça: “Este é Jesus, o Rei dos judeus” (Mt. 27.37).

A profecia será totalmente cumprida quando o Senhor voltar para o seu povo. Portanto, é aconselhável aguardar o Senhor Jesus Cristo, único e poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores (1 Tm. 6.14,15). O Apocalipse revela-nos esse cumprimento assim: “E houve no céu grandes vozes que diziam: “Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (Ap. 11.15).

Porque vencerá o Cordeiro, que é Senhor dos senhores e Rei dos reis, e vencerão os que estão com Ele (Ap. 17.14). Se na cruz estava escrito “Rei dos judeus”, no seu vestido estará escrito “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Ap. 19.16).

## A SUPREMA OBRA DE CRISTO

Jesus realizou muitas obras e sinais que não foram escritos pelos seus contemporâneos. Porém, a suprema obra efectuada por Cristo foi a sua morte em substituição dos pecadores. Ele não somente devia morrer por nós, como também ressuscitar para nós. E ainda, ascender ao céu para interceder por nós.

**A morte de Cristo** é a acção comprovativa do grande amor de Deus pela humanidade caída e corrupta, que o Senhor quer recuperar, mediante a expiação pelo seu sangue, a fim de com ela encetar uma nova e eterna comunhão (Rm. 5.8,11).

A sua morte era necessária porque os sacrifícios animais eram imperfeitos e nunca podiam tirar o pecado (Hb.10.4,11). Porque Deus já não se agradava dos sacrifícios animais em cumprimento de ritual religioso (Hb.10.5-8). Porque ninguém pode remir a seu irmão; a sua redenção é caríssima e os recursos esgotariam antes (Sl. 49.7,8). Porque só um santo como Jesus, com a sua pureza, e justiça, tinha possibilidade de remir a humanidade (1 Pd. 3.18). “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos (Act. 4.12).

A morte de Cristo é de importância capital porque é a mensagem central de toda a Bíblia, como Ele próprio assegurou no caminho de Emaús: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! ... E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras” (cf. (Lc. 24.25-27).

Paulo confirma que o ponto central da sua mensagem é a morte e a ressurreição de Cristo (1 Co. 2.2; 15.3,4). O autor de Hebreus destaca a sua oferta sacrificial ao dizer que o sangue de Cristo vertido é melhor do que o de animais para nos purificar de todo o pecado (Hb. 9.14). Pedro, de igual modo, enfatiza o sofrimento do Senhor dizendo que Cristo padeceu uma vez pelos pecados para levar-nos a Deus (1 Pd. 3.18). E João refere que Cristo é a propiciação pelos pecados de todo o mundo e único advogado perante o Pai (1 Jo. 2.1,2).

O Apocalipse é a revelação escrita acerca do valor da morte do Cordeiro de Deus e da Sua vitória final. Jesus apresentou-se a João desta maneira: “Eu Sou o primeiro e o último, e o que vivo e fui morto; mas, eis aqui estou vivo para todo o sempre “ (Ap. 1.18). “E combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis” (Ap. 17.14). Esperamos ansiosamente por esta vitória. São vários os significados da morte de Cristo:

Primeiro, significa o grande amor de Deus por gente corrupta e desobediente. João 3.16 diz que “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho único.”

Segundo, significa a prova máxima do amor, tanto do Pai como do Filho (Rm.5.8). Jesus disse que “ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (Jo. 15.13).

Terceiro, significa que Deus fez o máximo para restaurar a comunhão perdida com as suas criaturas pelo cumprimento da Lei que diz: “O salário do pecado é a morte” mas foi o Cordeiro imaculado, oferecido por Deus, quem morreu (2 Co. 5.18,19). De modo que “agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm. 8.1,2).

Quarto, significa que a sua morte na cruz tem por finalidade destruir as inimizades e a parede separadora entre os povos, unindo todos num só corpo para viver em paz em uma nova criação, a família de Deus (Ef. 2.16,17).

**A ressurreição de Cristo** é a grande vitória sobre a morte. Que Cristo venceu a morte é um facto comprovado. Desde a saída do túmulo até à Sua ascensão foi visto por mais de quinhentos irmãos (1 Co. 15.3-8). As Escrituras estabelecem firmemente o facto da ressurreição. Jesus apelou para as profecias a seu respeito. E, os apóstolos apelam para as suas próprias experiências com o ressuscitado.

A ressurreição do Senhor era necessária porque sem a mesma teria sido um fracasso a sua morte; assim como teriam sido vãos dois milénios de pregação e seria vã a fé nele depositada (1 Co. 15.14,17,18). Era necessária para a nossa justificação, porque se continuasse morto nada mais seria do que os outros grandes líderes, religiosos ou políticos, que permanecem mortos em seus túmulos (Rm. 4.24,25). Era necessária porque Cristo devia desfazer aquilo que Lúcifer consumou no Éden, introduzindo no mundo o pecado e a morte (1 Jo. 3.8). Com a Sua ressurreição Cristo garantiu-nos a possibilidade de passar da morte para a vida; “porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo” (1 Co. 15.21,22).

Consideremos alguns factos da sua ressurreição:

1. A pedra já estava removida quando as mulheres chegaram ao túmulo para tratá-lo (Lc. 24.2).
2. O sepulcro estava vazio para espanto de todos (v. 3). Dois anjos esclareceram o facto da ressurreição (v. 4-7).
3. Pedro viu somente os lenços por ele deixados (v.12).
4. Apareceu às mulheres quando o procuravam (Mt 28.9).
5. Apareceu a dois no caminho de Emaús (Lc. 24.30-35).
6. Apareceu aos onze e expôs-se à prova (Lc. 24.36-40).
7. Apareceu junto ao mar e ajudou na pesca (Jo. 21.12-

14).

8. Tomé confirma a ressurreição do Senhor (Jo. 20.26-28).

9. Os adversários corromperam a verdade acerca da ressurreição ensinando os soldados a mentir e prometendo-lhes protecção: “Dizei: vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram” (Mt. 28.11-15).

Os importantes significados da ressurreição que devem ser considerados e valorizados por todos os cristãos são:

1. A ressurreição de Cristo significa que as Escrituras se cumpriram (Lc.24.46).
2. Significa que a morte expiatória de Cristo foi uma realidade, e que o crente pode desfrutar do perdão para ter paz com Deus (Rm. 4.25).
3. A ressurreição de Cristo significa que os seus crentes ressuscitarão para a imortalidade. Porque convém que o corruptível se torne incorruptível (1 Co.15.53). Porque Ele vive, nós viveremos juntamente com Ele (cf. Jo. 14.19; 2 Co. 4.14; 1 Ts. 4.14).
4. A ressurreição significa a vitória definitiva sobre a morte (1 Co.15.54).
5. Dá a certeza dum juízo futuro, “porquanto (Deus) tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos ressuscitando-o dos mortos” (Act.17.31).
6. Significa que ele vive para reinar eternamente (Ap. 1.18; 11.15).
7. Foi mais uma vez poderosamente confirmado como Filho de Deus (Rm. 1.4).

**A ascensão de Cristo** é a confirmação da ascensão dos santos. Todos os que vivem unidos a Cristo têm a promessa de serem chamados para estarem com Ele para sempre.

O Novo testamento testemunha a ascensão do Senhor de forma vívida. Aquele que veio do céu, voltou para o céu, porque era do céu. Ele havia predito aos discípulos esse facto a fim de assegurar-lhes a continuação da sua missão em favor deles e da humanidade. Tal como a sua vinda ao mundo foi sobrenatural, assim foi também a sua ida para junto do Pai.

David profetizou a Sua ascensão: “Tu subiste ao alto, levaste cativo o cativo; recebeste dons para os homens” (Sl. 68.18); E o Senhor informou os discípulos que “ainda um pouco de tempo estou convosco, e depois vou para aquele que me enviou” (Jo. 7.33). Marcos escreveu: “Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus” (Mc.16.19). Lucas informa: “E aconteceu que abençoando-os ele, se apartou deles e foi elevado ao céu” (Lc. 24.51; cf. Act.1.9).

A ascensão tornou-se a linha divisória entre dois períodos da vida de Cristo. Até ali viveu uma vida perfeitamente humana, com todas as experiências terrenas do seu tempo. A partir de então ele é o Cristo exaltado à direita do Pai com todas as honras merecidas. Ele recebeu a recompensa da sua obediência até à morte (Fp. 2.8,9). Está à direita do Pai intercedendo por nós (Act. 2.33,34; Rm. 8.34). Subindo ao alto, levou cativo o cativo e deu dons aos homens (Ef. 4.8), e foi preparar-nos lugar junto do Pai (Jo. 14.2; 17.24).

Cristo é Soberano e detentor de toda a autoridade no céu e na terra (Mt. 28.18; Cl. 2.10). Todas as coisas no céu e na terra lhe estão sujeitas (Ef. 1.20,21; 1 Pd 3.22). Foi constituído cabeça da Igreja e de todo o varão (Ef. 1.22,23; 1 Co. 11.3).

Cristo é omnipresente, pois afirmou que onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome Ele está no meio deles (Mat. 18.20). Ele enviou o Espírito Santo a fim de ficar connosco para sempre (Jo. 14.16; 16.7), e nos guiar em toda a verdade (Jo. 16.13); para o crente fazer as mesmas obras que Ele fez (Jo. 14.12); e para convencer o mundo do pecado (Jo. 16.8).

A ascensão providencia a bendita esperança do Seu regresso, conforme o prometido (Jo. 14.3; 17.24). Tornou-se um incentivo à santidade pessoal dos cristãos (Cl. 3,1-4). Resulta no reconhecimento da Igreja como organismo sobrenatural (Ef. 1.22, 23). Proporciona uma atitude correcta em relação ao mundo (Fp. 3.20; 1 Ts. 4.16,17). Inspira profundo sentimento de responsabilidade pessoal, porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo a fim de prestar contas da nossa mordomia (2 Co. 5.9,10).

*“O filho do homem não veio para ser servido,  
mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos.*

*Mateus 20.28*

*Porque Deus amou o mundo de tal maneira  
que deu o seu Filho unigénito  
para que todo aquele que nele crê não pereça,  
mas tenha a vida eterna.*

*João 3.16*

*Porque pela graça sois salvos, por meio da fé;  
Isto não vem de vós, é Dom de Deus;  
não vem das obras para que ninguém se glorie.*

*Porque somos feita sua,  
criados em Cristo Jesus para as boas obras,  
as quais Deus preparou para que andemos nelas.”*

*Efésios 2.8-10*

## CAPÍTULO OITO

### A SALVAÇÃO

Conforme havemos observado anteriormente, Deus havia aborrecido os sacrifícios oferecidos somente para cumprimento do ritual religioso (cf. Is.1.10-13). O Senhor requeria deles mais do que práticas religiosas. Ele esperava dos ofertantes um arrependimento sincero e uma mudança correspondente à Sua santidade. Mas o sangue dos animais era impotente para tirar a raiz do pecado. Por este motivo, havia necessidade que alguém semelhante ao homem fosse sacrificado em lugar do homem. Era, pois, necessária uma nova expiação que perdoasse e libertasse o homem do pecado.

#### A Expição no Novo Testamento

A cruz é o centro dos dois testamentos. Tudo quanto está revelado no Antigo Testamento são sombras da realidade cumprida no Novo Testamento (Hb. 10.1). Esses escritores olhavam com fé para a frente; enquanto os do N.T. olharam para trás relacionando os acontecimentos com as profecias. Cada qual escreveu conforme a sua visão das coisas, porém, todos concordam que a expiação está fundamentada no amor de Deus. Paulo afirma que o seu pensamento gira somente à volta da cruz de Cristo; “porque nada me propus saber entre vós senão a Cristo e este crucificado” (1 Co. 2.2). Cristo e a cruz constam

da mensagem central das Escrituras visando a formação do reino de Deus.

Porém, o fundamento da salvação é o amor eterno de Deus, tal como está revelado em Jeremias 31.3: “Com amor eterno te amei, também com admirável benignidade te atraí.” E, porque o amor cobre todas as transgressões (Pv. 10.12) Deus enviou, no tempo apropriado, o Seu amado Filho a fim de remir os pecadores da condenação (Gl. 4.4,5). “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito para que todo aquele que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna” (Jo. 3.16). Paulo afirma que a prova do amor de Deus está em que Cristo morreu por nós sendo nós ainda pecadores (Rm. 5.8). Só o amor eterno poderia oferecer um sacrifício de valor eterno a fim de justificar os pecadores para a vida eterna.

Uma ilustração muito bela do amor encontra-se na prontidão de Abraão em sacrificar o seu único filho, Isaque, como prova do seu amor a Deus (Gn. 22). A ilustração maior da prova do amor de Deus está na cruz, onde Ele sacrificou o Seu único Filho pelos pecadores; como Jesus disse: “Ninguém tem maior amor do que este; de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (Jo. 15.13). E acerca do maravilhoso resultado da sua morte, disse Jesus: “E eu, quando for levantado da terra todos atrairei a mim” (Jo. 12.32).

Consideremos três testemunhos de profetas bem distantes acerca da vinda do Salvador. David entendeu, cerca de mil anos antes, que a vinda desse homem santo, e filho de Deus, constava das Sagradas Escrituras (Sl. 40.6-8). A mesma expressão foi usada pelo autor de Hebreus: “Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tira o primeiro para estabelecer o segundo” ( cf. Hb. 10.5-9). Isaías previu, cerca de setecentos anos antes, a nova expiação, efectuada pelo Cordeiro de Deus, devido ao Seu grande amor (Is. 53). Jeremias proclamou, cerca de seiscentos anos antes, a nova aliança que Deus faria com o seu povo (Jr. 31.31-33). Esta nova aliança tem valor eterno para



todos os que crêem, como diz Deus: “E farei com eles um concerto eterno, que não se desviará deles, para lhes fazer bem (Jr. 32.40).

O homem da expiação era o Verbo feito carne que habitou entre nós, conforme revelado a João (Jo. 1.14, 29). A José foi revelado que o filho de Maria, sua mulher, seria o Salvador do povo (Mt.1.21).

### Aspectos da expiação

A expiação tem aspectos que devem ser considerados à luz das palavras usadas nas Sagradas Escrituras. Cada uma delas exprime a acção reparadora do bom relacionamento entre Deus e o homem.

**Propiciação**, provém do grego “ἵλασμος” (ilasmos) que significa tornar alguém propício por meio duma acção reparadora. Isto referia-se à actividade ritual do sacerdote oferecendo o sangue do sacrifício sobre o altar e sobre a arca do concerto. A tampa dessa arca era chamada propiciatório, e era espargida com o sangue do sacrifício. Esta acção tornava Deus propício, favorável ao pecador, de forma a ser restabelecido o bom relacionamento entre Ele e o pecador perdoado.

Bastam-nos duas frases do N.T. para compreendermos a ideia de propiciação: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador.” Este foi justificado (Lc. 18.13). E ainda as palavras de Pedro dirigidas a Cristo: “Senhor tem compaixão de ti”, ou, “sê propício a ti” (Mt. 16.22).

Na velha aliança a ideia veio de Deus, mas a acção devia partir do homem. Anualmente, em Israel, era celebrado o dia da expiação com sacrifícios de animais (Lv. 23.27,28; Dt. 21.8). Na nova aliança tanto a ideia como a acção partiram de Deus. O Senhor fez tudo para nos propiciar e nos tornar agradáveis a Si mesmo.

Deus propôs o seu Filho para propiciação pelos nossos pecados (Rm. 3.25). Ele enviou o seu Filho para propiciação pelos nossos pecados (1 Jo. 4.10). Havia de ser semelhante aos homens para propiciar os seus pecados (Hb. 2.17). Jesus é a propiciação eterna e universal pelos pecados (1 Jo. 2.2). O Seu sacrifício foi perfeito e anulou os sacrifícios imperfeitos que nunca podiam tirar o pecado (Hb. 10.12-18). Sendo perfeito, um único sacrifício anulou a força do pecado para sempre; “porque com um só sacrifício aperfeiçoou para sempre os que são santificados” (Hb. 10. 14,17).

**Redenção** vem de “λυτροσις” (lutrosis) e tem o significado do pagamento dum preço para resgatar um escravo, ou um condenado. Nela existe a ideia de livramento. O escravo podia, caso alcançasse o suficiente, pagar a sua própria liberdade. Em nossos dias, ainda os prisioneiros de guerra são libertados mediante preço acordado entre as partes. O sentido está bem ilustrado na acção de Deus em relação a Israel. “Eu sou Yahweh, e vos tirarei de debaixo das cargas dos Egípcios, vos livrarei da sua servidão e vos resgatarei com braço estendido e com juízos grandes” (Êx. 6.6). Estêvão reconheceu em Moisés o redentor de Israel, ao dizer dele: “A este enviou Deus como príncipe e libertador” (Act. 7.35)

Mas, vindo Cristo, ofereceu-se a si mesmo em eterna redenção por todos (Hb. 9.11-15). Jesus identificou-se como o redentor e redenção para muitos (Mt. 20.28). Jesus imaculado verteu o seu sangue precioso para redenção de muitos (cf. 1 Pd. 1.18-20). A graça de Deus manifestou-se na redenção efectuada por Cristo, trazendo salvação a todas as pessoas (Tt. 2.11,14). “Não por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário havendo efectuada uma eterna redenção (Hb. 9.12). Isto significa que o pagamento efectuado por Cristo tem valor eterno, não havendo, por conseguinte, necessidade de oferecer mais sacrifícios pelos pecados.

Tendo em consideração o valor da eterna redenção efectuada por Cristo, como cristãos podemos confessar pela fé os seguintes efeitos:

1. Estou redimido da condenação à morte eterna, “porque quem crê nele já não é condenado” (Jo. 3.18).
2. Estou libertado da escravidão do pecado, “porque libertado do pecado fui feito servo da justiça” (Rom. 6.18).
3. Estou purificado de todo o pecado, porque o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1 Jo. 1.7).
4. Estou justificado perante Deus, “porque tenho sido justificado em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do Nosso Deus” (1 Co. 6.11).
5. Estou reconciliado e em paz com Deus, porque Ele me reconciliou consigo mesmo pelo sacrifício de Cristo, que eu aceito pela fé (1 Co. 5.18; Rm. 5.1).

**O sangue de Cristo** foi o preço de valor extraordinário pago para conseguir aquilo que o de animais jamais alcançou sobre o altar do sacrifício. Judas confessou que traiu sangue inocente, e Pilatos considerou-se inocente do sangue daquele justo (Mt. 27.4,24). Jesus afirmou que o seu sangue era o selo da Nova Aliança (Mat. 26.28). Assim como os contratos precisam de selo para serem validados, também a Nova Aliança foi selada, mas com o sangue de Cristo. Ele é a garantia da sua validade eterna perante Deus. O Senhor garantiu-nos a vida eterna pelo seu sangue; porque, disse Ele: “quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo. 6.54). E Pedro demonstrou entender estas Suas palavras quando respondeu: “Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo. 6.68). Assim, quem se alimenta da Sua palavra alimenta-se para a vida eterna.

O sangue de Cristo providenciou a redenção e remissão das nossas ofensas (Ef. 1.7), de modo a sermos justificados (Rom. 5.9), purificados de todo o pecado (1 Jo. 1.7,9) e aproximados de Deus; (Ef. 2.13). Finalmente, a fé no sangue do Cordeiro resulta em vitória sobre o adversário (Ap. 12.11).

**Reconciliação**, do grego “καταλλαγή” (katalaguê) tem a ver com o bom relacionamento, recomeçado em virtude do esforço de alguém que é amigo. Esta palavra tem o sentido de eliminação duma ofensa existente que separava as partes envolvidas. Como o pecado é considerado inimizade contra Deus, causou separação entre o homem e Deus. Um Deus santo não pode manter comunhão com o homem enquanto este viver em pecado. Por este motivo, o Senhor sentiu a necessidade de eliminar a causa da separação a fim de voltar a desfrutar da sua comunhão com o homem que criara com tanto amor.

O caminho da reconciliação deveria ser encontrado na eliminação da causa fundamental da inimizade, o pecado. Assim, Deus tratou o caso da maneira mais correcta. Enviou o seu Filho e entregou-o em sacrifício para, mediante a sua morte e derramamento de sangue, nos aproximar de Si mesmo; “porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus” (1 Pd. 3.18). Observemos cinco trechos importantes referentes à reconciliação:

1. À inimizade pecaminosa Deus contrapõe o seu amor em Cristo (Rm. 5.8-10).
2. Tudo isto provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo (2 Co. 5.18).
3. Cristo com a sua morte desfez a inimizade e a separação (Ef. 2.13-16).
4. Agradou a Deus reconciliar consigo todas as coisas pela cruz (Cl. 1.19-22).
5. Ele entregou à Igreja o ministério da reconciliação (2 Co. 5.20).

## A NOVA CRIAÇÃO

Finalmente, assim como do nada Deus fez todas as coisas, também do já existente Ele pode fazer coisas novas. A expiação efectuada no calvário tem o firme propósito de restaurar todas as coisas. O último ser criado, o homem, é o primeiro a ser regenerado para, então, os primeiros a serem criados serem também transformados.

O resultado da expiação é aplicado pela Trindade, mediante três acções simultâneas, em resposta a outras três atitudes do homem, também simultâneas, referentes ao pecado. A salvação foi oferecida pelo Pai, conquistada pelo Filho, e é aplicada pelo Espírito Santo, conforme a fé de cada um. Eis os importantes aspectos da salvação:

O arrependimento do pecado; a fé no sacrifício de Cristo; e a conversão a Deus, produzem justificação, regeneração e santificação.

A **justificação**, do grego “δικαιοσις” (dikaiosis) é um acto da graça de Deus pelo qual Ele declara o pecador arrependido livre da condenação, mediante a sua fé na substituição efectuada por Cristo. Havia necessidade da justificação por causa da ira sobre o pecado; “porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens que transformam a verdade em injustiça (Rm. 1.18).

Quando o réu se apresenta perante o Juiz, arrependido, e com as credenciais da fé no sacrifício expiatório, recebe a sentença favorável que o liberta da condenação. Deus não somente perdoa todos os pecados, mas declara o pecador justificado, isto é, considera-o como se nunca tivesse pecado. Só Deus pode praticar tão maravilhosa acção. Isto acontece porque Aquele que nunca pecou foi feito pecado para que os pecadores fossem feitos justiça de Deus (2 Co. 5.21).

A base da justificação é a graça de Deus que se manifestou em Cristo Jesus trazendo salvação a todas as pessoas (Tt.

2.11). A lei diz: Tens de pagar pelos teus pecados; “porque o salário do pecado é a morte” (Rm. 6.23). A graça diz: Tudo está pago pelos teus pecados; “porque Cristo veio dar a sua vida em resgate dos pecadores (Mt. 20.28). A justificação é gratuita; é resultado da graça divina e da redenção efectuada por Cristo (Rm. 3.21-26; 5.2). “Pois, assim como por uma só ofensa veio juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só acto de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida” (Rm. 5.18).

A graça de Deus procede do Seu amor incondicional que se chama “ἀγάπη” (ágápê) o qual foi manifestado no calvário, na morte do Seu Filho para nos justificar (Rm. 3.21-26). A graça de Deus faz filhos herdeiros; “porque Deus enviou Seu Filho a fim de recebermos a adopção de filhos e herdeiros com Cristo (Gl. 4.4-7; Rm. 8.17).

O meio da justificação é o arrependimento do pecado e a fé no sacrifício do calvário; por este motivo, Ele mandou-nos proclamar o evangelho do arrependimento em todos os lugares (Act. 17.30,31). Jesus mesmo afirmou: “Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores ao arrependimento” (Lc. 5.32). O funcionário público, no templo, disse: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador;” e foi justificado (Lc. 18.13,14). O arrependimento diz respeito ao grande sentimento de pesar pelo pecado; enquanto a fé está virada para o sacrifício do Cordeiro de Deus que tirou o pecado do mundo.

O arrependimento significa uma mudança de atitude mental relativa ao pecado. Como anunciou Pedro aos seus ouvintes, no Templo em Jerusalém: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor” (Act. 3.19). Apagar os pecados é o mesmo que lançá-los na profundidade do mar ou no esquecimento. É não deixar vestígio deles para se recordar do passado. Deus mesmo diz que jamais se lembrará dos nossos pecados (Hb.10.17). Por conseguinte, jus-

tificação é a antecipação do julgamento do pecador. Quem for justificado pela fé já não comparecerá no juízo final para condenação (Ap. 20.11-15).

**Regeneração**, do grego “παλιγγενεσια” (palingenesia) significa gerar outra vez. É o acto pelo qual Deus opera a renovação das coisas criadas. A regeneração diz respeito à renovação de todas as coisas no céu e na terra, porém, aqui ocupamos particularmente do homem. Embora a regeneração seja um acto do Espírito Santo, ela é activada pela fé na ressurreição do Senhor. Porque se Cristo não tivesse ressuscitado não teríamos garantias da aceitação do Seu sacrifício e estaríamos perdidos. Foi por isso que Jesus disse a Nicodemos que era necessário nascer de novo (Jo. 3.3,7). O vocábulo no grego é “ανωθεν” (anôthen) que significa nascer de cima, do espírito de Deus, para ter inclinações espirituais; em contraste com a carne, que nasceu de baixo, da terra, com inclinações terrenas.

Pedro ensina que, pela grande misericórdia de Deus, fomos gerados de novo pela ressurreição de Jesus Cristo e pela semente incorruptível, que é a Palavra de Deus (1 Pd. 1.3,23). Paulo ensina que assim como Cristo ressuscitou, também nós ressuscitamos da morte espiritual, pela fé no poder de Deus, e fomos vivificados juntamente com Cristo (Cl. 2.12,13). Isto é o mesmo que alguém se despir do velho homem e vestir-se do novo, segundo a imagem do Criador (Cl. 3.19,10).

Paulo manifesta que em Cristo somos uma nova criação (2 Co. 5.17). No grego “καινη κτισις” (kainê ktisis) significa uma nova criação, ou nova criatura. E a nova criação que Deus fez é a Igreja, o corpo de Cristo, o novo Homem, formado com pessoas renascidas (Ef. 2.15,16). Ele também sente necessário que haja transformação mental para ser experimentada a perfeita vontade de Deus (Rm. 12.2). O novo nascimento concede-nos a mente de Cristo para pensarmos como Cristo (1 Co. 2.16).

A salvação não é alcançada pelas obras que o pecador possa realizar; mas torna-se realidade somente pela benignidade, amor, e misericórdia de Deus, mediante a acção do Espírito Santo que nos lava e renova para uma vida nova em Cristo; para que os que crêem em Deus procurem aplicar-se às boas obras como resultado da salvação (Tt. 3.4-8).

**Santificação**, do grego “αγιασμος” (agiasmos) tem o sentido de separar do pecado e consagrar ao serviço exclusivo de Deus. Significa sair da tutela de Satanás e ficar sob a soberania de Deus. Enquanto a justificação descreve o lado divino da santificação, a conversão descreve o lado humano que envolve a personalidade total, intelecto, emoções, e vontade. A conversão tem o sentido de volver, virar, voltar em sentido oposto. Quem se vestiu do novo homem deixa de ter motivos para manter o mesmo rumo. Uma nova criação, com a mente de Cristo, não está adequada aos velhos caminhos de pecado.

Deus aconselha Israel à conversão quando estiver em angústia; “porquanto o Senhor teu Deus é Deus misericordioso e não te desampará, nem te destruirá, nem se esquecerá do concerto que jurou a teus pais (Dt. 4.30,31). Deus exorta o povo a deixar os maus caminhos e a voltar-se para Ele; “Tornai para mim, diz o Senhor do Exércitos e eu tornarei para vós, diz o Senhor dos Exércitos” (Zc. 1.3,4). Ele envia pregadores para guiarem o povo à conversão (Lc. 1.16). O pecador, na conversão, alcança perdão e refrigério (Act. 3.19). Quem guiar alguém à conversão cobrirá uma multidão de pecados (Tg. 5.20). A conversão concede às pessoas o privilégio de servir o Deus vivo e verdadeiro (1 Ts. 1.9).

A santificação tem dois aspectos fundamentais: O interno que é operado pelo Espírito Santo, mediante a fé; e o externo, sendo operado progressivamente pela vontade e cooperação do indivíduo. A santificação interna é efectuada através da purificação de todos os pecados no momento da conversão, enquanto

a santificação externa consta de um processo contínuo que requer obediência pessoal aos padrões divinos.

A santificação procede do coração do Pai e torna-se real no instante da fé declarada no sacrifício do Filho (1 Pd. 1.2). Por conseguinte, a santificação é o resultado do sacrifício de Jesus e da fé da pessoa (Ef. 5.25,26). Acontece por acção do Espírito Santo naqueles que estão dispostos a isso porque “haveis sido santificados, e haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus” (1 Co. 6.11). A santificação consta da purificação das nossas consciências pela fé no valor do sangue de Cristo (Hb. 9.13,14).

A santificação externa é um processo de submissão constante aos propósitos divinos. Como está escrito: “Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus” (2 Co. 7.1). Se há um purgatório, onde podemos, e devemos, expurgar todo o pecado, é aqui na terra, enquanto vivemos neste tabernáculo de carne. Pois, a santificação é necessária para ver o Senhor (Hb. 12.14). Esta santificação passa pela consagração dos membros do meu corpo ao serviço de Deus e da justiça (Rm. 6.13,19) e procurar fazer tudo para glorificar a Deus (1 Co. 10.31,32). A santidade alcança-se e mantém-se pelo verdadeiro temor a Deus (1 Pd. 1.15-17).

Santificação é: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl. 2.20).

**A nova posição em Cristo.** A partir do novo nascimento recebemos o direito de ser chamados filhos de Deus (Jo. 1.12). É um acto do profundo amor de Deus adoptar pecadores imundos como Seus filhos (1 Jo. 3.1). Mas isto não acontece sem que o Pai nos purifique de toda a imundícia.

Filhos de Deus são aqueles que experimentam a transformação espiritual, definida como regeneração, e são adopta-

dos como filhos de Deus com todos os direitos (Gl. 4.4-7). Filhos de Deus são todos aqueles que se deixam guiar pelo Espírito Santo de Deus (Rm. 8.14). Além disso, temos o testemunho dentro de nós, porque o mesmo Espírito testemunha junto do nosso espírito de que somos filhos de Deus, e logo herdeiros também (Rm. 8.16,17). Os filhos de Deus são reconhecidos pelas mesmas características do Pai, porquanto está escrito: “Sede santos porque Eu sou santo” (1 Pd. 1.16).

João afirma que aquele que não pratica a justiça e não ama a seu irmão não é de Deus (1 Jo. 3.10). Se Deus é amor, os filhos devem demonstrar o mesmo amor, porque qualquer que ama como Deus é filho de Deus (1 Jo. 4.7). Mateus registou estas palavras de Cristo: “Amai a vossos inimigos, bendizei aos que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus” (Mt. 5.44,45). Sendo filho de Deus pertença à grande família dos santos de Deus (Ef. 2.19).

Juntos constituímos a morada de Deus em Espírito (Ef. 2.20). Jesus fez esta promessa: “Se alguém me ama guardará a minha palavra, e meu Pai o amará e viremos para ele e faremos nele morada” (Jo. 14.23). Eu amo e obedeço a Deus; logo, sou morada de Deus. Paulo diz que fomos comprados por bom preço para sermos templo do Espírito Santo (1 Co. 6.19,20). Portanto, devo sempre glorificar a Deus em meu corpo.

Somos vencedores porque maior é o que está em nós (1 Jo. 4.4). A soberania de Deus é um aspecto do seu domínio inalterável e eterno sobre a sua criação. A autoridade dos filhos de Deus começa na sua adopção como filhos, porque temos a autoridade do Pai (Jo. 1.12). Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e a nossa fé é que vence o mundo (1 Jo. 5.4). Podemos vencer a inclinação da carne pela submissão ao Espírito que está em nós (Gl. 5.16). O que é nascido de Deus não vive no pecado e o maligno não lhe toca (1 Jo. 5.18). Jesus concedeu-nos autoridade até sobre os demónios (Lc. 10.19).

Tiago aconselha-nos a resistir ao diabo e ele fugirá de nós (Tg. 4.7). O vocábulo usado para resistir é “αντιστητε” (antistêté) que significa permanecer em pé contra ele. Duas coisas temos de fazer para sairmos vencedores. Primeiro, sujeitamo-nos a Deus; então, resistimos ao diabo e seus demónios, permanecendo em pé pela fé, e eles fugirão de nós (cf. 1 Pd. 5.9). Aqui está a nossa vitória.

*E os que foram dispersos pela perseguição que sucedeu por causa de Estêvão caminharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a Palavra senão somente aos judeus.*

*E havia entre eles alguns varões chiprios e cirenenses, os quais, entrando em Antioquia, falaram aos gregos anunciando o Senhor Jesus. E a mão do Senhor era com eles e grande número creu e se converteu ao Senhor.*

*E chegou a fama destas coisas aos ouvidas da igreja que estavam em Jerusalém e enviaram Barnabé a Antioquia, o qual, quando chegou e viu a graça de Deus, se alegrou e exortou a todos a que permanecessem no Senhor com propósito de coração; porque era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé, e muita gente se uniu ao Senhor.*

*E partiu Barnabé para Tarso a buscar Saulo, e achando-o, o conduziu para Antioquia. E sucedeu que todo um ano se reuniram naquela igreja e ensinaram muita gente. E em Antioquia foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos. (Actos 11.19-26).*

## CAPÍTULO NOVE

### A IGREJA DE CRISTO

A doutrina da Igreja é de suprema importância, e conhecê-la deve ser do interesse de cada cristão, pois juntos formamos esse organismo vivo fundado por Cristo. A igreja é o conjunto das pessoas que foram chamadas por Deus a fim de iniciarem e manterem com Ele uma comunhão espiritual através de nosso Senhor Jesus Cristo. É o número dos redimidos pelo sangue do Cordeiro que esperam a volta do seu salvador para instaurar definitivamente o reino dos céus.

Erroneamente, o vocábulo passou a ser usado para designar os edifícios das reuniões da Igreja, e, mais recentemente, passou a servir para designar também as várias denominações existentes.

#### A NATUREZA DA IGREJA

A Igreja é compreendida à luz do significado dos vocábulos que a descrevem. “Εκκλησια” (ecclessia) é a palavra grega, e seus derivados, que aparece, tanto na tradução helénica do Antigo Testamento como no Novo Testamento, com o significado de igreja.

Séculos antes da tradução grega da Septuaginta, o termo na Grécia tinha conotação política. Era a assembleia dos cida-

dãos com direito a debater assuntos do interesse da sua cidade. As sessões dessa “ekklêssía” abriam com sacrifícios e orações às divindades da cidade.

Os escritos do A.T. seguem a mesma definição, mas com referência ao único Deus dos hebreus. Os LXX traduzem “קהל” (qahal) por, (ekklêssía, igreja), (synagogue, sinagoga) e (ochlos, multidão). Exemplos desta igreja no A.T. encontramos em Lv. 8.4: “Fez pois Moisés como o Senhor lhe ordenara e a congregação ajuntou-se à porta da tenda da congregação” (cf. Dt. 9.10; 18.16; Js. 18.1; Jz. 20.2; 21.8). Estêvão, na sua exposição histórica perante as autoridades, fez referência à igreja no deserto; e Lucas usou “ekklêssía” para designar esse povo no deserto (Act. 7.38).

#### Descrição da Igreja

“Ekklessía” significa uma assembleia formada por pessoas chamadas para fora. O povo de Israel foi chamado para fora da escravidão do Egito (Êx. 3.8-10). Nós fomos chamados para fora da escravidão do reino das trevas. Eis o que Jesus disse: “Eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento” (cf. Mt. 9.13; Mc. 2.17; Lc. 5.32). Por conseguinte, os membros que formam a Igreja de Deus são chamados por Deus, embora Ele use instrumentos humanos para atingir o seu objectivo. Assim está escrito: “Porque os que dantes conheceu também os predestinou,...e aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou” (Rm. 8.29,30; cf. Gl. 5.13; 1 Pd. 2.9).

A Igreja pode ser considerada de várias maneiras concernente à situação geográfica. Primeiramente ela é uma Igreja Universal, pois foi com essa finalidade que Cristo a fundou. Nós havemos chegado à Jerusalém celestial, à universal assembleia e igreja dos primogénitos, que estão inscritos nos céus (cf.

Hb. 12.22,23). Foi esta igreja universal que Jesus amou para se entregar ao sacrifício e dar a vida por ela (Ef. 5.24,25,32). Também Paulo se regozijava no que padecia pela igreja, cumprindo o resto das aflições de Cristo no seu corpo (Cl. 2.24.).

Os apóstolos falam também das igrejas regionais: As igrejas da Síria e Cilícia (Act. 15.41); as igrejas dos gentios (Rm. 16.4); as igrejas da Ásia (1 Co.16.19); as igrejas da Macedónia (2 Co. 8.1); as igrejas da Galácia (Gl. 1.2); e as igrejas da Judeia (Gl. 1.22). Sem dúvida que viveriam como uma família espiritual.

Mencionam também a igreja local numa cidade, como: Jerusalém, Antioquia, Corinto, Tessalónica, e as sete igrejas da Ásia (cf. Act. 11.22; 13.1; 1 Co. 1.2; 1 Ts. 1.1; Ap. 1.20). Neste caso são consideradas as igrejas nas casas. Priscila e Áquila reuniam uma igreja em sua casa (Rm. 16.5; 1 Co.16.20). Ninfá reunia uma igreja em sua casa (Cl. 4.15). Filemom reunia uma igreja em sua casa (Fm. 2).

A Igreja é de Deus, pertence-lhe por direito próprio. Foi Ele que a resgatou pagando com o sangue do seu amado Filho. Assim, temos várias denominações para a mesma Igreja: Igreja do Senhor (Act. 20.28); a Igreja de Deus (1 Co. 1.2; 15.9; 2 Co.1.1; Gl. 1.13; 1 Tm. 3.15); as igrejas de Deus (1 Co. 11.16; 1 Ts. 2.14). Temos ainda as igrejas de Cristo (Rom. 16.16). As igrejas são formadas por todos os santos resgatados pelo sangue do Cordeiro de Deus (1 Co. 14.33; Ef. 5.23,24).

## Descrição dos cristãos

Os cristãos são descritos por várias maneiras, o que nos ajuda a compreender a sua importância na sociedade. Observem-se algumas palavras que descrevem os cristãos.

**1. Eleitos.** “εκλεκτοι” (eklectoi) são os escolhidos do mundo. Cristo falou assim: “Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós e vos nomeei (Jo. 15.19). São os elei-

tos em Cristo antes da fundação do mundo (Ef. 1.4). “Porventura, não escolheu Deus os pobres deste mundo para serem ricos na fé?” (Tg. 2.5). Note que a fé é uma riqueza porque por ela haverá provisões suficientes e Deus honrará as suas promessas.

**2. Crentes.** “πιστοι” (pistois) São os crentes, fiéis e santos em Cristo (Ef. 1.1). São os crentes, santos, e irmãos (Cl. 1.2). São os crentes em Deus (1 Pd. 1.21). São os chamados, eleitos e fiéis (Ap. 17.14). Crentes são aqueles que, crendo em Deus, crêem também no Senhor Jesus como suficiente salvador e Senhor.

**3. Santos.** “αγιοι” (aguios) São os separados do pecado para a pureza e santidade de Deus. “Quantos males têm feito aos teus santos em Jerusalém (Act. 9.13). Pedro veio também aos santos que habitavam em Lida (Act. 9.32). Pedro, chamando os santos, apresentou-lhes a menina viva (Act. 9.41). Paulo encerrou muitos dos santos nas prisões (Act. 26.10). Os cristãos são instruídos a compartilhar com os santos nas suas necessidades (Rm. 12.13). Deus é de paz, como em todas as igrejas dos santos (1 Co. 14.33). Paulo dirige-se aos santos que estão em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus (Ef. 1.1). A prostituição e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém aos santos (Ef. 5.3).

**4. Irmãos.** “αδελφοι” (adelfoi) São os nascidos do mesmo pai, ou da mesma mãe. Os irmãos de Jesus procuraram-no para lhe falar (Mt. 12.47). Os irmãos em Jerusalém escreveram aos irmãos gentios as regras simples convencionadas em Jerusalém (Act. 15.23,28,29). Paulo manifestou o desejo de tornar a visitar os irmãos por todas as cidades (Act. 15.36). “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor (1 Co. 15.58). “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo” (Gl. 3.26). Quem não tem fé em Jesus não se tornou filho de Deus. Aos santos e irmãos fiéis em Cristo, que estão em Colossos (Col. 1.2). Irmãos, não faleis mal uns dos outros; (Tg. 4.11).



**5. Discípulos.** “μαθηται” (mathêtai) São aqueles que aprendem com o mestre. Jesus ensinava os seus discípulos (Mt. 5.1). Entrando Jesus no barco seus discípulos o seguiram (Mt. 8.23). Jesus convida: “Aprendeis de mim que sou manso e humilde” (Mt. 11.29). “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo. 13.35). A lição áurea do Mestre Jesus foi esta: AMAI-VOS. Esta é a marca do seu reino.

**6. Cristãos.** “χριστιανους” São aqueles que vivendo unidos a Cristo recebem dele o nome (Ef. 4.15). “Para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo. 6.68,69). Em Antioquia foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos (Act. 11.26).

## Ilustrações da Igreja

Jesus e os apóstolos usaram ilustrações para tornar compreensíveis muitas verdades espirituais. Valemo-nos das principais a fim de explicar a Igreja.

**1. Candelabro.** Esta é uma bela figura da Igreja de Cristo. Jesus ensinou que os seus discípulos são a luz do mundo, e que essa luz deve brilhar para todos a fim de glorificarem a Deus (Mt. 5.14,16). O Senhor revelou a João que os sete castiçais que ele tinha visto são as sete igrejas, símbolo da Igreja Universal, no meio das quais Cristo se move” (Ap. 1.20; 2.1). O Senhor revelou também que a perda do amor implica não haver luz; sendo, por isso, inútil ocupar esse lugar, o candelabro será retirado, se não houver arrependimento (Ap. 2.4,5). Jesus aconselhou vigilância para que “estejam cingidos os vossos lombos e acesas as vossas lâmpadas” (Lc. 12.35).

**2. Corpo de Cristo.** O corpo humano é a habitação da personalidade. Então, logo que fomos regenerados Cristo passou a habitar espiritualmente em nós (Jo. 16.23). Muitos membros, mas um só corpo; (1 Co. 12.12). O corpo de Cristo (1

Co.12.27). Ele é a cabeça do corpo (Ef. 1.22,23). Ele deu ministérios para edificação do corpo (Ef. 4.12). Somos membros do seu corpo (Ef. 5.30). Os membros dependem da cabeça para orientação, assim como a cabeça depende dos membros para as realizações.

**3. Noiva de Cristo.** São todos os santos, quais virgens puras, que estão esperando a sua união com Cristo no céu. O Senhor prometeu voltar e levar-nos para si mesmo” (Jo. 14.2,3). Porque Ele amou deus a vida pela noiva (Ef. 5.25-27). João viu a cidade santa, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu como uma noiva “νυνφη” (nynfê) preparada para o seu marido (Ap. 21.2). No verso nove conta que um dos anjos lhe mostrou a noiva, a mulher “γυνη” (guinê) do Cordeiro. “Porque vindas são as bodas do Cordeiro e já a sua esposa “γυνη” se aprontou” (Ap. 19.7).

**4. Pedra preciosa.** O Senhor revelou ser semelhante a uma pérola, ou, “μαργαριτην” (margaritên) pela qual despendeu tudo quanto tinha a fim de comprá-la (Mt.13.46). E foi revelado a João que a grande cidade, a santa Jerusalém, que descia do céu, tinha a glória de Deus e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima (Ap. 21.10,11). E as suas portas eram doze pérolas de grande valor (Ap. 21.21).

**5. Rebanho.** É o símbolo da unidade. Os santos na terra vivem unidos pelo Espírito em submissão ao Sumo Pastor e Bispo das suas almas (1 Pd. 2.25), o qual guia, cuida e protege os que são seus. O salmista canta com muita confiança: “O Senhor é o meu pastor e nada me faltará” (Sl. 23). E nós confiamos também que nada nos faltará porque Ele é fiel às suas promessas.

**6. Templo de Deus.** “ναος” (naos) era o lugar santíssimo, no Templo, onde Deus habitava e as pessoas podiam encontrá-lo. É diferente de “ιερος” (ieros) o edifício total. Os santos são o lugar santíssimo para Deus (1 Co. 3.16). Este templo é santo porque é habitado pelo Santo (1 Co.3.17). É o templo do Espírito Santo (1 Co. 6.19). É o Templo do Deus vivo (2 Co.

6.16). Nós somos edificados sobre o fundamento de Cristo e dos apóstolos para morada de Deus (Ef. 2.22). Por isso deseja que conservemos a santidade.

**7. Varas na cepa.** Esta é uma bela figura da união com Cristo e do cuidado que o Pai depende com todos; “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda a vara em mim que não dá fruto a tira; e limpa toda aquela que dá fruto para que dê mais fruto. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado (Jo. 15.1-3).

## A FUNDAÇÃO DA IGREJA

O mártir Estêvão mencionou os saídos do Egito como “a igreja no deserto,” a qual fora escolhida por Deus para cumprir uma missão especial (Act. 7.38). Porém, faliu nessa missão. O Senhor Jesus fundou outra igreja a quem entregou a missão de proclamar o reino de Deus por toda a parte (Mt. 16.18).

**O Fundamento da Igreja** é o próprio fundador. Por conseguinte, a pedra basilar é Cristo, seguida pelo fundamento apostólico (Ef. 2.20). Os cristãos são também considerados pedras vivas na edificação da casa espiritual de Deus (1 Pd. 2.4,5). Os bons fundamentos são as doutrinas apostólicas que eles nos legaram por escrito. E, no princípio, perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações (Act. 2.42). Assim deve ser continuamente entre nós.

Os membros da Igreja são todos os que crêem em Cristo Act. 5.14; O requisito apostólico exigido era: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa” (Act. 16.31). São aqueles que confessam verbal e publicamente a sua fé. Pois, “se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo” (Rm. 10.9). São batizados em água conforme o exemplo do seu fundador. “Disse-lhes Pedro: arrependei-vos e sede batizados em

em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados” (Act. 2.38). Na casa de Cornélio, Pedro ordenou que os crentes fossem batizados (Act.10.48). Os membros da Igreja demonstram o fruto do Espírito Santo como sinal da presença de Cristo (Gl. 5.22). Os membros da Igreja estão ocupados no ministério da reconciliação (2 Co. 5.18).

**As características da Igreja** são todas as coisas que a mesma possui e a distinguem no mundo. Estando no mundo, não é deste mundo porque está separada do mundo e consagrada ao serviço exclusivo de Deus (Jo. 17.16).

**1.** A Igreja é um organismo vivo, assim como um corpo vivo, composto por células, em renovação e crescimento constante. Em cooperação, ela multiplica-se enchendo a terra do conhecimento de Deus (Act. 5.14; 17.6).

**2.** A Igreja é santa, como é santo o seu fundador. Cristo amou a Igreja e entregou-se por ela para a santificar (Ef. 5.27). Pedro aconselha-nos a ser santos em toda a maneira de viver, como é santo aquele que nos chamou (1 Pd. 1.15). Por isso, os escritores dirigiam as suas cartas aos santos existentes nas cidades. Por exemplo: “Paulo, aos santos que estão em Éfeso” (Ef. 1.1). “Aos santificados em Cristo Jesus” (1 Co. 1.2).

**3.** A Igreja é uma comunhão universal. Como Jesus pediu ao Pai: “que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste (Jo. 17. 22,23). A comunhão para ser perfeita tem de ser trilateral; isto é, deve existir na forma triangular, com o Pai, com o Filho, e com os irmãos, morada do Espírito Santo (1 Jo. 1.3). Esta comunhão é possível mediante a reconciliação universal, cujo ministério foi entregue à Igreja (2 Co. 5.19).

**4.** É a grande família de Deus, onde não há graus de parentesco, mas todos são irmãos, nascidos do mesmo Pai do céu (Ef. 2.19). E, como família que é, os membros cuidam uns dos outros de modo a suprir as suas faltas.

5. Finalmente, as grandes marcas da Igreja cristã são: Fé, Esperança, Amor, mas a maior é o Amor “*αγαπη*” (ágape) (1 Co. 13.13). Porque Deus é amor, quem ama é nascido de Deus, e conhece a Deus, e Deus está nele; quem não ama não é nascido de Deus, não conhece a Deus, e Deus não está nele (1 Jo. 4.7, 8,12).

## O SERVIÇO DA IGREJA

Quando Jesus chamou os discípulos entregou-lhes a missão de anunciar em todos os lugares a chegada do reino de Deus e de operar sinais confirmativos dessa mesma realidade (Mt. 10.7,8. Mc.16.15,17). Eis o seu exemplo para os nossos dias:

Eles eram o sal da terra e a luz do mundo com a sua influência na sociedade (Mt.5.13-16). Por causa da sua comunhão caíram na graça do povo (Act. 2.47). Eram todos um coração e uma alma compartilhando das necessidades (Act. 4.32). Eram imitadores dos apóstolos no seu testemunho activo (1 Ts. 1.6,7). Proclamavam diariamente a morte e a ressurreição de Cristo, como Ele havia ordenado (Lc. 24.47,48; Act. 3.15). Eram testemunhas destemidas e fiéis (Act. 4.33; 8.4,5). Eles eram pregadores fiéis à mensagem recebida (Act. 10.39-42; 1 Co. 2.2; 15.3,4, 15,20).

Finalmente, conquistaram o mundo com o seu testemunho (Act. 17.6). A sua mensagem era Cristo crucificado, morto e ressuscitado (1 Co. 2.2; 15.3,4). Era o Cristo vivo na Igreja e o reino de Deus na terra (Act. 8.12; 20.25; 28.23,31). Paulo esclarecia que o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm. 14.17). O reino de Deus consta da presença do Espírito de Deus nos corações humanos governando todas as suas acções. É no coração do homem que Deus quer ter o seu gabinete para dirigir a sua vida.

## AS ORDENANÇAS DA IGREJA

Não sendo o cristianismo uma religião ritualista tem, contudo, duas cerimónias de suprema importância, como dois sacramentos ordenados pelo Senhor, que marcam o começo e a permanência na identificação com Cristo.

**O Baptismo**, ordenado por Cristo, testemunha publicamente da nossa fé nele. A ordem do Senhor foi a seguinte: “Ide, discipulai, baptizai, e ensinai (Mt. 28.19,20). Esta é a ordem que deve ser praticada em todos os lugares. O baptismo é símbolo da morte e da sepultura da velha natureza (Rm. 6.3-5). O baptismo é somente para adultos arrependidos e responsáveis (Act. 2.38; 8.12; 16.33).

O baptismo é celebrado por imersão em água, conforme o sentido real do grego. Em Lucas 16.24 encontramos uma bela ilustração do baptismo: “Manda a Lázaro que molhe a ponta do seu dedo e me refresque a língua” Ali é usado o imperativo de “*βαπτίζω*” (baptizô) para dizer que mergulhe a ponta do seu dedo. Em Mateus 3.11, onde, nalgumas versões se lê “eu vos baptizo com água” deve ler-se “eu vos baptizo em água” em virtude da preposição ali existente ser “*εν*” cujo significado primário é (em) com o sentido de estar dentro. Lemos que João baptizava junto a Salim porque havia ali muitas águas (Jo. 3.23). Está escrito que Filipe e o eunuco desceram ambos à água para realizar o baptismo (Act. 8.38,39. As preposições ali usadas são “*εις*” (éis) significando movimento para dentro; a outra é “*εκ*” (ék) que quer dizer movimento para fora.

É celebrado em submissão a Cristo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo (Mt. 28.19). Ser baptizado em nome de Jesus significa que a pessoa se identifica na sua morte. O uso da fórmula trinitária descreve a comunhão com as três pessoas da Trindade, tal como na bênção apostólica (2 Co. 13.13). Esta prática é confirmada pelo “*διδαχη*” (didachê), documento do início do 2º século que significa instrução.

A **Santa Ceia** é o maior sermão ilustrado pregado pelo Senhor Jesus e deixado como exemplo para a sua Igreja. Ela contém a mensagem total, entregue aos apóstolos, para salvação de todos os que creem. A Santa Ceia fala da experiência do Calvário, da ressurreição do Senhor e da Sua volta (Mt. 26.26-29). Foi ordenada por Cristo como memorial até que volte (Lc. 22.19,20). É o sinal da Nova Aliança que Deus fez conosco na cruz (Mt. 26.28; 1 Co. 11.25).

Os primitivos cristãos celebravam-na semanalmente no primeiro dia da semana, em memória da ressurreição; ali só eram admitidos os batizados, considerados aptos para estar à mesa do Senhor (cf. Mc.16.9,16; Jo. 20.19,26). Era-lhes exigido arrependimento e batismo (Act. 2.38). “E no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão” (Act. 20.7).

Justino mártir, escritor do século II, na Primeira Apologia confirma a prática da Igreja: “Mas nós, depois termos lavado aquele que tem sido convencido e consentido com o nosso ensino, levamo-lo ao lugar onde aqueles que são chamados irmãos estão em assembleia, de maneira que possamos oferecer orações por nós próprios e pela pessoa batizada...E este alimento é chamado entre nós eucaristia, da qual a ninguém é permitido participar senão aquele que crê que coisas que ensinamos são verdade, e tem sido lavado com a lavagem para remissão dos pecados...”

A Santa Ceia era observada pela Igreja apostólica com pão e vinho para todos os cristãos (Act. 2.42; 1 Co. 11.23,24). Ora, a expressão usada por Marcos é esta: “Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da vide até àquele dia em que o beberei novo “καινον” (kainon) no reino de Deus.” Mateus e Lucas usam “já não beberei o fruto da vide até que venha o reino de Deus.” Mas, em Mateus há uma variante que condiz com Marcos; “em que o beba novo convosco no reino de meu Pai” (Mt. 26.29).

A Santa Ceia sugere a comunhão existente entre Cristo e a Sua Igreja (1 Co. 10.16). Sugere a vida nova que o crente passou a viver com Cristo (Rm. 6.4; 2 Co. 5.17). Sugere a esperança na segunda vinda de Cristo e a efectivação do reino de Deus para sempre (Mt. 26.29; Mc. 14.25; Lc. 22.18).

A fim de participar dela, o cristão é aconselhado a examinar-se pessoalmente, com antecipação, para não sofrer graves danos espirituais (1 Co. 11.28).

## O CULTO DA IGREJA

A Igreja tem por missão primária cultuar a Deus, seu Criador, Salvador e Provedor. O segundo aspecto consta da pregação do evangelho do reino, e de ensinar as verdades apostólicas concernentes à vida cristã. O propósito de Jesus é: “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás” (Mt. 4.10).

**Louvor e adoração** é a primeira referência de culto pela Igreja existente em Actos 2.46. Por aqui se depreende que haveria duas espécies de reunião. Diariamente, entravam no templo, porque eram judeus e ali adoravam ao verdadeiro Deus. Nas casas celebravam o memorial da santa ceia, porque não podiam fazê-lo no templo, e comentavam sobre o Senhor Jesus Cristo.

Várias expressões de louvor e adoração encontram-se no livro dos salmos. Do salmo 95 extraímos esta: “Vinde, cantemos ao Senhor, cantemos com júbilo à rocha da nossa salvação. Apresentemo-nos ante a sua face com louvores e celebremo-lo com salmos, porque o Senhor é Deus grande e Rei grande” (Sl. 95.1-3). No salmo 117 lê-se assim: “Louvai ao Senhor todas as nações, louvai-o todos os povos; porque a sua benignidade é grande para conosco e a verdade do Senhor é para sempre. Louvai ao Senhor.” Todas as expressões de louvor são “aleluia”.

Importa que a Igreja adore em espírito e em verdade, porque Deus busca ser assim adorado (Jo. 4.23,24). Para isto parece-nos uma boa explicação a referência de Jesus ao profeta Isaías que diz: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mc. 7.6; Is. 29.13). Há ainda necessidade que a igreja se congregue num lugar para adoração conjunta (1 Co. 14.26). Uma norma simples das reuniões cristãs primitivas encontra-se naquele trecho entre os versos 26 e o 33. O culto deve conter cânticos, doutrina, revelação, língua, interpretação, e profecia, visando a edificação de todos. Mas, falem somente dois ou três, não mais. As línguas devem ser interpretadas de forma a edificar a igreja (1 Co.14.27).

Deve haver lugar para os pecadores ouvirem a mensagem da salvação; e perante esses não é aconselhado falar em línguas estranhas, porque não entendem (1 Co. 14.24,25). O lugar das mulheres no culto cristão era estarem atentas, sem tagarelar umas com as outras, perturbando deste modo o culto, com interrogatórios sobre o que não entendiam (1 Co. 14.34-36). Isto não significa que está vedado à mulher orar e proclamar a Palavra de Deus. Porém, tudo deve ser feito com decência e ordem. A congregação regular dos cristãos tem ainda a finalidade de promover e estimular o amor fraternal e a prática das boas obras entre todos (Hb.10.25).

**Pregação e ensino** é a segunda parte da reunião dos cristãos que tem duas finalidades: A edificação pessoal de cada cristão participante e a edificação da igreja com novas conversões. A Igreja apostólica, todos os dias, no templo e nas casas, não cessava de ensinar e de anunciar a Jesus Cristo (Act. 5.42).

A pregação tem por finalidade produzir fé nos ouvintes; porque a fé vem por ouvir a Palavra de Deus (Rm. 10.17). O conteúdo da pregação deve ser sempre Cristo crucificado e resurreto, conforme o testemunho de Paulo (1 Co. 2.1,2; 15.3,4). A pregação do sacrifício de Cristo visa sempre o arrependimento do pecado, conforme instruções do próprio Senhor (Lc.

24.46-48). A pregação de Paulo visava a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo (Act. 20.20,21). Só pela conversão o Espírito Santo de Deus vem habitar nos corações humanos para Ele poder reinar em suas vidas.

O ensino deve conter todo o conselho acerca do reino de Deus, conforme Paulo justifica perante os presbíteros da igreja de Éfeso (Act. 20.25-27). Jesus ordenou que se instruassem os discípulos a guardar todas as coisas que Ele ensinou (Mt. 28.20). O ensino deve ser efectuado por pessoas vocacionadas por Deus, visando o aperfeiçoamento dos santos para cumprimento do seu ministério no corpo de Cristo (Ef. 4.11-14).

## A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

Deus não é de confusão, mas de ordem. Temos um maravilhoso exemplo no universo. Tudo obedece a normas estabelecidas pelo Criador. Não haveria de ser diferente na sua nova criação, a Igreja. Todavia, Jesus não fundou uma organização eclesiástica. Ele criou um organismo vivo, com a Sua presença, em obediência a princípios divinos, a fim de prevalecer sobre o império das trevas e da maldade.

Com o crescimento da Igreja fez-se sentir a necessidade de recrutar pessoas dedicadas para ajudarem nas tarefas espirituais e sociais da mesma. E onde há pessoas servindo deve haver quem as lidere, para que o seu serviço seja harmonioso e sem atropelos. Isto é, cada grupo de serviço deve possuir a sua liderança, por sua vez também sujeita a uma liderança superior, que culmina no Senhor Jesus, o supremo Líder (cf. 1 Co. 12.28).

O primeiro exemplo de organização foi dado pelos conselhos de Jetro, o sogro de Moisés, a fim de aliviá-lo da pesada carga que sozinho suportava na liderança do povo (Êx. 18.20,22). O segundo exemplo, embora visasse exclusivamente

facilitar a distribuição dos pães e dos peixes, é dado pelos relatos de Marcos e Lucas: (Mc. 6.39,40 e Lc. 9.13-15). Ambos ordenaram grupos para haver melhor liderança. Há, todavia, uma condição imposta por Jesus, o supremo líder: Os primeiros serão servos de todos (Mc. 9.35). Pois, quem não vive para servir não serve para viver.

Os apóstolos fizeram eleger uma equipa de ajudantes que aliviasses a sua tarefa (Act. 6.2-4). Eles deviam dedicar-se primariamente ao estudo da Palavra e à oração. Mais tarde foram eleitos presbíteros em cada igreja para que cuidassem do rebanho enquanto os apóstolos viajavam na sua missão (Act. 14.23). Paulo aconselhou a Tito para que em cada cidade estabelecesse presbíteros capazes, com formação moral, social e teológica, a fim de cuidarem do povo do Senhor (Tt. 1.5-9).

O relacionamento das igrejas locais foi sempre de cooperação (Rm. 15.26,27; 2 Co. 8.4; 2 Cor. 11.8; Fp. 2.25). Jamais alguém deverá dizer: “Não preciso de ti” porque todos os membros são necessários ao corpo (1 Co. 12.20-22).

### O ministério da Igreja

Tomamos como base para o nosso estudo a primeira epístola aos coríntios em virtude de Paulo procurar, através dela, corrigir anomalias existentes naquela igreja. Uma lista encontra-se em 1 Co. 12.28, outra em Ef. 4.11, e ainda Rm. 12.6-8.

Há ministérios proféticos empenhados na mensagem de Deus para o povo. Aquilo que têm a dizer deve ser dito com fidelidade às Sagradas Escrituras e na direcção do Espírito Santo. Contudo, ninguém tem domínio sobre a fé dos outros, mas serve-lhes de exemplo (cf. 2 Co. 1.24. 1 Pd. 5.5).

E há ministérios que servem de apoio àqueles. O primeiro exemplo encontra-se em Actos 6.1-4, quando os apóstolos fizeram eleger alguns homens para os ajudar. Ambas as classes operam na

igreja local para bom funcionamento da mesma. Ninguém deve desprezar algum deles para seu próprio bem e da igreja.

**Apóstolos**, foram os primeiros eleitos pelo Senhor, a quem Ele entregou a missão de encher a terra com o seu testemunho (Mt. 10.1-4). Tiveram uma experiência pessoal com Cristo e foram testemunhas oculares dos seus feitos (Act. 1.21,22). Há no N. T. setenta e nove referências aos apóstolos que merecem atenção.

O vocábulo “apóstolo” (αποστολος) é de origem grega, e tem o mesmo significado que missionário, que é de origem latina. É aquele que se desloca para missões externas, levando o conhecimento de Deus a outros povos.

Após passar uma noite em oração, Jesus ajuntou os seus discípulos e escolheu doze deles a quem chamou apóstolos (Lc. 6.12,13; Act. 1.2). Então enviou “αποστειλω” (apostélo, vb. enviar) estes doze a pregar, dizendo: “É chegado o reino dos céus” (Mt. 10.5). Esta foi sempre a sua mensagem.

A igreja primitiva teve outros apóstolos, escolhidos e enviados pelo Espírito Santo, e aceites pelas igrejas. Em Jerusalém “Disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado (Act. 13.2,4). Paulo reconhece-se pregador, e apóstolo, e mestre dos gentios (2 Tm. 1.11). As suas credenciais eram os sinais evidentes (1 Co. 9.1). Ele disse: “Os sinais do meu apostolado foram manifestados entre vós com toda a paciência, por sinais, prodígios e maravilhas” (2 Co. 12.12). Em 2 Co. 8.23 lê-se no grego: “Quanto a nossos irmãos são (apóstolos) das igrejas e glória de Cristo.” Epafrodito é chamado por Paulo “vosso enviado (apóstolo) para prover as minhas necessidades” (Fp. 2.25).

**Profetas**, é um ministério que pode ser cumprido por qualquer dos outros desde que seja recebida a revelação do Espírito Santo. Jerusalém tinha profetas activos que proviam conselhos de Deus para edificação da igreja (Act.11.27-30; 15.32; 21.10,11). Em Antioquia havia profetas e doutores que conse-

lharam sobre a missão de Barnabé e Saulo (Act. 13.1,2). O profetas devem ter o cuidado de edificar, consolar, e aconselhar, onde quer que estejam (1 Co. 14.3,24). O dom profético ainda não terminou, mas deve ser ordenado e julgado pelos outros (1 Co. 14.29-33).

**Mestres**, é um ministério que conta com o dom da exposição da Palavra; e, tal como os apóstolos e profetas, viajavam ensinando as verdades bíblicas ao povo (Act.11.26). O Senhor Jesus era tratado por Mestre “διδασκαλος” (didaskalos) (cf. Mt. 8.19). A origem da palavra prova que o mestre tem de ser didático, ou, capacitado para ensinar. Entre as cinquenta e nove referências deste vocábulo no N.T., quarenta e duas delas dizem respeito a Cristo. Paulo considerava-se pregador, apóstolo, e mestre dos gentios (2 Tm. 1.11).

Neste ministério encontram-se também os presbíteros-bispos, que são os pastores, e têm a missão de vigiar, apascentar o rebanho com alimento adequado, e protegê-lo das falsas doutrinas (Act. 20.28-30). Têm que ser mestres na apresentação do alimento, ou o povo ficará faminto e enganado. Paulo aconselha que esta missão deve ser confiada “a homens fiéis, que sejam idóneos para também ensinarem outros” (2 Tm. 2.2).

**Milagres.** Este ministério esteve activo no Antigo Testamento, especialmente com Elias e Eliseu. Quando o Senhor nomeou os doze apóstolos ordenou-lhes que fossem aos perdidos de Israel dizendo: “É chegado o reino dos céus. Curai enfermos, limpai leprosos, ressuscitai mortos, expulsai demónios; de graça recebestes de graça daí.” (Mt. 10.6-8).

Juntamente com dons de curas, este ministério adapta-se bem ao evangelista, assim como Filipe, que atrai as pessoas para o ouvir e se renderem ao Senhor (Act. 8.5-7). Pedro comprovou-o curando um paralítico em nome de Jesus (Act. 3.6,7). Note-se que Paulo é o modelo do evangelista que viaja fundando muitas igrejas por toda a parte (2 Co. 12.12).

Por conseguinte, este ministério pode muito bem estar integrado noutro qualquer. Este ministério ainda está activo na Igreja por acção do Espírito Santo (1 Co.12.9).

**Socorros**, é um ministério que, pelo termo usado, verificamos ser de carácter social, auxiliando aos que estão na linha da frente, mas operando de forma espiritual como os demais (cf. Act. 6.3). Este termo socorros ocorre somente em 1 Co.12.28. Porém, a sua função está clara nos ajudantes dos apóstolos; sobretudo, Paulo menciona alguns deles.

Temos uma grande lista em Romanos 16. Dentre todos, pelo menos estes: Febe, v.1. Priscila e Áquila, v.3. Maria, v.6. Andrónico e Junia, v.7. Urbano, v.9. Apeles, v.10. Trifena e Trifosa; Pérsida, v.12. Rufo, v.13. Timóteo, Tércio, e Gaio; vv. 21-23. Comparar ainda 1 Co. 16.15-18.

Estes parecem ser os diáconos mencionados noutros lugares da Escritura porque servem a igreja dedicadamente. Além disso, quando diz, “servem”, é mencionado o verbo grego “δικονεω”, derivado de “diácono”. “Porque os que servirem bem como diáconos adquirirão para si uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus” (cf. 1 Tm. 3.13).

Aos diáconos são exigidos os mesmos atributos espirituais quanto aos outros ministros: “Convém que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar,” etc. da mesma sorte os diáconos e as mulheres” (cf. 1 Tm. 3.2,8,11).

**Governos.** A única vez que aparece esta palavra é em 1 Co. 12.28. O vocábulo grego “κυβερνησεις” (kybernêsseis) tem o sentido de pilotagem, sendo usada, com este sentido, uma derivada para mencionar o piloto do barco que transportava Paulo a Roma ( cf. Act. 27.11). Desta derivou o nosso verbo governar.

Não é difícil concluir que o piloto duma igreja local seja o pastor local, eleito pela mesma igreja local. Conforme está explícito acima, em Mestres, é ele quem conhece o caminho

pelo qual deve conduzir o povo que Deus colocou sob a sua responsabilidade (cf. Act. 20.28).

Observem-se alguns sinónimos para esclarecimento: Em 1 Ts. 5.12, Paulo recomenda “aqueles que trabalham entre vós, presidem e admoestam no Senhor.” Em Hebreus 13.7,17,24, o autor aconselha obediência aos “vossos pastores” ou vossos guias, como no original.

**Línguas e interpretação.** No mundo romano falavam-se várias línguas e havia necessidade de intérpretes que tornassem a mensagem compreensível (cf. Act. 2.7-11). Estes também foram concedidos pelo Senhor à Igreja por acção do Espírito Santo. O conselho de Paulo à igreja é que, se não houver intérprete ninguém fale na igreja em língua estranha, porque ninguém o entende (cf. 1 Co. 14. 27, 28). O apóstolo prefere falar na igreja cinco palavras inteligíveis que possam instruir os outros, do que dez mil em língua desconhecida.” Além disso, avisa que os infiéis presentes dirão que estarão loucos (cf. 1 Co. 14.18-20,23). Portanto, deve haver o cuidado de fazer tudo para edificação da igreja; (v. 26). As línguas desconhecidas são úteis somente no louvor pessoal, porque dirigindo louvores a Deus são por Ele entendidas (cf. 1 Co. 14.2).

“Portanto, irmãos, procurai com zelo profetizar, e não proibais falar línguas. Mas faça-se tudo decentemente e com ordem” (1 Co. 14.39,40).

## A DISCIPLINA NA IGREJA

A Igreja é o povo de Deus e, como tal, deve ser bem ordenada, assim como o seu Senhor o é. Porque Deus não é de confusão, mas de paz e de ordem. Um povo disciplinado procura que tudo contribua para glória de Deus (1 Co. 14.33,40). Só em Hebreus 12.5-11 aparecem oito vezes o substantivo e o verbo gregos referentes à disciplina. O mesmo vocábulo “ $\pi\alpha\iota-$

$\delta\epsilon\upsilon\omega$ ” (paidéuô) é traduzido noutros lugares da Bíblia por instruir, ensinar, aprender, repreender, e castigar.

## Disciplina pelo ensino

**1.** A prevenção divina é o melhor para os filhos. Paulo atesta que toda a Escritura é divinamente inspirada para instruir em justiça, isto é, disciplinar com instrução (2 Tm. 3.16). O principal meio de disciplina é ensinar pelas Sagradas Escrituras a renunciar à impiedade (Tt. 2.12). Assim, somos disciplinados pelo Senhor para não sermos condenados com o mundo (1 Co. 11.32). Além disso, o Senhor deu à igreja ministérios de ensino visando a disciplina pela instrução (1 Tm. 3.2; Tt. 1.5,9; 2.1; 3.1). Todos os membros do corpo devem sentir este zelo de prevenção pelo estímulo mútuo (Hb. 10.24). Paulo aconselha esta prevenção: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas, porque fazendo isto te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem” (1 Tm. 4.16).

**2.** A terapia divina é a acção correctiva que Deus registou nas Escrituras. O Pai celestial tem extremo cuidado dos seus filhos, à semelhança dos nossos pais (Hb. 12.5-8). Paulo exorta Timóteo e Tito para que corrijam com mansidão os desordenados (2 Tm. 2.24,25; 4.1,2; Tt. 2.15). As Escrituras ensinam-nos como aplicar adequadamente esta terapia:

- a) No caso de ofensa pessoal, deve-se procurar o ofendido e esclarecer com ele o facto visando o perdão (Mt. 18.15-22).
- b) Em caso de tentação, ou queda, Paulo aconselha que “os espirituais devem encaminhar o tal com espírito de mansidão;” Levando as cargas uns dos outros cumprimos a lei de Cristo (Gl. 6.1. Rm. 15.1).
- c) Em caso de desobediência devem, primeiro, ser admoestados os desordeiros (1 Ts. 5.14). Se não se corrigir deve ser apartado, visando o arrependimento; (2



Ts. 3.6,14,15). Porém, tudo deve ser feito com amor visando a recuperação do faltoso.

### **Disciplina por sanções**

No caso de imoralidade permanente o tal deve ser expulso (1 Co. 5.1-13). O remédio é tirar a fruta podre para não estragar a restante. Porém, o verso onze menciona outros factos que merecem ser considerados, juntamente com os versos dez e onze do capítulo seis. Como tratar com os aventos, idólatras, maldizentes, e beberrões, os quais não herdarão o reino de Deus?

No caso de heresia, primeiro é preciso definir o que é heresia em relação às doutrinas cristãs. Nem tudo é considerado heresia. Paulo aconselha que o homem herege, depois de uma e outra admoestação, deve ser evitado (Tt. 3.10,11). João diz que “todo aquele se rebela, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus” (2 Jo. 9-10). Finalmente, Paulo aconselha “que noteis os que promovem dissensões e escândalos, contra a doutrina que aprendestes; desviái-vos deles (Rm.16.17,18). Em qualquer caso o alvo é sempre recuperar o afastado (Tg. 19,20).

### **O FUTURO DA IGREJA**

Quando chegar o tempo determinado a Igreja será chamada a encontrar-se com o seu Senhor nos ares, e ficará para sempre com Ele. Dele temos a promessa: “Na casa de meu Pai há muitas moradas...vou preparar-vos lugar...virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também” (Jo. 14.2,3). A confirmação foi dada pelos anjos que disseram: “Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há-de vir assim como para o céu o vistes ir” (Act. 1.11).

Considerando esta realidade “Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demo-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cor-

deiro, e já a sua esposa se aprontou” (Ap. 19.7). Porque “os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim, estaremos sempre com o Senhor” (1 Ts. 4.16,17).

À semelhança de Abraão esperamos “a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus” (Hb. 11.10). “Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura” (Hb. 13.14). “A nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp. 3.20). Jesus mostrou a João esta cidade cujos fundamentos são pedras preciosas, as portas são doze pérolas, e a praça da cidade de ouro puro como vidro transparente (Ap. 21.19-21).

“Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas” (Ap. 22.14).

### **ORAÇÃO**

*“Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a Tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das Tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado.*

*“Purifica-me com hissope e ficarei puro; lava-me e ficarei mais alvo do que a neve. Faz-me ouvir júbilo e alegria, para que gozem os ossos que Tu quebraste. Esconde a Tua face dos meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades. Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito recto. Não me lances fora da Tua presença, e não retires de mim o Teu Espírito Santo.”*

*(Salmo 51)*

## CAPÍTULO DEZ

### O ESPÍRITO SANTO

A doutrina do Espírito Santo ocupa lugar de relevo nas Sagradas Escrituras. Todas as obras de Deus são realizadas por acção do Espírito Santo. O Antigo Testamento inicia o seu relato com a função do Espírito. O Novo Testamento também começa o seu relato com a acção do Espírito Santo. Não é possível um cristianismo vivo sem a presença e a obra do Espírito Santo na vida de cada cristão. Inácio, grande pastor da Igreja primitiva disse o seguinte: “A graça do Espírito põe a maquinaria da redenção em conexão vital com a alma. Aparte do Espírito, a cruz permanece inerte, uma imensa máquina em ponto morto, e em volta dessa permanecem inertes as pedras do edifício”.

Existem três fontes responsáveis pelas doutrinas teológicas, as quais é preciso reconhecer para não ser enganado com ensinamentos não provenientes de Deus que são as seguintes:

**a)** O espírito humano, que tem influência na formulação de certas doutrinas chamadas por Jesus preceitos de homens (Mt. 15.9). Paulo tem a mesma definição para isto, ao dizer que as doutrinas dos homens têm alguma aparência de sabedoria, mas sem algum valor (Cl. 2.20-23; 2 Tm. 4.3; 6.3).

**b)** O espírito satânico, que está sempre muito activo inspirando as suas doutrinas dando aos seus ministros uma aparên-

cia de justiça, enganando assim os desprevenidos (2 Co. 11.13-15).

**c)** O Espírito Santo, que é responsável, tanto pela inspiração das Escrituras, como pela iluminação para a sua interpretação com vista à formulação de doutrinas correctas (2 Pd. 1.20,21; Jo. 14.26). Todos devemos depender do Espírito Santo a fim de conhecer a verdade. Pois é Ele quem nos guia em toda a verdade (Jo. 14.17,26; 16.13).

#### NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo não deve ser tomado como simples instrumento, ou uma influência de Deus. Ele é uma pessoa divina distinta, que faz parte da Trindade unida. É mencionado conjuntamente nas Escrituras com as outras duas pessoas, como por exemplo: “Baptizai em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt. 28.19). Jesus apresenta-o como uma pessoa consoladora que ficaria no seu lugar (Jo. 14.16, 26).

A Sua personalidade é notada na manifestação das mesmas características dos humanos. É difícil definir a personalidade do Espírito Santo porque Deus não foi criado à imagem do homem, mas este foi criado à imagem de Deus. Todavia, devemos tomar em consideração que os três elementos básicos da personalidade são inteligência, emoções, e vontade. E o Espírito Santo manifesta as mesmas características que as pessoas humanas.

Ele possui inteligência porque ajuda as nossas fraquezas, tem intenções, e intercede pelos santos (Rm. 8.26,27). Ele tem emoções porque pode entristecer-se por nossas acções (Ef. 4.30). Ele tem vontade própria porque reparte os dons a cada um conforme a sua vontade (1 Co. 12.11).

Os Seus atributos atestam a Sua divindade porque mais ninguém pode reuni-los sem ao mesmo tempo ser Deus. Os atributos exclusivos de Deus são ao mesmo tempo do Espírito

Santo, o que prova ser uma pessoa divina, e não meramente uma força ou influência de Deus.

O Espírito é **eterno** porque desde o princípio se movia sobre as águas (Gn. 1.2). As Escrituras declaram que Cristo se ofereceu pelo Espírito eterno (Hb. 9.14). O Espírito é **Omnipresente** porque não há esconderijo possível da Sua presença. David fez esta confissão: “Para onde me irei do teu Espírito? Ou para onde fugirei da tua face?” (cf. Sl. 139.7-10). Ele é **Omnipotente** porque, além de assistir na criação, contribuiu para o nascimento de Jesus, o homem sem pecado;(Lc.1.35,37). Ele é **Omnisciente** “porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus” (1 Co. 2.10). Ele descobriu e revelou a mentira de Ananias e Safira (Act. 5.3,4). Ele é Deus.

A maneira como é tratado nas Escrituras revela a sua posição na Trindade e as suas actividades como pessoa divina que é. Ele é Deus, que provém do Pai e do Filho para habitar nos crentes e ajudá-los na sua vida e missão. Observemos alguns tratamentos:

**Espírito de Jeová** é um tratamento de Isaías, que dá também as Suas características pessoais em três pares, as quais são manifestas em Cristo para cumprimento da profecia (Is. 11.2):

1. Espírito de sabedoria e inteligência.
2. Espírito de conselho e fortaleza.
3. Espírito de conhecimento e temor (cf. Ap.1.4).

**Espírito de Deus**, reflecte que procede da parte de Deus Pai (Jo. 15.26). “Não sabeis que o Espírito de Deus habita em vós?” (1 Co. 3.16). A acção do Espírito de Deus está mencionada como os sete espíritos de Deus em Apocalipse 1.4; 4.5; 5.6. Isto significa a perfeita actividade do Espírito Santo em toda a terra. Paulo menciona a virtude do Espírito de Deus no seu ministério operando sinais e prodígios (Rm. 15.19).

**Espírito de Cristo**, manifesta a relação existente entre Cristo e os que são chamados para a missão no Reino (Rm. 8.9). É chamado assim porque, primeiro, era o Espírito que

havia em Cristo (Act. 10.38); segundo, porque foi enviado em nome de Cristo (Jo. 14.26); terceiro, porque é a unção dos santos para o cumprimento do ministério (1 Co. 1.21).

**Espírito Santo**, é assim chamado porque é santo e a sua obra é santificar os crentes que se rendem ao Senhor. É por isso que Deus o concede aos que o pedirem (Lc. 11.3). Vem habitar em nós para nos santificar de modo a glorificarmos a Deus. “Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo?” (1 Co. 6.19,20).

**Espírito Consolador**, é representado pelo vocábulo grego “παράκλητος” (paraklêtos), que é traduzido por advogado na referência a Cristo em 1 João 2.2. Refere-se a alguém que é enviado a estar ao nosso lado para nos proteger. Em João 14.26 e 15.26 é traduzido por consolador referindo alguém que está presente para nos ajudar a viver de modo a testemunhar fielmente de Cristo. Todos precisamos do Consolador connosco.

**Espírito da verdade**. Assim como o Pai é Amor, e o Filho é o cumprimento da Justiça, o Espírito é a Verdade em acção. Eis aí a Trindade unida. Tal como o propósito da encarnação do Filho foi revelar o Pai, também a missão do Espírito é revelar o Filho (Jo. 15.26). O Espírito Santo é o verdadeiro intérprete de Jesus. É Ele quem fielmente o pode revelar ao mundo através da sua habitação nos santos (Jo. 16.13,14). Desse modo, Ele opõe-se ao espírito do erro, assim como aquele que o possui (1 Jo. 4.6).

**Espírito da graça** é o tratamento que lhe é dado porque é o Espírito Santo que conduz o homem à conversão mediante a graça divina. Deus prometeu o Espírito de graça e de súplicas (Zc. 12.10). Quem desprezar a acção do Espírito Santo não ficará sem castigo (Hb. 10.29); (Ver ainda Ef. 2.8; Jo. 16.8).

**Espírito de vida**, porque Ele é o dador da vida àqueles que estão mortos por causa do pecado, mas crêem na justiça de Cristo (Rm. 8.2,11). Observe-se ainda como os dois profetas

incômodos, mortos, nos últimos tempos, receberão vida de Deus pelo Espírito (Ap. 11.11).

**Espírito de adoção**, porque é Ele quem nos guia a participar da adoção de filhos. Quando uma pessoa aceita a justificação pela fé, é adoptada na grande família de Deus e recebe pelo Espírito a consciência de participar da natureza divina (Rm. 8.15). É ainda Ele quem, junto com o nosso espírito, orienta e testemunha que somos filhos de Deus (Rm. 8.14,16).

**Espírito da glória** é outro tratamento dado ao Espírito Santo. Além de ser uma pessoa gloriosa, é também o revelador da glória de Deus. Como está escrito: “Se pelo nome de Cristo sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus” (1 Pd. 4.13,14; cf. Rm. 8.16,17 b).

## SÍMBOLOS DO ESPÍRITO SANTO

Deus achou que deveria usar símbolos para melhor compreensão de verdades espirituais que de outra forma seriam difíceis de entender. Assim, eis alguns símbolos que são usados nas Escrituras para descrever as operações do Espírito Santo.

**Vento.** Este vocábulo envolve tanto o vento como o fôlego. Ora vejamos Gén. 2.7: Deus assoprou nas narinas do homem recém formado o “fôlego” da vida; no grego “πνοην” (pnoên). Jesus, usando a mesma expressão, também assoprou sobre os discípulos e disse-lhes: “Recebei o Espírito santo” (Jo. 20.22). Espírito é, no grego “πνευμα” (pneuma); os dois substantivos são correlatos, provêm da mesma raiz.

Ainda, Ezequiel relata que o sopro do Espírito deu vida aos ossos secos, referindo-se à restauração de Israel como povo de Deus (Ez. 37.7-10). E Jesus assemelhou o assoprar do vento ao Espírito, que assopra onde quer (Jo. 3.6-8). No Pentecostes Deus usou o som do vento forte para anunciar a chegada do Espírito da promessa (Act. 2.2).

**Água.** O Espírito é um elemento indispensável à vida espiritual, assim como a água é um elemento indispensável à vida física; Moisés teve de ferir a rocha para que o povo tivesse água para beber (Êx. 17.6). E Paulo identifica esta rocha com Cristo que os seguia (1 Co. 10.4). Jesus disse à mulher samaritana que Ele tem água viva para quem quiser beber (Jo. 4.14). Ele fornece uma água especial que dá vida eterna aos bebedores; é o Espírito Santo (Jo. 7.37-39).

**Fogo.** O fogo é usado como símbolo da purificação, porque ele tudo purifica; até a nossa fé tem de passar como que pelo fogo para ser preciosa (1 Pd.1.7). Isaías fala duma brasa viva tirada do altar para purificar os seus lábios impuros (Is. 6.6,7). Moisés conta que o Senhor desceu em fogo no Sinai (Êx. 19.18); e Hebreus 12.29 diz que Deus é um fogo consumidor, ou purificador.

**Pomba.** Os evangelistas contam-nos que o Espírito desceu sobre Jesus em forma de pomba (Mt. 3.16; Mc.1.10; Lc. 3.22; Jo. 1.32). A pomba fala de simplicidade e pureza, assim como o Senhor sempre revelou ser com a presença do Espírito Santo. Ele pediu-nos para sermos astutos como as serpentes e simples como as pombas, o que se consegue por acção do Espírito Santo (Mt. 10.16).

**Selo.** O selo garante a validade dum documento, autoriza-o. Jesus foi selado pelo Pai, para o cumprimento da Sua importante missão (Jo. 6.27). Deus também sela os crentes para o dia da redenção (2 Co. 1.22). Os que crêem em Cristo são selados com o Espírito Santo da promessa para o tempo que há de vir (Ef. 1.13; 4.30).

**Penhor.** O penhor é algo valioso que é entregue como garantia duma promessa; assim procedeu Jacó para com sua nora Tamar (Gn. 38.17,18). De igual modo, Deus deu-nos o Espírito Santo como penhor da nossa herança. Temos em nós a garantia do cumprimento da Sua promessa (2 Co. 1.22; 5.5; Ef 1.14).

**Unção.** A unção consistia em derramar azeite perfumado sobre a cabeça em sinal de aprovação e comissionamento para uma missão importante (Lv. 8.12). Jesus foi ungido pelo Pai com o Espírito Santo para evangelizar os pobres (Lc. 4.18; Act. 10.38). Os cristãos são ungidos por Deus com o Espírito Santo para evangelizar, tanto pobres como ricos; Note-se como em 2 Co. 1.21,22 se encontram juntos a unção, o selo e o penhor. Esta unção capacita os crentes para entender as coisas espirituais e cumprir o seu ministério (1 Jo. 2.27).

### O Espírito Santo no Antigo Testamento

O A.T. menciona a acção do Espírito Santo sobre três evidências muito especiais, que são a criação, a organização, e a regeneração, embora a Trindade esteja unida em todas as acções. Mas, enquanto o Pai é o autor, e o Filho é o executor, o Espírito Santo é o dinamizador de todas as acções. Todas as forças da natureza são evidências da operação do Espírito Santo.

Como Espírito Criativo participou na criação cósmica, do Universo, e manifesta a glória de Deus (Gn. 1.2; Jó 26.13). Participou na criação animal (Gn. 1.20, 24). Participou na criação humana (Gn. 1.26; 2.7; Jó 33.4). A expressão de Deus: “Façamos” é dirigida ao Filho e ao Espírito (Jo. 1.1-3).

Como Espírito Dinâmico pode ser observado na Sua actuação inspirando homens santos interessados no reino de Deus. O Senhor criou o homem a fim de formar uma sociedade com quem pudesse manter afinidade e comunhão constante para formar o seu reino. Porém, como resultado do pecado esta sociedade organizou-se à margem de Deus, desprezando os planos para a sua felicidade eterna. O Senhor não desistiu do plano e chamou Abraão para formar “o reino de Jeová” (2 Cr. 13.8). Podemos observar a operação dinâmica do Espírito Santo inspirando homens para a organização do reino, entre os quais estão:

1. Salvadores, como José (Gn. 41.38-40).
2. Libertadores, como Moisés (Êx. 3.10-12).
3. Legisladores, como Moisés (Êx. 24.4, 7).
4. Artistas, como Bezaleel (Êx. 35.30, 31).
5. Líderes, como Josué (Nm. 27.18-20).
6. Guerreiros, como Otoniel e Gideão (Jz. 3.9, 10 6.34).
7. Reis, como Saúl e David (1 Sm. 10.6; 16.13).
8. Profetas, como Samuel, Elias e outros, falaram inspirados pelo Espírito Santo (2 Pd. 1.21).

Como Espírito Regenerador pode ser contemplado na Sua intervenção no meio do povo de Deus. Deus pôs no meio do povo o Seu Espírito Santo, “mas eles foram rebeldes e contristaram o Espírito Santo” e o Espírito se afastou (Is. 63.10,11). Neemias confessou que, no deserto, receberam o bom Espírito de Deus, maná e água (Ne. 9.20). David não queria perder, por causa do seu pecado, o Espírito Santo que Deus lhe dera e clamou: “Não me lances fora da Tua presença e não retires de mim o Teu Espírito Santo” (Sl. 51.11). Os pagãos disseram, conforme a sua teologia pagã, que Daniel tinha o espírito dos deuses santos (Dn. 5.11,14).

Com referência ao futuro de Israel, Deus prometeu pôr dentro deles o Seu Espírito para andarem nos Seus estatutos e viverem na terra que dera aos seus pais (Ez. 36.26-28). Também receberam a promessa de que os seus ossos secos serão regenerados pelo Espírito de Deus (Ez. 37.11,14).

Não só eles, mas todos os crentes receberão a plenitude do Espírito de Deus nos últimos dias (Jl 2.28). Há uma profecia de Isaías referente à vinda do Messias com o Espírito Santo, a Boa Nova libertadora e o tempo aceitável do nosso Deus (Is. 61.1).

A Igreja de Cristo tem experimentado frequentes avivamentos espirituais, ao longo da História, de forma a despertar os cristãos para o cumprimento da sua missão no mundo.

## O Espírito Santo no Novo Testamento

Já foi mencionada acima a profecia referente à presença do Espírito Santo no Messias. Agora resta-nos declarar o cumprimento da mesma segundo os vários aspectos da vida de Cristo e da Igreja. Ele viveu constantemente cheio do Espírito Santo e foi guiado em todas as circunstâncias a fazer o que era do agrado do Pai. A Igreja é assistida também pelo Espírito Santo a fim de agradar a Deus.

### Na experiência de Cristo

O Seu nascimento está marcado pela presença e acção do Espírito Santo. Na concepção de Jesus está descrito o Espírito Santo como o Seu agente (Mt. 1.20; Lc. 1.35). Ele foi concebido pelo poder e virtude do Espírito Santo. Em Cristo, gerado pelo Espírito, estava o verdadeiro Homem e o verdadeiro Deus. O seu corpo veio através de Maria, mas a sua vida veio do céu, pelo Espírito Santo (Jo. 8.23; 1 Co. 15.47).

No Seu baptismo foi assistido pelo Espírito Santo quando veio sobre Ele em forma de pomba. Aquele que fora concebido pelo Espírito haveria de ser assistido pelo mesmo Espírito Santo. E, tal como desceu sobre Maria para gerá-lo, desceu sobre Ele para ungi-lo como profeta, sacerdote e rei (Mt. 3.16; Mc. 1.10; Lc. 3.22; Jo. 1.33; Act. 10.38).

No Seu ministério foi em tudo guiado pelo Espírito. Foi, até, conduzido pelo Espírito ao deserto para ser provado e experimentar como nós as tentações (Mat. 4.10,11; Mc. 1.12,13). Todavia, ali venceu as sugestões do príncipe das trevas. Jesus sabia que o Espírito Santo estava com Ele para cumprir o ministério recebido do Pai (Lc. 4.18). Lucas narra que Jesus expulsava os demónios pelo dedo de Deus, ou, pelo Espírito de Deus (Lc. 11.20).

Na Sua crucificação foi assistido pelo Espírito eterno, pelo qual se ofereceu para morrer na cruz (Hb. 9.14). Foi a presença do Espírito Santo que o manteve na cruz com amor aos pecadores (Jo. 13.1). Foi pela presença do Espírito Santo que Ele suplicou o perdão para sacrificadores (Lc. 23.34).

Na Sua ressurreição, o Espírito Santo foi o agente, como está escrito: “E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus... também vivificará os vossos corpos mortais (Rm. 8.11). Após a ressurreição apareceu aos discípulos e soprando sobre eles disse: “Recebei o Espírito Santo” (Jo. 20.22). E Jesus deu mandamentos pelo Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, e eles registaram-nos para nosso ensino (Act. 1.2).

Na Sua ascensão cumpriu a promessa do Pai e enviou o Espírito Santo sobre todos os que o esperavam. Pedro esclareceu os seus ouvintes, no dia de Pentecostes, que “isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne” (Act. 1.8; 2.1-4,16,33).

### Na experiência Humana

O Espírito Santo é o executivo de Deus entre nós para pôr em movimento todo o plano divino. Nesta parte observaremos as várias operações do Espírito Santo em relação aos homens.

**1.** Ele age como Promotor de Justiça declarando a condenação daqueles que rejeitam a Cristo. Para convencer alguém é preciso levar ao seu conhecimento verdades que o confrontem com a sua conduta. Ora, o Espírito Santo convence as pessoas do pecado, da justiça, e do juízo (Jo. 16.8).

**a) Do pecado,** “porque não crêem em mim,” disse Jesus (Jo. 16.9). Ele convence, sobretudo, do pecado da incredulidade. Este é o grande pecado porque é contra o remédio para pecado. O maior perigo é não crer em Jesus. A resistência à acção do Espírito santo é considerado o pecado que não tem perdão

(Mt. 12.31). Blasfemar é atribuir ao diabo o que o Espírito Santo faz.

**b) Da justiça**, “porque vou para meu Pai” (Jo. 16.10). Depois do Pentecostes, Pedro, cheio do Espírito santo, convenceu milhares de pessoas que Jesus não somente era justo, como também era o caminho da nossa justificação (Act. 2.37,38).

**c) Do juízo**, “porque já o príncipe deste mundo está julgado” (Jo. 16.11). Na cruz, Cristo assegurou que Satanás foi derrotado e condenado a perder os súbditos. Jesus desfez no Calvário as obras que o diabo efectuou no Éden (1 Jo. 3.8). E aniquilou o império da morte vencendo a própria morte na ressurreição (Hb. 2.14,15). É o Espírito Santo quem nos convence da liberdade existente em Cristo (Rm. 8.16).

**2.** Ele actua na regeneração. Aqueles que ficam convencidos do pecado e se rendem ao Senhor são, pelo mesmo Espírito, regenerados e feitos nova criação com direito ao reino de Deus. Pelo nascimento da água e do Espírito tornamo-nos filhos de Deus com direitos; “porque quem não nascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus” (Jo. 3.3-7). Pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo tornamo-nos novas criaturas (Tt. 3.5); Com a lavagem da água, pela Palavra, purificamo-nos do pecado (Ef. 5.26). Somos gerados de novo pela Palavra de Deus, viva, e feitos nova criação em Cristo (1 Pd. 1.23; 2 Co. 5.17).

**3.** Ele habita no interior dos santificados. Aquele que foi regenerado está em condições de ser habitado pelo Espírito Santo. Essa foi a promessa do Senhor aos discípulos. “O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis porque habita convosco e estará em vós” (Jo. 14.17). Assim, Deus começa um novo relacionamento com o indivíduo e passa a estar presente na sua vida diária. Eis algumas afirmações das Escrituras:

**a)** A Trindade passa a habitar no crente regenerado (Jo. 14.23).

**b)** O Espírito de Deus habita no crente regenerado (Rm. 8.9).

**c)** O Espírito de Cristo habita no crente regenerado (Rm. 8.9).

**d)** O crente regenerado passa a ser o templo do Espírito Santo (1 Co. 6.19).

**4.** Ele baptiza os crentes no corpo de Cristo. No momento em que o Espírito Santo é recebido pelo crente, também este é recebido no corpo de Cristo, que é a Igreja. As Escrituras afirmam que somos baptizados em um Espírito para formar um corpo (1 Co. 12.12-14). Logo que somos membros do corpo de Cristo é para fazer o que Ele faria, dando assim, glória a Deus (1 Co. 12.27). Portanto, individualmente somos membros uns dos outros para ajudar-nos mutuamente (Rm. 12.5).

**5.** Ele actua na santificação dos crentes. No momento da regeneração o Espírito Santo efectua uma mudança espiritual no crente de modo a poder iniciar um novo período na sua vida. Mas a obra não fica completa. Ninguém fica perfeito como que por magia. O crente passa por muitas provas e dificuldades, mas o Espírito Santo permanece ali para continuar a sua missão de aperfeiçoamento e santificação (2 Co. 7.1). Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus (Rm. 8.14). Ora, o fruto dos filhos santificados é o fruto do Espírito Santo; “Amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, temperança (Gl. 5.22).

**6.** Ele provê orientação para os filhos de Deus. Na rendição a Deus damos permissão ao Espírito Santo para orientar as nossas vidas pessoais, e também para nos guiar no serviço que devemos prestar ao Senhor. Ele orienta-nos em toda a verdade referente a Cristo (Jo. 16.13). Ele orienta no serviço de evangelismo pessoal. Filipe foi orientado pelo Espírito Santo a encontrar-se com o eunuco para revelar-lhe Jesus (Act. 8.27-29). Ele orienta a escolha das pessoas para certas missões; “disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que

os tenho chamado” (Act. 13.2,4). Dependamos sempre da orientação do Espírito Santo a fim de satisfazermos a vontade de Deus.

7. Os crentes devem tomar vários cuidados em relação ao Espírito Santo a fim de manter bom relacionamento com Deus:

- a) Não blasfemar contra o Espírito Santo (Mt. 12.31).
- b) Não resistir ao Espírito Santo (Act. 7.51).
- c) Não entristecer o Espírito Santo (Ef. 4.30).
- d) Não mentir ao Espírito Santo (Act. 5.3,4).
- e) Não extinguir o Espírito Santo (1 Ts. 5.19).

Quem perder o Espírito Santo fica sem orientação e sem consolação. Sem Ele é impossível cumprir a vontade de Deus.

### **O Espírito Santo na experiência da Igreja**

A Igreja está directamente relacionada com o Espírito Santo. Sendo o Espírito quem convence do pecado e forma o corpo de Cristo, e o orienta. Sem Ele a Igreja não existiria. Praticamente, a Igreja começou com o advento do Espírito, prometido pelo Senhor, com os carismas necessários aos crentes.

1. O advento do Espírito Santo marca o início da Igreja. O Senhor aconselhou os discípulos a esperar o cumprimento da promessa do Pai para então cumprirem a sua missão no mundo (Lc. 24.49; Act. 1.8). A festa judaica do Pentecostes confirma o início da Igreja de Cristo pelos carismas que o Espírito concedeu aos crentes para cumprirem a sua missão no mundo (Act. 2.2-4,16). Pois, foram cheios do Espírito Santo proveniente de Deus, falaram noutras línguas das grandezas de Deus, e receberam ousadia para testemunhar de Cristo.

O Senhor confirmou a Sua promessa concedendo a outros a mesma experiência. Em Samaria, os apóstolos oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo; “então lhes impuseram as mãos e receberam o Espírito Santo” (Act. 8.14-17). Na casa de Cornélio os crentes receberam também o Espírito Santo

e falaram noutras línguas, o que serviu de confirmação para Pedro (Act. 10.43-47). Os crentes de Éfeso receberam, pela imposição das mãos, o Espírito Santo, e falaram noutras línguas e profetizavam (Act. 19.1-6). Pedro, no dia de Pentecostes, confirmou que este dom é para todos os que crêem (Act. 2.38,39; cf. 2.16,18). Por este motivo é que Paulo perguntou aos Efésios se haviam recebido o Espírito Santo quando creram; “Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes?” (Ef. 19.2).

2. O ministério do Espírito Santo é a confirmação de que o Senhor está presente liderando a vida da igreja. Ele intercede pelos santos e ajuda as nossas fraquezas (Rm. 8.26,27). O Espírito ajuda os santos na sua intercessão (Ef. 6.18). Ele ajuda na edificação pessoal dos santos através da oração no Espírito (Jd. 20). Ele testemunha fielmente de Cristo (Jo. 15.26). Ele fornece ousadia aos crentes para o seu ministério (Act. 4.31). Ele lidera os ministros da Igreja de Cristo nas suas funções; (Act. 15.28).

3. Os dons do Espírito são capacidades sobrenaturais concedidas por Deus aos crentes para o cumprimento de ministérios especiais visando a edificação da Igreja (Co. 12.4-11). Paulo ordena os dons espirituais da seguinte maneira: Nos versos quatro a seis diz que há: Diversidade de carismas, diversidade de ministérios e diversidade de operações; “mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil.” As manifestações do Espírito são repartidas por todos para benefício de todos.

A Palavra de sabedoria é a habilidade eficiente na defesa da causa de Cristo (Lc. 21.15). É o tacto especial para tratar assuntos delicados (Act. 6.3). É a arte de dar conselhos sábios visando o benefício de alguém. José, com seus conselhos a Faraó, evitou que uma grande fome vitimasse os seus familiares (Act. 7.10). É a capacidade para expor e aplicar a Palavra de Deus à vida das pessoas (Mt. 13.54). Em Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Cl. 2.3). Eis o exemplo de Jesus em Marcos 6.2: “Que sabedoria é esta



que lhe foi dada?” Estêvão revelou este espírito de sabedoria porque “não podiam resistir à sabedoria e ao espírito com que falava (Act. 6.10). Paulo orou para que os cristãos recebessem o espírito de sabedoria e de revelação (Ef. 1.17-23).

A Palavra da ciência é o conhecimento das coisas pertencentes a Deus e o pronunciamento sobrenatural por inspiração do Espírito Santo (2 Co. 10.4,5). É a compreensão das coisas divinas e a sua transmissão com clareza a fim de que todos conheçam a verdade (2 Co. 4.6). É assim que Deus manifesta, por meio de nós, o cheiro do seu conhecimento em todo o lugar (2 Co. 2.6). Tudo isto se encaixa na promessa de Cristo quando disse que o Espírito nos guiaria em toda a verdade (Jo. 16.13). Temos um exemplo disto no Concílio de Jerusalém quando o Espírito Santo deu a solução para o problema do momento (Act. 15.7-11).

O Dom da Fé não é a mesma coisa que a da salvação. Esta fé pode ser aquela que move montanhas (Mt. 17.20; 21.21; Mc. 11.23). Exemplos desta fé podemos encontrá-los na galeria dos heróis da fé em Hebreus onze. Também Elias operou nesta fé perante os sacerdotes de Baal (1 Rs 18.33-38; 41-45). Portanto, esta é uma fé especial concedida por Deus para momentos especiais como os expostos acima.

Dons de curas são dádivas de Deus para momentos especiais. Parece que há variedade na manifestação destes dons, e que são demonstrados pela soberania de Deus a fim de responder à necessidade e condição espiritual dos enfermos. Pedro deu o que tinha para suprir uma necessidade de momento. “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho isso te dou: Levanta-te e anda” (Act. 3.6,7). Filipe atraía as multidões pela manifestação dos dons espirituais e muitos eram curados e libertos (Act. 8.5-7). Porém, mesmo Jesus não curou a todos por causa da incredulidade deles (Mt. 13.58). Os Dons de curas estão à disposição de todos os cristãos a fim de ministrarem aos enfermos de acordo com as suas necessidades (Tg. 5.16).

Operações de maravilhas significam actos de grande poder, ou virtude divina, que vão além de qualquer capacidade humana. Estas operações são observadas especialmente no conflito entre Deus e Satanás, e pelas quais este é derrotado, tendo em vista a construção do reino de Deus (cf. Mt.10.7,8). Os espíritos malignos têm sido expulsos para maravilhar as pessoas (Lc.10-17). Tem havido sinais e prodígios entre o povo como no princípio; (Act. 5.12,16; 8.7; 19.11,12).

O castigo imposto por Paulo a Elimas contribuiu para que o procônsul cresse maravilhado na doutrina do Senhor (Act. 13.9-12). Todavia, as operações maravilhosas devem ser submetidas a exame consciencioso para descobrir a sua origem; porque algumas podem ser causadas por Satanás a fim de enganar os incautos (Êx. 7.9-12 e 1 Ts. 2.9). Todos os carismas têm a função de edificar a Igreja de Jesus e o seu reino.

A profecia é um dom da fala que Deus pôs à nossa disposição para transmitir a sua Palavra e, desta forma, tocar os sentimentos das pessoas a fim de guiá-las ao arrependimento. Em Moisés e Arão temos um exemplo do que é o dom da profecia. Disse Deus: “Eu serei com a tua boca; e tu lhe falarás e porás as palavras na sua boca; e ele falará por ti ao povo” (Êx. 4.15,16). Jesus revelou à mulher samaritana a sua condição de pecadora, que ela reconheceu (Jo. 4.18,19).

Ágabo revelou que haveria uma fome mundial e os cristãos socorreram os irmãos necessitados (Act.11. 27-29). O dom profético está à disposição de todos os cristãos, sendo mesmo todos encorajados a servir dessa maneira. Paulo expressa-se assim: “Eu quero que todos vós faleis línguas, mas muito mais que profetizeis, porque o que profetiza é maior do que o que fala línguas, a não ser que também interprete para que a igreja receba edificação” (1 Co.14.1,5). Se todos profetizarem e algum indouto ou infiel entrar, os segredos do seu coração serão manifestos, e ficará convencido de que Deus está verdadeiramente entre nós 1 Co. 14.24,25).

Discernimento de espíritos é outro dom necessário na Igreja a fim de se descobrir o que não provém de Deus. Devemos tomar em consideração que há três fontes de inspiração: Deus, o diabo, e o próprio homem. Por este facto, é necessário o dom de discernimento para reconhecer a fonte e não ser enganado. A operação do dom tem para observação duas áreas: Primeiro, a doutrínaria: Quem não confessa que Jesus veio em carne não é de Deus (1 Jo. 4.1-6). Segundo, a prática, assim como revelado em Mateus: “Muitos me dirão naquele dia: Senhor, não profetizámos nós em teu nome? E em teu nome não expulsámos demónios? E em teu nome não fizemos muitas maravilhas? Então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mt. 7.15-23).

Observemos alguns exemplos de reconhecimento: Jesus reconheceu Natanael como um verdadeiro israelita; e Natanael reconheceu Jesus como o verdadeiro Filho de Deus (Jo. 1.47-50). Pedro reconheceu que Ananias fora enganado por Satanás (Act. 5.3). Ele também reconheceu que Simão não tinha boas intenções quando pediu o Dom do Espírito Santo (Act. 8.21-23). E Paulo descobriu que os louvores proferidos pela jovem adivinha, atrás deles, era produto de Satanás (Act. 16.16-18).

Variedade de línguas é a capacidade de falar sobrenaturalmente sem ter aprendido essas línguas. As palavras não provêm do intelecto, mas do espírito. Porém, para serem úteis na igreja carecem doutro dom em funcionamento, a interpretação das línguas, que, de igual modo, não provém da mente, mas do espírito. O propósito básico das línguas é louvar a Deus e providenciar edificação pessoal (1 Co. 14.2,4). Se houver interpretação pode contribuir para edificação da igreja (1 Co. 14.26-28).

Interpretação de línguas é uma operação puramente espiritual. Este dom em conjunto com o anterior tem o mesmo valor que a profecia porque serve para edificação colectiva (1 Co.

14.5). Além disso, este conjunto, usado devidamente, torna-se um sinal para os infiéis, diz Paulo no verso vinte e dois. Por conseguinte, deve haver bom senso no uso dos dons espirituais (1 Co 14.20-25,39,40).

Outros dons dignos de consideração estão mencionados na epístola de Paulo aos romanos. O apóstolo roga aos cristãos para que experimentem uma transformação mental de forma a cada um não pensar de si mesmo mais do que convém, mas moderadamente, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um no corpo de Cristo (Rm. 12.1-5). A norma cristã, pois, é cada um considerar os outros superiores a si mesmo, em demonstração do mesmo sentimento de Cristo (Fp. 2.3).

Então, passa a referir que um só corpo tem diferentes dons, que devem ser usados segundo a medida da fé. O que exorta “ο παρακαλων” (ó parakalôn) significa que deve chamar a pessoa ao lado para aconselhamento amoroso. O que reparte (bens) deve fazê-lo com generosidade, franqueza e rectidão; “εν απλοτητι” (em aplotêti). O que preside, faça-o com diligência e cuidado; “εν σπουδη” (em spudê) significa estar com pressa e não guardar para amanhã o que pode fazer hoje. O que é misericordioso, “ο ελεων” (o élêôn) seja-o com alegria (Rm. 12.6-8).

Observemos três exemplos do verdadeiro sentido daquela palavra. “Aprendeí o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício. Porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento” (Mt. 9.13). Pedro escreveu: “Vós, que em outro tempo... não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia” (1 Pd. 2.10). E, Judas pede: “Tende misericórdia de alguns que estão duvidosos; e salvai alguns arrebatando-os do fogo; tende misericórdia deles” (Jd. 22,23).

## CAPÍTULO ONZE

### O PORVIR

O porvir diz respeito ao futuro da humanidade, dos céus e da terra. O seu estudo é nomeado como Escatologia, ou a ciência das últimas coisas. Assim como o livro de Génesis nos relata o princípio das coisas, o Apocalipse revela-nos as últimas coisas. Sem dúvida, conta com o apoio doutros livros proféticos, alguns dos quais predisseram também as últimas coisas.

Este não passa dum esboço genérico que procura contribuir, desta forma, para qualquer cristão desenvolver os seus estudos pessoais, e enriquecer os seus conhecimentos sobre escatologia, “segundo o eterno propósito que Deus estabeleceu em Cristo Jesus nosso Senhor” (Ef. 3.11).

#### A MORTE

Embora a morte seja considerada pelas pessoas um grande inimigo, é, contudo, um adversário vencido por Jesus, o qual foi morto, mas ressuscitou. Assim como a morte espiritual é o primeiro efeito do pecado, também a morte física será a última consequência. Pois, a partir desse momento não haverá mais tentação para pecar. O ser humano ficará isento de voltar a cair.

A morte como acto é a separação do espírito do corpo; isto é, o corpo fica morto quando o espírito sai (Lc. 8.52-55). É uma experiência desagradável porque todos gostamos e quere-

mos viver junto dos nossos familiares e amigos. A viúva de Naím, que lamentava a perda do seu querido filho, recebeu-o de volta porque Jesus, compassivo, ressuscitou-o para ela (Lc. 7.11-15).

A morte como agente é o meio de Deus nos tirar da terra. É a porta de acesso ao mundo espiritual de todos os espíritos (Luc. 16.22). A morte como estado é a continuação da vida num estado diferente do terreno. Jesus deixou-nos um grande exemplo na parábola do rico e Lázaro (Lc. 16.19-31). Havendo ambos morrido, ambos se encontraram no Hades, embora em posições diferentes. Enquanto um sofria, o outro era consolado.

O lugar intermediário para todos era, antes de Cristo, considerado pelos hebreus, o sheol, em hebraico “שְׁאוֹל” ou, no grego “αδης” (hades). Esta palavra jamais pode representar o inferno; senão vejamos. Jacó, ao chorar seu filho José exclamou: “Na verdade, com choro hei de descer ao meu filho, até ao sheol” (Gn. 37.35). Não vamos supor que Jacó estivesse a falar do inferno para si. Do mesmo modo, os rebeldes Coré, Datã e Abirã, desceram vivos ao sheol, e a terra os cobriu; (Nm. 16.30-33). Também Jó refere que os ímpios num momento descem ao sheol (Jó 21.13).

Foi a esse lugar que Cristo desceu após a morte, e levou consigo aqueles que o esperavam (Ef. 4.8-10). A partir daí houve mudança de lugar para os justos. Quando um dos malfeitores pediu que Jesus se lembrasse dele, o Senhor respondeu-lhe: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc. 23.43). E paraíso é bem diferente de hades. Paulo conta-nos a sua experiência no paraíso, que ele significa como sendo o terceiro céu, lugar da habitação de Deus (2 Co. 12.2-4). Cristo prometeu vida eterna àqueles que crerem nele, o que acontece pela fé presentemente e acontecerá no futuro junto dele no paraíso (Jo. 11.25).

## O CÉU

O céu é tanto um lugar destinado aos fiéis de Deus como um estado espiritual que perdurará pelos séculos junto do seu Senhor; “porque na ressurreição não casam nem são dados em casamento, mas serão como os anjos de Deus no céu” (Mt. 22.30).

Parece que os conceitos do céu para os hebreus eram estes: O lugar das águas, ou donde elas vêm, era o terceiro céu; e, isto condiz com o relato bíblico em Génesis 1.1,7,8. Ali diz-se que Deus criou os céus e a terra; então, fez separação entre as águas e chamou à expansão céus. É curioso que a grafia e a pronúncia dos vocábulos hebraicos são muito semelhantes: Céus é “שמים” (shamaim); enquanto águas, com o artigo, é “המים” (hamaim). Em Génesis 7.11 é dito que todas as fontes se romperam e as janelas dos céus se abriram e houve chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites. Jó deixou-nos este relato: “Eis que Deus é grande e nós o não compreendemos, e o número de seus anos não se pode calcular. Porque reúne as gotas das águas que derrama em chuva do seu vapor” (Jó 36.26,27).

O céu é a santa habitação de Deus. “Assim diz o Senhor: Os céus são o meu trono, e a terra o estrado dos meus pés” (Is. 66.1). Nas suas orações o povo dizia: “Olha desde a Tua santa habitação, desde os céus, e abençoa o teu povo” (Dt. 26.15); “Eis que os céus, e até o céu dos céus Te não poderiam conter, quanto menos esta casa que eu tenho edificado” (1 Rs 8.27). Jesus confirma que o céu é o trono de Deus e a terra o estrado dos Seus pés (Mt. 5.34,35). E ouviu-se uma voz dos céus que dizia. Tu és meu Filho amado (Mc. 1.11). Os anjos informaram que Jesus ressurrecto foi recebido no céu (Act. 1.11).

O céu é a morada dos anjos, que descem e sobem à presença de Deus (Gn. 28.12). Jesus disse que os anjos nos céus sempre vêm a face de Seu Pai que está nos céus (Mt. 18.10). Também esclareceu que na ressurreição seremos como os anjos

que estão nos céus (Mc.12.25). Milhões inumeráveis de anjos estão ao redor do trono louvando constantemente ao Senhor (Ap. 5.11,12).

O céu é a habitação dos santos. Daniel informou o rei da Babilónia que há um Deus nos céus que revela os segredos (Dan. 2.28). Este rei, nas suas visões, viu um santo que descia do céu (Dn. 4.13,23). E Jesus prometeu aos discípulos levá-los para a casa do Seu Pai, no céu (Jo. 14.2,3). Paulo manifesta o desejo de deixar o corpo físico para habitar com o Senhor, no céu. E diz que, quando deixarmos este corpo, temos uma casa não feita por mãos, eterna nos céus (2 Co. 5.1,8).

As bênçãos de Deus vêm do céu. Jesus disse que é grande o nosso galardão nos céus (Mt. 5.12). É dos céus que vêm a misericórdia e a graça divinas. Porque temos um grande Sumo Sacerdote nos céus “cheguemos com confiança ao trono da graça para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno (Hb. 4.16).

Os nomes dos santos estão registados nos céus; motivo por que devemos alegrar-nos (Lc. 10.20). Os tesouros dos santos devem estar nos céus, porque é ali que morarão na eternidade (Mt. 6.20,21). Uma herança incorruptível está reservada nos céus para os santos (1 Pd. 1.4). A cidade dos santos está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo (Fp. 3.20). João, nas suas visões, viu a grande cidade, a nova Jerusalém, que descia do céu (Ap. 21.2,10).

## O ARREBATAMENTO

O Senhor comprou um tesouro para si mesmo, por grande preço, e não vai permitir que alguém o destrua. Por este motivo, quando ele observar que estamos correndo perigo chama-nos do céu, para irmos ao seu encontro, do mesmo modo que nos chamou anteriormente para formar a Igreja. Porém, para sermos arrebatados há necessidade de ressurreição e transformação dos corpos físicos.

A ressurreição e transformação dos santos acontecerá à semelhança de Jesus. A Sua experiência é as primícias, depois os que são de Cristo. Porque o Senhor descerá do céu, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois, os que estiverem vivos, serão arrebatados juntamente com eles nas nuvens a encontrar o Senhor nos ares (cf. 1 Ts. 4.16,17). O verbo grego que ali figura para ressuscitar é “ανιστημι” (anistêmi) que significa levantar-se, pôr-se em pé. O grande capítulo de Paulo sobre a ressurreição está na sua primeira carta aos coríntios capítulo quinze, o qual deve ser lido com atenção. Ali, no verso quarenta e quatro, é dito que semeia-se corpo animal e ressuscitará corpo espiritual.

O arrebatamento dos justos acontecerá à semelhança de Jesus. Conforme foi a Sua subida, também será a dos Seus santos; (Ap. 12.5). Acontecerá á semelhança dum rapto efectuado por um ladrão inesperado. O verbo grego usado para rapto em Tessalonicenses é “αρπαζω” (arpázo), usado também em João 10.28 que diz: “E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão.” Note-se que ninguém as arrebatará da mão de Jesus, mas Ele as arrebatará da mão do adversário. Paulo esclareceu que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; mas nós já não estamos em trevas para que aquele dia nos surpreenda como um ladrão (1 Ts. 5.2,4).

O juízo dos santos será efectuado perante o tribunal de Cristo. Paulo informa-nos que todos os cristãos comparecerão perante a “βημα” (bêma) de Cristo. Isto significa que Cristo estará numa Tribuna para galardoar os vencedores na corrida Cristã (Rm. 14.10; 2 Co. 5.10). Jesus confirmou às sete igrejas do Apocalipse o galardão a que têm direito os vencedores:

1. Têm direito à arvore da vida.
2. Têm direito à coroa da vida.
3. Têm direito ao maná e a uma pedra branca com o nome.
4. Têm direito ao poder sobre as nações.

5. Têm direito a vestes brancas e ao testemunho de Cristo.
6. Têm direito a ser uma coluna no Templo de Deus.
7. Têm direito a ter assento no Trono com Cristo.  
(cf. Ap. 2.7,11,17, 26; e 3.5,12,21).

Quando isto acontecer serão realizadas as bodas do Cordeiro no céu (Ap. 19.5). Enquanto uns gozarão da bem-aventurança na presença do Senhor, outros sofrerão tribulação por acção do anticristo.

### A GRANDE TRIBULAÇÃO

As profecias no A.T. já referem a grande tribulação como o dia do Senhor. Deus afirma que castigará o mundo por causa da sua maldade. “Eis que o dia do Senhor vem, horrendo, com furor e ira ardente, para pôr a terra em assolação e destruir os pecadores dela” (Is.13.9). “Porque aquele dia é tão grande que não houve outro semelhante, e é tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será livrado dela” (Jr. 30. 7). “Porque chamarei contra ele a espada sobre todos os meus montes, diz o Senhor Jeová” (Ez. 38.21). “Naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos príncipes do teu povo, e haverá um tempo de angústia qual nunca houve desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro” (Dn. 12.1).

Jesus confirmou estas palavras dizendo que “haverá então grande aflição como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tão pouco pode haver; e se aqueles dias não fossem abreviados nenhuma carne se salvaria (Mt. 24.21). E João viu debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da Palavra de Deus e por amor do testemunho que deram; e um dos anciãos explicou-lhe quem eram aqueles que ele estava vendo: “Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro (Ap. 6.9; 7.14). O texto grego tem a preposição “de” (εκ) e o

artigo definido “a” (της) antes de tribulação (θλιψεως) demonstrando que aqueles saíram da grande tribulação (Ap. 7.14).

Haverá, então, dois períodos de três anos e meio com perseguições ordenadas pelo anticristo. Acerca dele está escrito em Daniel 7.25, 26 que “proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão por um tempo e tempos e metade de um tempo (cf. Ap. 13.5). Mas o juízo estabelecer-se-á e eles tirarão o seu domínio para o destruir e para o desfazer até ao fim. João relata-nos ainda o seguinte: “E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu; e foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo e língua e nação” (Ap. 13.6,7).

Ireneu, escritor pós-apostólico, deixou-nos este relato: “Mas quando este anticristo tiver devastado todas as coisas neste mundo, ele reinará por três anos e seis meses, e sentar-se-á no templo em Jerusalém; então o Senhor virá nas núvens dos céus, na glória do Pai, enviando este homem e aqueles que o seguem para o lago de fogo; mas introduzindo o tempo do reino para os justos, isto é, o descanso, o santificado sétimo dia; e restaurando a Abraão a herança prometida, em cujo reino o Senhor declarou que, “muitos vindo do Este e do Oeste se sentariam com Abraão, Isaque e Jacó” (Ireneu Contra Heresias, Livro V, cap. 35).

Jesus revelou aos judeus esta verdade sobre o falso messias, ou anticristo: “Eu vim em nome de meu Pai e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente o receberéis” (Jo. 5.43). E Paulo confirma isso em 2 Ts. 2.3-12. Destaque-se o verso oito: “Então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da Sua boca, e aniquilará pelo esplendor da Sua vinda.”

Esse homem prodígio assumirá o poder político conferido pela confederação de nações (Dn. 7.8,25; Ap.17.12,13); e poder

comercial, fazendo que todos recebam o seu sinal a fim de poderem negociar (Dn. 8.25; Ap. 13.16,17); e também religioso, operando até maravilhas para atrair as multidões.

Ele fará um pacto com Israel (Dn. 9.27), após o qual exigirá adoração a si mesmo, a qual será negada por muitos fiéis ao Senhor (Ap. 13. 4-6). Em resposta virá a perseguição aos rebeldes (Ap.17.13,14). Alguns, que não estiverem inscritos no Livro do Cordeiro, o adorarão, para perdição sua (Ap.13.8). Para salvarem a sua vida perderão a sua alma. Mas, quem perder a sua vida por amor de Cristo salvará a sua alma (Mc. 8.34,35).

O falso profeta será o chefe da nova religião universal e o apoio religioso do anticristo na sua ascensão ao poder mundial (Ap. 13.11-18); Ambos são inspirados por Satanás na luta contra Deus (2 Ts. 2.9). O dragão, (Satanás) a besta, (Anticristo) e o falso profeta, (Chefe religioso) formam a trindade satânica unida na luta contra a Trindade divina (Ap. 16.13,14).

O Armagedom é o local que em hebraico significa Monte Megido: Ali já Israel travou várias batalhas (Jz. 5.19; 2 Rs 23.29). Napoleão, ao contemplá-lo, afirmou ser um ótimo local para uma concentração de tropas. A grande batalha mundial está programada para o mesmo local, confirmado pelo Senhor (Ap.16. 16). Ezequiel escreveu a declaração de vitória do Senhor: “Nos montes de Israel cairás, tu e todas as tuas tropas, e os povos que estão contigo; e às aves de rapina... e aos animais do campo te darei por pasto. Sobre a face do campo cairás, porque eu falei, diz o Senhor Jeová” (Ez. 39. 4,5); Zacarias também fala da vitória de Deus sobre as nações que forem contra Jerusalém (Zc. 12.9-11). E João viu um anjo a convidar as aves do céu para a grande ceia; (Ap. 19.17).

## O MESSIAS REVELADO

No momento de grande aflição para Israel, provavelmente quando estes fugirem para o deserto (Ap. 12.14) e os exércitos

do anticristo os perseguirem, aparecerá o verdadeiro Messias, como o ladrão, para socorrer o seu povo (Ap. 19.11-16). A revelação de Cristo é acontecimento rápido. A palavra grega usada seis vezes em Apocalipse é “ταχυ” (taxi) que sempre significa movimento rápido; isto é, aparece como o ladrão (Ap. 2.16; 3.11; 11.14; 22.7, 12, 20).

Como o significado das palavras se entende pelo seu uso normal, observemos algumas Escrituras esclarecedoras. Jesus ordena que se reconcilie com o seu adversário depressa, (ταχυ) (Mt. 5.25). Ordenou para irem depressa dizer aos discípulos que havia ressuscitado (Mt. 28.7). A Judas disse: O que fazes fá-lo depressa, (ταχιον) rapidamente (Jo. 13.27). Quando foram ao sepulcro, o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro (Jo. 20.4). Todavia, Paulo alertou que a vinda de Cristo não aconteceria sem que antes aparecesse a apostasia, o homem do pecado, o anticristo (2 Ts. 2.3,4).

A segunda vinda de Cristo foi prometida por Ele mesmo; (Jo. 14.18). Foi confirmada pelos anjos aos apóstolos (Act. 1.11). Foi pregada pelos apóstolos; (Tg. 5.7,8). Será cumprida por Cristo (Ap. 19.11-16) em cumprimento da profecia de Isaías 23. 5,6. Enquanto para a Igreja Cristo virá como Noivo (Jo. 14.3), para os Judeus Ele virá como o Messias (Rm. 11.26).

No momento da vitória o Messias será reconhecido pelos judeus que exclamarão: “Bendito o que vem em nome do Senhor” (Mt. 28.38,39). Nessa ocasião todo o Israel será salvo como diz Paulo (Rm. 11.25,26). E o Senhor será rei sobre toda a terra, será um reino com um rei - o Senhor (Ez. 37.21,22; Zc. 14.9).

Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: “Vinde benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt. 25.34). Trata-se do cumprimento da profecia de Zacarias 14.16: “E acontecerá que todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorarem o Rei, o Se-

nhor dos Exércitos.” Este facto é comprovado por João em Ap. 19.13-15. Aquele personagem é referido ali como sendo chamado a “Palavra de Deus”, no grego “λογος του θεου” (Logos de Deus). E João identificou o Logos, que é desde o princípio, com Jesus, o Filho de Deus (Jo. 1.1,14).

Aos que estiverem à sua esquerda dirá o Senhor: “Apar-tai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt. 25.41). Isto será o cumprimento da profecia de Zacarias 14.12, confirmada em Ap. 19.17,18. Um anjo convidará as aves para a ceia do grande Deus.

O júzo da trindade satânica acontecerá de seguida. O anticristo e o falso profeta serão presos e lançados no lago de fogo; “E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo” (Ap. 19.20; cf. Is. 11.4; 2 Tes. 2.8). Acerca do lago de fogo comparemos as expressões que se encontram em Marcos 9.43-47. Ali é mencionado três vezes o inferno, no grego “γεεννα” (geenna), onde o bicho não morre e o fogo nunca se apaga. Satanás será preso no abismo durante o milénio para que não engane mais as nações; depois será solto e sairá a enganar as nações nos quatro cantos da terra, vindo também a ser lançado no lago de fogo (Ap. 20.1-3,7-10).

Aquele nome teve origem no vale de Hinom, (em hebraico, guê hinom, que resultou no grego, guê enan, depois geenna) mencionado em Josué 15.8 e 18.16 como parte dos termos da herança de Judá. Nesse lugar Manassés levantou um altar a Moloque onde sacrificavam criancinhas (2 Cr. 33.6). Mais tarde Josias fez uma grande reforma e destruiu todos os altares falsos fazendo daquele lugar a lixeira da cidade, “onde o bicho não morre e o fogo nunca se apaga”. A partir daí passou a ser considerado como lugar de júzo (Jr. 7.31,32; 19.6,7).

## O REINO MILENAR

A expressão “milénio” simplesmente não é usada por João no seu Apocalipse. Todavia, existe o conceito. No capítulo vinte menciona cinco vezes mil anos; Satanás amarrado por mil anos; os ressurrectos da tribulação reinando por mil anos; os outros mortos não reviveram até que os mil anos acabaram; e acabados os mil anos Satanás será solto.

Também escritores posteriores aos apóstolos fizeram uso desta doutrina. Por exemplo Papias, escritor pós-apostólico, escreveu assim: “Entre estes ele diz que haverá um milénio depois da ressurreição dos mortos, quando o reino pessoal de Cristo for estabelecido na terra.” E Justino escreveu desta maneira: “Mas, eu e outros... estamos certos que haverá uma ressurreição dos mortos, e mil anos em Jerusalém, a qual, então, será construída, adornada, e engrandecida, como os profetas Ezequiel e Isaías e outros declaram.”

Os propósitos do reino milenar são:

1. Reunir à volta de Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra (Ef. 1.10).
2. Estabelecer a justiça na terra pelo aniquilamento de todo o império e potestade e força; “porque convém que Ele reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés” (1 Co. 15.24,25).
3. Ensinar as nações no cumprimento da justiça. “E virão muitos povos e dirão: Vinde e subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a Palavra do Senhor” (cf. Is. 2.2,3).
4. Reinar sobre as nações, a partir dos corações, de modo a converter as espadas em enxadões e as lanças em foices por não ser preciso mais guerrear (Is. 2.4; Ap. 20.4).

Nesse tempo milenar haverá um conhecimento universal de Deus (Is. 11.9). As pessoas terão comunhão com Deus e viverão na justiça (Is. 26.7-9). Os governantes reinarão com rectidão sob as ordens do soberano Senhor, como está escrito: “Eis aí está que reinará um Rei com justiça, e dominarão os príncipes segundo o juízo” (Is. 32.1). Haverá, então, prosperidade para todos, porque até o deserto fará produzir abundantemente (Is. 35.1,2; 51.3). Cristo aconselhou a buscar em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e todas as coisas virão por acréscimo (Mt. 6.33). Ele proferiu aos discípulos um sermão considerado “as leis do reino” que ficou registado em Mateus capítulos cinco a sete.

## O JUÍZO FINAL

As Escrituras apresentam o julgamento final como uma estranha acção de Deus. Mas, a justiça divina exige que assim seja; não podia ser de outra maneira (Hb. 9.27; Act. 17.31). Embora a morte pressuponha ser a penalidade última infligida por causa do pecado, isto é um conceito erróneo sem apoio nas Escrituras nem na razão. Como é que justos e injustos teriam o mesmo tratamento? Por conseguinte, terá de haver um julgamento após a morte que julgue os justos (2 Co. 2.9,10) e outro para julgar os injustos (Mt. 12.36,41,42). Aliás, os santos do Senhor hão-de julgar o mundo (1 Co. 6.2,3).

Os adversários do Senhor serão os primeiros dos injustos a sofrer as consequências do juízo divino. O destino de Satanás será o tormento eterno no lago de fogo; este é o inferno propriamente dito (Ap. 20.8-10).

Os demais injustos irão fazer companhia à trindade satânica, que foi lançada no lago de fogo (Ap. 19.20; 20.10,15). Na dureza de seu coração acumularam ira para o dia do juízo (Rm. 2.5,6); por isso, ouvirão estas palavras: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt. 25.41). Em Apocalipse 21.8 encontra-se uma lista de



práticas iníquas cujas pessoas serão lançadas no lago de fogo: Medrosos, incrédulos, abomináveis, homicidas, fornicários, feiticeiros, idólatras, e mentirosos, todos estes serão condenados porque se não arrependeram para mudar de vida.

O estado dos justos será de gozo eterno na nova Jerusalém (Ap. 21.27). Esta foi a promessa do Senhor aos seus amigos; “Virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também” (Jo. 14.3). A morte foi vencida por Cristo, porque Ele veio para desfazer as obras do diabo (1 Jo. 3.8). Em virtude de já não haver pecado, também não haverá morte (1 Co.15.54-56). Então, estaremos com Ele para sempre na Jerusalém celestial (1 Ts. 4.17).

## A NOVA TERRA

É indiscutível a possibilidade de haver uma nova terra visto que os elementos ardendo serão transformados (2 Pd. 3.10-13). Isto é, o fogo renovará todas as coisas existentes de modo a serem novas. É nesta nova terra que a Cidade de Deus será estabelecida para sempre com algumas notáveis ausências: Não haverá Satanás, nem pecado, nem maldição, nem tristeza, nem dor, nem morte (Ap. 21.1-5). Estas primeiras coisas já passaram e cederam lugar à vida abençoada com a presença de Deus.

A cidade da vida é o lugar prometido pelo Senhor como habitação para os justos (Jo. 14.2,3). João viu a santa cidade, a nova Jerusalém, descendo do céu com os resgatados pelo sangue do Cordeiro (Ap. 21.2,3). Será um lugar de esplendor e grande beleza, a julgar pela ilustração fornecida pelo escritor, cuja edificação é de ouro, pedras preciosas e pérolas (Ap. 21.18-21). Este lugar delicioso é destinado somente aos purificados, que lavaram as suas vestes, pela fé, no sangue do Cordeiro (Ap. 22.14). Esta é a esperança que está reservada nos céus para os santos do Senhor (Cl. 1.5).

Naquela cidade corre o rio da água da vida, o qual serve como símbolo da vida aos escritores bíblicos (Ap. 22.1). O salmista diz que “há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus” (Sl. 46.4). Ezequiel viu um rio fluindo do Templo (Ez. 47.1-12). Zacarias viu águas fluindo de Jerusalém para Oriente e Ocidente (Zc. 14.8). E Jesus informou que Ele dá água viva a quem quiser beber (Jo. 4.10,14). Quem, pela fé, beber da água que Ele dá se tornará em rios de água viva de gozo e alegria (Jo. 7.37-39).

Também nela está a árvore da vida produzindo os seus frutos de vida, e as folhas para saúde das nações (Ap. 22.2). A mesma serve como símbolo da regeneração e conquista dos direitos perdidos com a queda. Esta imagem da árvore é tirada do relato de Gn. 2.9 e 3.22, a qual tem muita semelhança com o de Ez. 47.12. Isto expressa o triunfo absoluto da vida sobre a morte e o contraste entre a velha e a nova criação.

Ali não haverá mais maldição, porque o pecado já não existe e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro (Ap. 22.3). “E habitarão nela, e não haverá mais maldição porque Jerusalém habitará segura” (Zc. 14.11). Cristo levou a maldição e aniquilou a força do pecado. Agora, Deus será o centro de toda a vida na nova criação e aquilo que era fé passou a ser realidade. E, na cidade não haverá mais noite porque Deus é a sua luz (Ap. 22.5). Isto significa que na presença de Deus a luz é perfeita e as trevas desaparecem por completo.

Então, os santos estarão junto de Deus e reinarão para sempre. “Eis que venho depressa, e o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra” disse Jesus (Ap. 22.12).

Para mais sobre as implicações pessoais no reino leia o meu livro da mesma editora – O REINO DE DEUS.

“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós”.

## CAPÍTULO DOZE

### A PAROUSIA

#### OU A PRESENÇA DE CRISTO

O livro de Apocalipse está dividido em três secções conforme Jesus falou a João: “Escreve as coisas que tens visto (1), e as que são (2), e as que depois destas hão de acontecer (3).” As primeiras coisas, que já tinham passado, encontram-se no capítulo um. As segundas, que estão decorrendo, dizem respeito à igreja, e encontram-se nos capítulos dois e três. As terceiras, que se serão depois destas, referem-se ao que vai para além da igreja, e são descritas nos capítulos quatro a vinte e dois.

É digno de nota que o capítulo quatro inicia com a frase “depois destas coisas” duas vezes no mesmo verso referindo-se, naturalmente, aos acontecimentos que seguiriam o arrebatamento da Igreja. Também, daqui para diante, João não menciona mais a Igreja de Cristo, naturalmente, porque ela foi tirada da Terra para não sofrer a grande tribulação infligida pelo anticristo. Porém, deve-se tomar em consideração o facto de existir a grande prostituta (o que significa apostasia religiosa) na grande tribulação, a qual será destruída pela besta.

O Senhor Jesus prometeu levar os seus discípulos para novas moradas e, naturalmente, cumprirá a Sua promessa (Jo. 14.1-3). Por este motivo os apóstolos acreditavam que os fiéis a Cristo não passariam pela grande tribulação. Embora tenham

ensinado que importa entrar no reino de Deus por muitas tribulações, não se referiam ao porvir, mas ao presente (Act. 14.22; Rm. 8.18; 2 Co. 7.4).

Ainda que Jesus tenha ensinado que no mundo teremos aflições, ou tribulações, referia-se ao tempo presente da Igreja (Jo. 16.33), e não à grande tribulação infligida pelo anticristo, como nunca houve desde o princípio (Mt. 24.21). Por que permitiria Ele que os seus santos fossem destruídos por gente ímpia deixando de cumprir a sua promessa? Além disso, Paulo escreveu que esperava a redenção do corpo, para o que fomos selados, cujo penhor de garantia é o Espírito Santo (Rm. 8. 23; Ef. 1.13,14; 4.30). Em Efésios 1.7 lemos da redenção espiritual, enquanto no verso 14 se lê da redenção física. Jesus deu instruções acerca dos sinais que precederiam a redenção do corpo (Lc. 21.28).

Paulo recorda aos cristãos de Tessalónica algumas características da sua fé: Conversão dos ídolos, serviço ao Deus vivo, e esperança no livramento da ira futura (1 Ts. 1.9,10). No capítulo três, verso treze, aconselha santidade a fim de sermos encontrados irrepreensíveis (com todos os santos) na vinda do Senhor. Esclarece ainda que, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, também do mesmo modo Deus levará (“ἄξει” de ἄγω, levar) com Jesus os que dormem, para encontrar o Senhor nos ares (v. 17). No capítulo cinco, versos oito e nove, o apóstolo escreve sobre a esperança da salvação porque não fomos destinados para a ira. Esta esperança não pode ser outra senão a salvação da grande tribulação para os fiéis.

O exposto acima esclarece Apocalipse 3.10 que diz: “Porque guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da prova que há de vir sobre todo o mundo, para provar os que habitam sobre a terra.”

Quanto à ressurreição dos mortos será conveniente lembrar o que o primeiro doutor da Igreja ensinou em 1 Coríntios 15.35-49. “Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo spiritu-

al. Se há corpo animal, há também corpo espiritual” (v. 44). E isto diz respeito a todos, mesmo aos de Apocalipse 20.4. Se ali é dito que os degolados viveram, entenda-se que receberam novos corpos, espirituais, isentos da corrupção. Quanto aos outros, no verso cinco, só tiveram (ou terão) essa experiência no final dos mil anos para comparecer no julgamento final e serem condenados.

Também, a dificuldade em entender duas ou três ressurreições poderá ser resolvida com o versículo vinte e três da primeira carta aos coríntios. Imediatamente antes da Tribulação ressuscitarão os que morreram em Cristo, seguindo as primícias. Logo após a Tribulação ressuscitarão aqueles que se decidiram por Cristo, e foram degolados porque não adoraram a besta, nem a sua imagem, nem receberam o seu sinal. Todos estes fazem parte da primeira ressurreição, cujas primícias é Cristo.

Quanto aos outros, estão reservados para comparecer perante o Trono Branco e aí serem julgados (Ap. 20.13,14). Assim, haverá duas ressurreições com intervalo de mil anos, como também há duas mortes, a separação do corpo e a separação de Deus. A palavra viveram “ἐζησαν” (ézêsan), naturalmente não exige uma ressurreição física; mas, aqueles que deram a vida por Cristo hão-de viver ao Seu lado com esses corpos celestes dados por Deus (cf. 1 Co. 15.38,40), semelhantes ao do seu Senhor que vive eternamente (Ap. 1.18).

Primeiro, Ele chamará das nuvens os membros da sua Igreja e só estes o verão. Então, em resposta ao clamor de Israel, na sua tribulação, aparecerá para conceder-lhe a vitória e o reino. Jesus, quando chorava sobre Jerusalém, afirmou que “desde agora não me vereis até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor” (Mt. 23.39). Ora, Israel estará disposta a recebê-lo quando se encontrar em grande tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo (Mt. 24.21).

A sua vinda, ou “παρουσία” (parusia), descrita no verso trinta, será observada em toda a terra com manifestação de po-

der e grande glória, para pôr fim à tribulação, o que está de acordo com Apocalipse 19. Aquela palavra aparece no N.T. dezassete vezes com referência à vinda do Senhor Jesus e tem o sentido de “estar ao lado.”

A volta de Cristo não acontecerá até que se cumpra o que está descrito em 2 Ts. 2. 3-8: a apostasia, o iníquo, e a sua oposição a Deus. Acerca da apostasia recordemos as palavras do Senhor: “Quando vier o Filho do Homem, porventura achará fé na terra?” (Lc.18.8) É preciso tomar em consideração de que a apostasia é o factor número um que contribui para o aparecimento do anticristo. E por apostasia entenda-se o afastamento da fé no messianismo de Cristo em favor doutro, porém falso, embora permitido por Deus (2 Ts. 2.9-11). Esse iníquo fará um pacto com Israel por sete anos (Dn. 9.27). Então, no final dessa semana de anos, “quando disserem que há paz e segurança virá repentina destruição” (1 Ts. 5.3).

Notemos também o relato de Mateus a respeito da pós-tribulação: “E quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele e apartará uns dos outros como o pastor aparta dos bodes as ovelhas” (Mt. 25.31, 32). Da mesma forma acontece com a passagem de Lucas 17.26, 27, que assemelha a sua vinda ao dilúvio com a destruição dos ímpios.

A tribulação agravar-se-á gradualmente durante aqueles sete anos. No princípio, com a ajuda do falso profeta, o iníquo ganhará popularidade e o apoio do povo (2 Ts. 2.9,10; Ap. 13.12). Então, será notado um grande controlo sobre a humanidade. Assim como Deus marca os seus, também o anticristo terá a sua marca para controlar os dele (Ap.13.16,17).

A primeira parte da semana (3,5 anos), é revelada pelos primeiros seis selos no capítulo seis do Apocalipse, que a marcam por caos social. A segunda parte é revelada pelas trombetas e as taças nos capítulos oito a dezoito. Haverá um remanes-

cente de Israel que não apostatará, os quais serão marcados com o selo de Deus (Ap. 7.4; 14.4). Estes serão as suas testemunhas durante o governo do anticristo, o qual degolará a muitos fiéis ao Messias, mas viverão para reinar com Cristo (Ap. 20.4).

O final da semana será o mais terrível. Deus ajuntará os exércitos das nações no vale de Jeosafá para lhes infligir o seu juízo (Jl 3.9-14). Esta será a batalha do Armagedom descrita pelos profetas (Ap. 16.16; 19.19; Ez. 38.14-16; 39.1-5).

Então, Israel clamará ao seu Deus e Ele enviará socorro pelo Messias (Mt. 23.39) acabando com a tribulação (Zc. 12.10,11; 13.9 a 14.5). Aí, todos verão aquele que traspassaram (Zc. 12.10; Ap. 1.7). Como resultado, o armamento será destruído por não ser mais necessário, nem aprenderão mais a guerrear (Ez. 39.9; Miq. 4.3).

O conceito de “milênio” aparece simplesmente em Apocalipse capítulo vinte, faltando-lhe, por conseguinte, o apoio das demais Escrituras. Mas, nem por isso deixará de ter validade se tomarmos em consideração o seu autor humano.

As expressões mais encontradas em toda a Bíblia referem sempre o reino eterno de Deus (Êx. 15.18; Sal. 10.16; 146.10). Daniel, na interpretação do sonho de Nabucodonozor, referiu que será estabelecido um reino para sempre (Dn. 2.44). As visões de Daniel referem o reino eterno do Altíssimo (Dn. 7.14,18,27)

Acerca de Jesus foi escrito que “o Senhor lhe dará o trono de David, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim” (Lc. 1.32). Em Apocalipse 11.15 e 22.5 ficou escrito que Ele reinará para sempre. Devemos reconhecer que o reino chegado com Jesus jamais terá fim, porque não haverá mais que um reino de Deus, mas terá fases até à sua consumação final. O Senhor teria isto em mente quando mudou a sua expressão acerca do reino. Concernente à primeira fase ordenou: “Curai os enfermos que nela houver, e dizei-lhes: É chegado a vós o reino de Deus” (Lc. 10.9). Com referência à

segunda fase, ou consumação, avisou: “Quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o reino de Deus está perto” (Lc. 21.31). É a esta segunda fase, após a tribulação, que João denomina milênio, porque passado esse tempo, chegará outra fase do mesmo reino de Deus para toda a eternidade (Ap. 21 e 22.5).

MARANATA

### *PALAVRAS DE S. PAULO*

*“Sempre damos graças a Deus por vós todos,  
fazendo menção de vós em nossas orações,  
lembrando-nos sem cessar da obra da vossa fé,  
do trabalho do amor, e da paciência da esperança  
em nosso Senhor Jesus Cristo diante de nosso Deus e Pai;  
Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus;  
1 Tes. 1.2-4*

*“Pelo que também rogamos sempre por vós,  
para que o nosso Deus vos faça dignos da Sua vocação  
e cumpra todo o desejo da Sua bondade  
e a obra da fé com poder  
para que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo  
seja em vós glorificado, e vós nele,  
segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.”  
2 Tes. 1.11,12*

## BIBLIOGRAFIA

Bancroft, *Teologia Elementar*, Imprensa Batista Regular, 1979, Brasil.

Bíblia Sagrada, *Almeida*, Brasil.

Bíblia Hebraica, *The Bible Society*, 1970, Israel Agency.

Costa, J., *Frases Célebres de Personalidades Ilustres*, Editorial Maranata, 1984, Coimbra.

Nestle-Aland, *Novo Testamento Grego*, United Bible Societies, 1975, London.

Wilson, Concordance, *Old Testament Word Studies*, Kregel Publications, 1980, U.S.A.

Pearlman, *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, 1963, Brasil

Petter, Hugo M., *La Nueva Concordancia Greco-Española*, Editorial Mundo Hispano, 1980.

.Roslim, Duncan, *A Bíblia e a Igreja*, ICI-FAETAD, 1988, Brasil.

Sawadogo, Munger, *O Reino, O Poder e a Glória*, ICI, 1982, Bélgica.

The Ante-Nicene Fathers, *The Sage Digital Library*, 1996, U.S.A.